

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO

THAYANE CAZALLAS DO NASCIMENTO

O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE:
A política e a estética

SÃO LEOPOLDO
2013

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

THAYANE CAZALLAS DO NASCIMENTO

O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE:

A política e a estética

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção de título de Mestre, pelo programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gadea Castro

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Portanova Barros

SÃO LEOPOLDO

2013

N244c Nascimento, Thayane Cazallas do
O Centro de Mídia Independente: a política e a estética / por Thayane
Cazallas do Nascimento. – São Leopoldo, 2013.

140 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2013.
Orientação: Prof. Dr. Carlos A. Gadea Castro; Coorientação: Prof. Dr.
Eduardo Portanova Barros, Ciências Humanas.

1.Movimentos sociais – Jornalismo. 2.Jornalismo eletrônico. 3.Mídia
social. 4.Mídia alternativa – Centro de Mídia Independente. 5.Sociologia da
comunicação. I.Castro, Carlos A. Gadea. II.Barros, Eduardo Portanova.
III.Título.

CDU 323.4:070
070:004.738.5
316.77

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Dedico este trabalho a Nilza Maria G. Cazallas, minha avó, que em nenhum momento duvidou de que este mundo de mestrandas poderia ser um dia o meu. À Ulysses Cazallas (in memoriam), meu avô, meu pai, por toda a paciência de ter corrigido as minhas primeiras redações, onde estiver, esteve sempre comigo, no meu coração. À Luiz Felipe Cesar Kingeski, meu namorado, companheiro, amigo, dedicado, e sagaz, obrigada por todas as conversas, pela paciência, e pelo amor. É para eles que dedico este momento único que vivi, pois sempre estiveram nas horas mais difíceis e as quais jamais sairão de minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu irmão mais novo Pablo Juan, que apesar de tão jovem precisou ser tão sábio, e mostrou uma força imensa perante o processo de descoberta de sua doença, que hoje foi superada. Além de seu incentivo aos meus estudos, e compreensão aos termos técnicos pertencentes ao universo da internet, assim como pertencentes ao seu mundo. Amo muito você, e admiro muito este “nerd”, obrigada por tudo.

Agradeço ao meu amigo B.J pela entrevista cedida, sem esta, nada seria a mesma, obrigada pelo esforço e pela memória também, os detalhes ficam por toda vida e na alma. Grande abraço, estamos para caminhar por aí.

Agradeço à rede de pessoas anônimas que constroem e distribuem os conteúdos de documentários, os quais repassam e deixam livre na rede de internet para que indivíduos interessados ou desinteressados possam em algum momento acessar estes conteúdos, agradecimentos aos que formam a rede de conhecimentos anônimos e aos colaboradores anônimos do Indymedia.

Ao meu orientador Carlos Gadea, por sua persistência, e pela capacidade indiscutível quanto orientador. Também agradeço por sua vontade em insistir no trabalho em que visualizei desde o começo do mestrado. Obrigada pela experiência e pelo crescimento proporcionado em minha trajetória acadêmica.

Ao meu coorientador Eduardo Portanova Barros, pela oportunidade de caminhada neste trabalho de pesquisa de mestrado. Muito obrigada pela experiência proporcionada, pelas ideias e pela paciência. Obrigada pelo carinho e pela contribuição ao meu crescimento nesta história.

Aos meus amigos de mestrado que fizeram da minha trajetória de mestranda, algo frutífero às lembranças, meu carinho a Lú, Sol, Ricardo e Roseli.

A minha amiga Sabrina Vidal, por este encontro, neste momento de minha vida. Estes seus os meus agradecimentos sinceros.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho procura compreender um grupo político de mídia independente, surgido no ano de 1999, intitulado de Indymedia, conhecido mais popularmente como Centro de Mídia Independente- CMI. A pesquisa se dedica as temáticas relacionadas à rede virtual da internet, contexto em que se desenvolve o eixo temático central: a política e estética (no sentido comunitário) deste grupo do CMI. A pesquisa conta com as imbricações do movimento cidadão global, na cidade de Seattle como o lugar onde “tudo” começou lugar de inspiração ao primeiro coletivo CMI, posteriormente ao primeiro coletivo, e em uma grande velocidade, se consolida outros coletivos por diversos países do mundo. Por considerar as mudanças no cerne do grupo político de mídia, dedicamos uma reflexão pautada nos seus “primeiros períodos”, onde podemos acompanhar suas atividades, em comparação ao “segundo ciclo” do CMI, que demonstra em relação ao primeiro ciclo diferenças notáveis em suas atividades, estas equivalentes às transformações da comunicação, do acesso à rede na sociedade contemporânea. A pesquisa conta com uma entrevista de um ex-voluntário do coletivo de Porto Alegre-RS, dedicada à aproximação das atividades e da participação dos ativistas dentro do coletivo. A pesquisa perpassa por conceitos de redes, internet, ciberespaço, coletivos e culturas da internet.

Palavra-chave: Redes. Ciberespaço. Coletivo. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This paper seeks to understand a political group of independent media that was created in 1999 and is called Indymedia - IMC. The research is dedicated to related themes such as the Internet's virtual network, context in which the main theme develops: the politics and aesthetics (in the community sense) of the IMC group. The research counts with the imbrications of the global citizen movement, in the city of Seattle as the place where "everything" started, as a place of inspiration to the first IMC collective, and latter the first collective, and in a great speed, consolidates more collectives in many countries. Considering the changes in the core of the political group of media, we dedicated a reflexion based on the "first times", where it can follow the relation between the first period and it's notable differences of activities, the in which are equivalent to the transformations of communications, form the access of the network in the contemporary society. The research counts with a interview with the ex-voluntary of the Porto Alegre-RS collective, dedicated to bring together the activities and the participation of the activists with in the collective. The research goes through the concept of network, cyberspace, Internet culture and collectives.

Key Words: Network, Cyberspace, Collective, Contemporaneity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ativismo Criativo ou Arte Ativista- criar um mundo em liberdade.....	65
Figura 2 – Joinville/SC- Manifestações contra o aumento das Tarifas.....	66
Figura 3 – SP- AMORTLOTOV: uma balada de rancores flamejantes!.....	67
Figura 4 – Brad Will, presente!	68
Figura 5 – Notícia: “26 de Outubro- Dia Nacional de Luta pelo Passe Livre”.	69
Figura 6 – “Pistoleiros atacam acampamento Guarani Kaiowá e indígena está desaparecido”.	70
Figura 7 – “(SP) Os 11 do Xingu- Ato contra a criminalização da luta contra Belo Monte. Não Passarão!”	71
Figura 8 – “MSTF-DF ocupa prédio abandonado em Taguatinga”.....	72
Figura 9 – “Escutaram? É o som do seu mundo desabando. É o do nosso ressurgimento”.....	73
Figura 10 – “Ato do dia 10- contra o genocídio da juventude negra”.....	74
Figura 11 – Local dos Artigos Escondidos.....	75
Figura 12 – Entrada para as listas de discussão do Indymedia.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Internet e acesso	25
Quadro 2 – Temáticas de notícias	42
Quadro 3 – Temáticas publicadas no CMI	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 AS INTERSECÇÕES DO PROJETO DA INTERNET E DAS REDES- SEU HISTÓRICO E CONTEMPORANEIDADE.....	15
2.1 AS TECNOLOGIAS COMPUTACIONAIS E A CIBERCULTURA.....	30
2.2 DA “CIBERGUERRA” E DAS MANIFESTAÇÕES ATRAVÉS DAS REDES DA INTERNET 2.0.....	37
2.3 UMA LIBERDADE QUE PRECISA SER ACESSADA- AS AMEAÇAS CONTRA A LIBERDADE DE ACESSO A INTERNET.....	41
3 O MOVIMENTO “ANTIGLOBALIZAÇÃO, MÍDIA E POLÍTICA”: O SURGIMENTO DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE.....	49
4 INDYMEDIA - O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE.....	55
4.1 O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE- BRASIL.....	58
4.2 “SEJA A MÍDIA, FAÇA A MÍDIA” – O CONVITE À PARTICIPAÇÃO A CONSTRUÇÃO DA REDE CMI.....	60
4.3 A ESTRUTURA DA REDE, ORGANIZAÇÃO E O CORPO EDITORIAL NÃO HIERÁRQUICO.....	76
5 A COMPREENSÃO DA POLÍTICA E DA ESTÉTICA DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE.....	88
6 O “NÒS” COMUNITÁRIO DO CMI A PARTIR DA TRASNFIGURAÇÃO DO POLÍTICO.....	93
7 REFLEXÕES ÀS MUDANÇAS DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE BRASIL.....	100
7.1 “PRIMEIRO CICLO” DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE.....	100
7.2 “SEGUNDO CICLO” DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE BRASIL ...	110
8 BRAD WILL, UM “ROSTO” DO CMI, NÃO UM MÁRTIR.....	117
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	126
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM EX-VOLUNTÁRIO DE PORTO ALEGRE/RS.....	130
APÊNDICE B – QUADRO DE PONTOS DE COLETIVOS DO CMI.....	138
ANEXO A – IMAGENS E SLOGANS DO CMI.....	140

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo propor uma discussão entre a relação da política e da *estética* (MAFFESOLI, 1997) presente no grupo político de mídia Indymedia - Centro de Mídia Independente (CMI) - sobre as novas organizações da rede e da cultura de internet apresentadas nesta sociedade contemporânea.

Nosso olhar se direciona ao estudo do grupo de mídia independente - Centro de Mídia Independente *Brasil* -, nos proporcionando dentro do seu quadro de organização, de princípios, e das ideologias as quais estruturam estes “princípios”, a base necessária para a interpretação da política do grupo.

Também propomos, no desenvolvimento deste trabalho, um horizonte sociológico muito presente que cada vez mais está ligado à comunicação que se desenvolve através da internet e das figuras por ela representadas na atualidade, apontando principalmente o que estamos vivendo nestes últimos tempos.

Em relação à temática buscamos as faces da política e da estética encontradas neste grupo que tentamos dissertar a partir do trabalho. Buscamos a contextualização do surgimento do Centro de Mídia Independente, passando pelo que consideramos como o “primeiro ciclo” e o “segundo ciclo” do CMI.

Os objetivos concernem a caracterizar a rede e o grupo político de mídia CMI; seus propósitos; funcionamento e sua organização enquanto coletivo. Além desta perspectiva, vemos como objetivos específicos relacionar a intersecção deste grupo político de mídia na sociedade contemporânea, buscando apresentar a sua problematização através da crescente presença do uso das redes de comunicação da internet e dos ciberespaços através da compreensão da política do CMI e da sua estética (seu aspecto agregador e comunitário enquanto grupo coletivo e ciberespaço).

A justificativa delimitadora identifica a pouca visibilidade acadêmica do tema escolhido para pesquisa. O Centro de Mídia Independente é um marco das mídias independentes; um exemplo do que possa ser um meio de rede desencadeadora de redes complexas e das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). Considera-se este trabalho relevante às Ciências Sociais de maneira a pensar as tecnologias, as redes de internet como local e espaço para ações coletivas através dos novos arranjos consolidados na sociedade presente, assim como seus aspectos entre coletivos/individualidade e comunidades virtuais.

Como hipóteses, nos direcionamos a intensificação de compartilhamento de ideias que ultrapassam a relação do virtual para o “real”, o físico. A tendência de coletivos e comunidades virtuais é uma tendência interpretativa de pensar na concepção dos coletivos do que em individualidades. O CMI apesar de mostrar uma forte desarticulação dos seus coletivos estáticos, o que aponta para o período de transformação na sociedade das redes, tornou-se um ponto auge, em que a comunicação desta rede alcança a finalidade de fortalecimento de *redes das redes*.

Em relação à metodologia adotada, e a abordagem do problema se constrói através da qualitativa/quantitativa. Quanto aos objetivos, encontramos a metodologia exploratória, descritiva e explicativa, pendendo para um trabalho de campo que pode ser também encarado como um “estudo de caso”, dadas as questões pertinentes de traçar este grupo político de mídia em vogue.

Foi utilizado nesta metodologia o levantamento documental como fontes primárias produzidas e disponíveis na rede pelo CMI, contando com a utilização dos recursos disponíveis na rede (o próprio site do CMI), produções audiovisuais entorno da temática (documentários). Como fontes secundárias foram realizadas o que se compreende como “estudo da arte”, produção em torno da temática pesquisada, artigos e dissertações. A relação bibliográfica deteve-se em aprofundar o histórico das redes da internet, tecnologia e sua atuação na sociedade contemporânea, a estrutura e desenvolvimento global dos ciberespaços.

E a fim de traçar uma maior apreensão ao objeto pesquisado, e aprofundamento da temática de *participação*, foi realizada uma pesquisa de campo que colaborou de maneira extremamente positiva para a apreensão da escrita e vivência em relação aos conteúdos dedicados às redes de internet, coletivos e ciberespaço. Através da pesquisa de campo, surgiu a oportunidade de contar com uma entrevista com um ex-voluntário do CMI de Porto Alegre/RS, e o objetivo da entrevista buscou contemplar o campo de pesquisa e as vivências dentro do CMI. A metodologia permanece sobre o advento qualitativo, com técnicas de entrevista sobre “perguntas abertas”, utilizando o recurso de gravação em vídeo, posteriormente sua transcrição.

Em relação aos autores, contextualizamos a política do CMI em Maffesoli (1997), também nos debruçamos para a interpretação dos grupos, coletivos e comunidades contemporâneas em Maffesoli (2006, 1996, 1995), colocando-as como leituras que reforçam estes eixos temáticos.

Como introdução ao universo do Centro de Mídia Independente Brasil, temos como eixos estruturantes à sua formação as redes de internet, o ciberespaço, e a cibercultura (Castells, 2003), fundamentais para introduzir a História que hoje usufruímos, pois se trata em especial de toda uma relação da sociedade com as tecnologias de rede.

Em relação ao universo dos ciberespaços, do ciberativismo e da virtualização, nos debruçamos nas leituras de Lévy (1999, 1996) que nos proporciona a perspectiva da rede de internet como aspecto agregador e possível de ser apontado como um espaço e um lugar do comunitário na contemporaneidade. Por fim, esboçamos a comunicação das redes (Lévy, 2000) como um projeto em que a rede sinaliza para uma nova forma de sociedade.

O contexto o qual se apresenta o CMI surge dos debates e manifestações de grupos, coletivos, ONGs, e de movimentos sociais, estes considerados novos movimentos sociais, pela forma com que se apresentam na contemporaneidade. Possível de apurar esta concepção de novos movimentos sociais, através dos movimentos antiglobalização, ou do “movimento cidadão global”.

Consideramos o CMI como “movimento dos movimentos” (CMI, 2005) - denominação do próprio coletivo, por fornecer e buscar, dentre os seus objetivos da rede CMI, a exposição dos movimentos sociais no formato de notícias, informações, imagens e vídeos, sem restrições a nenhum deles, como os da reivindicação por moradia tanto urbana quanto rural; entre outros estão as feministas, os ambientais, as organizações trabalhistas e sindicais, e os grupos políticos e ativistas, pois o “movimento dos movimentos” se dedica às diversas reivindicações, causas e lutas particulares.

Também concernem ao CMI as características vividas por esta sociedade globalizante, em que as barreiras do tempo e o espaço podem ser superados pela transposição dos ciberespaços, onde se encontram a valorização do local, e de seus acontecimentos particulares para uma junção à acontecimentos isolados que repercutem no mundo.

Este sentido de local/global (Santos, 2000), só foi possível a partir da expansão das tecnologias comunicacionais e informacionais encontradas na globalização, que é um sistema que visa a expansão econômica, através de diretrizes industriais, comerciais políticas e tecnológicas.

No tocante a isso, seria esta mesma globalização que também surge como “globalização perversa” (SANTOS, 2000), a qual aparece sob a ótica deste grupo de

mídia do CMI. A perversidade vem no sentido crescente de uma política empresarial e dos seus projetos desmedidos à população, uma das grandes expressões das dizimações da vida social, cultural e ambiental.

Impulsionados pelos protestos em Seattle, dado o encontro da OMC, os quais não se dedicam a expressar uma única cultura, mas sim, as “multiculturas” presentes, observa-se que a contestação a este modelo de globalização não é a antiglobalização, mas as multivisões as quais alegam um modelo injusto, desigual e perverso.

Ainda a falar sobre globalização, a proposta é visualizar a outra globalização como o modelo possível, baseada na ética, em um sentido de valorização dos espaços sociais, das diferenças e das multiculturas, respeitando suas particularidades, direitos e necessidades, dentro da construção das histórias de vida.

A imbricação da globalização perversa e da globalização possível permite-se chamar de “movimento cidadão global” conhecido como “movimento antiglobalização”, na cidade de Seattle em 1999 (N30), (BRINGEL, MUNÕZ ,2009), sendo o local e o momento inspirador para o surgimento do Centro de Mídia Independente.

A motivação para tal empreendimento e a montagem do ciberespaço do CMI permitiria que imagens, notícias e informações destes acontecimentos em Seattle pudessem ser compartilhadas com a população conforme o olhar de uma mídia desprovida de interesses, fora a própria notícia.

A postura da mídia tradicional, quanto ao que se passava no local das manifestações, se posicionava nos primeiros dias através do silêncio, seguido da ausência de informações conforme os dias das manifestações, e suas notícias não eram compatíveis aos acontecimentos ocorridos nas ruas.

Esta iniciativa de um ponto de vista da mídia independente colocou em movimentação as ideias da mídia independente, reforçando os conceitos de mídia e de rede *dinâmica e descentralizada* como o entendimento prático da *comunicação horizontal*; pontos e eixos inspirados na própria “cultura hacker”, as quais possibilitam a liberdade de ação de redes independentes ao redor do mundo.

Como uma tríade, Seattle, as redes de internet e o CMI, possibilitaram a rede solidária ao redor do mundo, devido a identificação com os protestos em Seattle e da sua difusão a partir da mídia independente que, através da rede, permitiu que outros países, cidades e locais, entrassem na “onda” de protestos.

Permitiu também escrever a História, por outros códigos, surgindo, a partir deste período, o enredo de histórias particulares como a de Brad Will e de tantos outros ativistas. Como coletivos, a sua imagem marca o ritmo festivo e musical, proposta que marca os novos movimentos na contemporaneidade, pois estes buscam a *ação não violenta* como forma tática de reação aos atos de violência cometidos por policiais ou por outros grupos mais radicais de esquerda.

A proposta é acompanharmos esta política ativista a qual aparece através das contestações muito demarcadas nas passagens da composição formadora do grupo político de mídia, bem como considerar os aspectos agregadores do coletivo e do grupo do CMI.

É através deste grupo político de mídia, assim identificado pelo próprio CMI, que buscamos o lugar do comunitário (MAFFESOLI, 1997) muito presente nos grupos, comunidades e no caso dos coletivos contemporâneos. A intenção é destacar o que para o CMI representa não só a sua política como também a sua estética.

2 AS INTERSECÇÕES DO PROJETO DA INTERNET E DAS REDES- SEU HISTÓRICO E CONTEMPORANEIDADE

Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-las, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY,1999, p.12)

A Internet tem em sua nascente, o que Castells (2003) denomina de “culturas da internet”, tendo esta concepção de “cultura” a que apreende os significados da vida social coletiva e suas ideias comuns, remetendo-nos ao comportamento, interesses, relações e objetivos dos indivíduos em um determinado momento da sociedade; nesse caso, de uma sociedade específica dos anos 80 e dos indivíduos interessados no desenvolvimento da tecnologia da computação.

Neste capítulo, de forma a introduzir o universo que estrutura o nosso objeto da pesquisa, nos debruçamos sobre as obras de Manuel Castells (2003), com o intuito de apresentar uma leitura mais atenta à pesquisa realizada pelo autor nestes períodos da História - entre a descoberta e o furor de estudantes pesquisadores e as ideias e formulações tecnológicas. Traçamos também, neste período, o projeto para a utilização dessa tecnologia, seguindo das discussões sobre o uso das redes e da internet.

As intersecções da tecnologia computacional à sociedade obtêm um novo sopro na sociedade contemporânea, revestida de complexidades no que se refere à organização social, às manifestações e protestos da sociedade civil, não obstante as ações coletivas serem reconhecidas como um dos meios que utilizam as ferramentas de comunicação da Internet, lembrando as ações de *Seattle em 1999*, e anos depois nas ações dos *Anonymous*, *Indygnados*, *Occupy Wall Street*, *Primavera Árabe* e dos *Wikileaks* os quais desenham ações através da internet na contemporaneidade.

Antes de adentrarmos nos temas referidos às ações coletivas fomentadas pelas ferramentas da internet¹, observemos que as palavras comunidade e coletivo aparecem

¹A diferença é clara, as ações coletivas não são motivadas pelas internet, mas sim impulsionadas pela ferramenta da mídia da internet.

fortemente dentro das relações de redes; o detalhe possível de comparação está para a ideia de que a internet colocaria em risco uma sociedade já marcada por sua individualidade, temerosamente pensada na expansão do individualismo e a baixa interação social.

Nos anos 90, (CASTELLS, 2003), a preocupação em relação à individualização social e a alienação de seus usuários no uso dos novos “adventos tecnológicos” provocou uma divisão de pensamentos, de um lado uma sociedade preocupada com a individualização desencadeada pelas máquinas computacionais, de outro, os incentivadores das comunidades virtuais.

As primeiras ideias em torno das comunidades virtuais sinalizavam para a concepção da espera do “novo” arranjo social, das possibilidades propostas por uma comunidade em um sentido muito próprio de comunidade, o de agregar as pessoas de “formas diferentes de interação”, essas já estabelecidas pelos encontros festivos de seus bairros, das praças e das cidades. Em meio a essas relações estaria uma máquina, e essa discussão do termo “comunidade” gerou discussões ideológicas. Até então o termo era visualizado pela relação no espaço físico, no contato visual etc.

Mas há outras possibilidades, pois “a internet é o tecido de nossas vidas”, (CASTELLS, 2003, p.13); estamos no tocante das formas apaixonadas e provocadoras de “chegar ao mundo” do conhecimento, de suas interações complexas de “como vivemos neste mundo”, sem nos separarmos dos usos, objetivos e das suas sociabilidades possíveis de serem vistas nas relações do desenvolvimento dessas histórias na História, assim:

A história da criação e do desenvolvimento da Internet é a história de uma aventura humana extraordinária. Ela põe em relevo a capacidade que têm as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo. Reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade. (op.cit. p.13)

Como poderemos ver mais adiante neste capítulo com as “culturas da internet”, é na base do “cooperativismo” e na liberdade de criação que está debruçada a criação da Internet e na troca para um “objetivo comum” em compartilhar com todas as tecnologias de comunicação e informação. O “Todo”, o coletivo, a comunidade, o indivíduo e o outro em suas relações, essa é a internet, incrivelmente criativa que nos serve na atualidade, cheia de contrastes, porque a internet “é uma tecnologia

particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda uma série de resultados sociais potenciais - a serem descobertos por experiência, não proclamados de antemão”. (op.cit. p.10)

Neste contexto, esta é a internet que nos serve na atualidade, estabelecida pelos traços das disputas humanas no período da globalização, mas sem se abster dos valores reforçados das liberdades da informação - econômicas, políticas, esportivas, sérias e banais - e das suprainteressadas nas redes de relações sociais. A partir desses interesses de lazer e entretenimento, é compreensível o seu surgimento.

O surgimento da internet originou-se de uma rede de computadores, nomeada de *Advanced Research Projects Agency (ARPA)* no ano de 1969, apesar de ter sido fundada, no ano de 1958, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, (CASTELLS, 2003, p.13), tendo a missão de traçar uma “mobilização de recursos de pesquisas” a fim de alcançar a superioridade tecnológica militar.

Para que isso pudesse ser possível, contavam com as pesquisas advindas do “mundo universitário”, berço de proliferação de interessados na internet. Além disso, os Estados Unidos esperavam que essa superioridade tecnológica militar estivesse à frente da União Soviética, em meio a uma disputa para lançamento do Sputnik (1957).

Junto à sua história, existem três relações fundamentais entre big science, pesquisa militar e cultura libertária, e apesar do projeto da Internet estar ligado aos projetos militares da Arpanet, o seu impulso era promovido por estudantes acadêmicos, hackers e estudiosos das tecnologias da computação. Havia um grande interesse pelos recursos oferecidos às pesquisas para o projeto das interconexões de computadores, o que colaborava com estes grupos de pesquisadores. Desta forma, as imbricações sociais da tecnologia computacional e projetos militares, poderiam, por algumas escolhas deste projeto, se desviar para outros interesses, porém:

A sorte na história da Arpanet foi que o departamento de Defesa, num caso raro de inteligência organizacional, instituiu a ARPA como uma agência financiadora e orientadora de pesquisas dotada de considerável autonomia. A ARPA veio a se tornar uma das mais inovadoras instituições de política tecnológica do mundo, e de fato o principal ator na política tecnológica dos EUA não apenas em torno da interconexão de computadores, mas em vários campos decisivos de desenvolvimento tecnológico. (op.cit.p.22)

A Arpanet está estreitamente ligada aos conceitos de um pesquisador das tecnologias computacionais, os conceitos e projetos de Baran, os quais foram fundamentais para a construção da Arpanet, pois seu projeto tinha de fato uma

“orientação militar”, vindo posteriormente a desempenhar o papel da tecnologia de computação de pacotes, formando uma “arquitetura de comunicações” da Internet, fundamentada na descentralização dos pontos da rede em uma comunicação horizontal e autônoma.

Embora estes eixos soem como um funcionamento muito possível de interesses militares, “o embaraço aqui é que a proposta de Baran foi rejeitada pelo Pentágono e ninguém mais tentou implementá-la”, (op.cit.p.22), e o interesse dos cientistas envolvidos na Arpa ou em torno dela eram pouco claros.

Seu projeto consistia em uma estrutura hoje promulgada de:

rede descentralizada; poder computacional distribuído através dos nós da rede; e redundância de funções na rede para diminuir o risco de desconexão. Estas características corporificavam a resposta-chave para as necessidades militares de capacidade de sobrevivência do sistema; flexibilidade, ausência de um centro de comando e autonomia máxima de cada nó.(op.cit.p.20)

O projeto da internet foi ousado demais para a época dos anos 60, tendo na sua construção o interesse de cientistas e pesquisadores, os quais poderiam estar envolvidos ou não com instituições governamentais, com muitos de seus empreendimentos recusados, tanto na esfera pública como na esfera privada. Assim, a internet de início, soava como um *projeto ousado e audacioso*, em uma época em que as corporações “não se dispunham a arriscar capital e pessoal em tecnologias visionárias”.

A história da Internet é longa, mas ela parte de um princípio de criatividade, “sonho científico de transformar o mundo através da comunicação por computador” (CASTELLS, 2003, p.21), e dos que apenas gostariam de promover a ciência computacional. Segue sobre o seu desenvolvimento também os *interesses desinteressados*², como nas primeiras salas de bate-papo destes grupos em rede, a fim de proporcionar um espaço para as conversas dos estudantes³, inclusive de utilizar a rede para conversas desprovidas dos projetos da rede; nesse caso havia uma lista bem popular da ARPA, o SF-Lovers, dedicada aos fãs de ficção científica.

A transição da Internet passa do momento dos projetos para uma inserção da Internet civil, em seguida à privatização, a qual é administrada pela *National Science*

²Termo criado pela autora.

³Estudantes de graduação e pós-graduação, envolvidos com os desenvolvimentos nucleares da rede.

Foudation. Posteriormente, no ano de 1990, muitos dos cientistas foram trabalhar em grandes corporações, dado o compartilhamento de seus conhecimentos apropriados aos interesses de expansão comercial da internet, agregado aos arranjos de comunicação de empresas.

Existia uma juventude dedicada ao desenvolvimento dos meios tecnológicos, e pode ser reconhecida essa *juventude* como o impulso necessário para a criatividade do projeto da Internet. Estes grupos também viveram em um contexto propício para pensar os recursos da comunicação como instrumento de libertação através do favorecimento da *big science* e da *cultura juvenil*, apesar de não terem pretensões contra culturais.

O estado nascente da *cultura da internet*, de forma objetiva, traz quatro grupos que foram e ainda são significativos para a introdução das ferramentas comunicacionais da Internet, e atuantes para o seu funcionamento (CASTELLS, 2003). São eles: *a cultura das tecnoelites, a cultura dos empresários, a cultura dos hackers e a cultura comunitária virtual*.

As tecnoelites são a essência da internet, determinam o progresso da humanidade e surgem do interesse da academia e da ciência. No pleno exercício da ciência, espalhada pelos estudantes de pós-graduação, a mistura entre juventude, interesse e curiosidade compunha o elemento único da competição, o que colaborava para a separação dessa cultura. No caso das tecnoelites existe a cultura tecnomeritocrática, baseada em membros dos “tecnologicamente competentes”, em um sentido amplo. “Nessa cultura, o mérito resulta da contribuição para o avanço de um sistema tecnológico que proporciona um bem comum para toda a comunidade de seus descobridores”. (CASTELLS, 2003, p.36).

Os objetivos das tecnoelites são o “aperfeiçoamento tecnológico global”, seguido do reconhecimento dos membros da comunidade, que juntos buscavam a *excelência* através das descobertas realizadas no campo tecnológico. A dinâmica desta comunidade está na promoção e no reconhecimento dos seus membros, elevando os resultados deste grupo em nível de “tradição acadêmica”, produtividade cultural e esforço cooperativo, mantendo a energia sinérgica da comunidade e o reconhecimento da ciência tecnológica como seu maior interesse.

O interesse impulsionado pelos empresários no ano de 1990 colocou a Internet em circulação, tendo como “força propulsora” o interesse no uso comercial (CASTELLS, 2003, p.49). A sua expansão surgiu dos negócios promissores que a própria Internet colocava no seu processo de desenvolvimento, como a capacidade de

autonomia, muito propícia às próprias empresas e ao comércio, estado perfeito da combinação do capital, inovação e perspectivas temerosas de um projeto ainda por caminhar, assim:

A inovação empresarial, e não o capital, foi a força propulsora da economia da Internet. O mais das vezes, esses empresários não investiriam o próprio dinheiro. Não arriscariam muito, talvez apenas seus sonhos, ou o dinheiro seminal que obtiveram de seus sonhos - com exceção de algumas hipotecas executadas. Quando fracassavam, podiam sempre voltar para suas garagens, para suas escolas, ou para seus empregos bem remunerados numa empresa - e para um novo sonho. (...) Mas todos foram capazes de transformar sua capacidade de imaginar novos processos e novos produtos em projetos comerciais adaptados ao mundo da Internet - um mundo que não tinham imaginado, muito menos inventado. (op.cit.p, 50)

Para a economia, foi um momento de “reviravolta”, em que a produção e a administração abriram novos horizontes, transformando-se em meio às novas descobertas tecnológicas, não obstante urgia dominá-las:

Por fim, os empresários da Internet descobriram um novo planeta, povoado por inovações tecnológicas extraordinárias, novas formas de vida social e indivíduos autônomos, cuja capacidade tecnológica lhes dava substancial poder de barganha vis-à-vis regras e instituições sociais dominantes. Deram um passo adiante. Em vez de se entrincheirar nas comunidades formadas em torno da tecnologia da Internet, iriam assumir o controle do mundo usando o poder que vinha com essa tecnologia. Em nosso tipo de mundo, isso significa que a sociedade, essencialmente orientada para o dinheiro partiu para a conquista do mundo e, nesse processo, fez da Internet a espinha dorsal de nossas vidas. (op.cit.53)

Lembrando que, para esta cultura⁴ dos empresários, o que está em jogo é o dinheiro e ganhá-lo com as ideias das comunidades tecnológicas da internet, o que representa um futuro promissor de estratégias e mudanças econômicas visando a promoção das invenções tecnológicas do futuro. Assim, o mercado não só capta este momento de grandes atividades no campo tecnológico, como aposta e impulsiona a

⁴Cultura é o termo que Castells, (2003) utiliza para designar os significados atribuídos aos quatro modula propulsores da cultura da Internet.

⁵Identificação de pessoa.

⁶Existe uma página em construção que tenta traçar os interesses de segurança – Coletivo pesquisado pela autora.

⁷Coletivo Saravá- é um coletivo que trabalha sobre o foco de comunicação, tecnologia e mídias e segurança de rede de internet.

⁸Programador do Laboratório de Inteligência Artificial do MIT. Buscou um novo sistema, o softwar livre.

realização deste potencial, uma vez que respeita o *establishment*, ao mesmo tempo em que o retroalimenta.

A passagem de todo este conhecimento para a sociedade ocorre pelos empresários que, para Castells (2003, p. 49), “*sem intenções as pessoas não agem, e sem a ação desses empresários, orientada por um conjunto específico de valores, não teria havido nenhuma nova economia*”, ou outra expansão em torno dessa cultura. Considerando que, a partir deste momento, o interesse e o poder eram orientados para o mundo dos negócios, porém dinamizando a expansão cultural desses conhecimentos.

Em continuidade aos traços da “cultura da internet”, os hackers são os que estão por detrás de todo este universo da cultura da tecnologia, e é preciso um cuidado especial quando o tema é abordado. As atitudes vindas dos hackers seguem o que se chama da “cultura hacker”, com seus objetivos bem traçados na concepção de *liberdade para redistribuir conhecimento*. Porém, para outros hackers, não é essa liberdade que conta, mas sim, a de *expansão da criatividade e inovação junto à tecnologia*. Também existem os que são nomeados de crackers, vindos da subcultura hacker rebelde. Identificam-se, em sua grande frequência, como a curiosidade de “jovens que tentam provar sua perícia, em geral com conhecimento técnico limitado”. (CASTELLS, 2003, p.46).

Mas por outro lado, os *crackers*, que são mais políticos, possuem uma forma de espalhar a informação e comunicação através dos códigos de segurança que não permitem identificação do IP, em que e-mails, páginas de bate-papo e todo o conteúdo que circula em meio às redes, não poderia ser criptografado, como a maioria dos e-mails: (Hotmail, Yahoo, Bol, etc) e redes (Facebook, Orkut, Blogs, Twitters) que fazemos uso nos tempos atuais.

Hoje em dia existem muitos hackers, como os que “reconhecem-se nos personagens “cyberpunk” da literatura de ficção científica, exercendo sua autonomia social via Internet, em “luta” da preservação de sua liberdade contra a intrusão de quaisquer tipos de poderes, inclusive da tomada de controle de seus provedores de serviço de internet pelas corporações de mídia” (op.cit.p.46), procurando divulgar para movimentos sociais e grupos ativistas, páginas e e-mails de bate-papo seguros. É o caso do Coletivo Saravá-SP e de tantos outros, que têm o foco em discussões e temas de tecnologia, estudando códigos e fontes de segurança, privando o acesso e a vigilância por parte das grandes empresas que fornecem esses serviços.

A figura “hacker” é altamente limitada, o imaginário do pirata virtual e ladrão de dados é confuso e aniquila a participação de seu surgimento na sociedade, assim como de seus valores e objetivos. A grande confusão parte das suas ações particulares, não há como designar o conjunto de interesses contemporâneos, porém compreende-se a partir desta explicitação desse imaginário:

Os hackers não são o que a mídia diz que são. (...) quanto à cultura hacker: “Há uma comunidade, uma cultura compartilhada, de peritos em programação e bruxos da interconexão cuja história remonta, através de décadas, aos primeiros minicomputadores de tempo compartilhado e aos primeiros experimentos da Arpanet” (Raymond, 1999, p.231); (...) a cultura hacker, ao meu ver, diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagiam on-line em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa (LEVY, 2001). (CASTELLS, 2003, p. 38).

Tanta criatividade partida dessa comunidade nos permite apontar dois projetos da cultura hacker: o projeto de Richard Stallman e seu princípio de uma “fonte aberta” criou o projeto do softwar livre, e um segundo nome importante é Linus Torvalds e seu projeto Linux. Esses projetos são muito significativos no campo de pesquisas tecnológicas computacionais, pois ainda hoje ativistas e estudiosos das Tecnologias Livres, em opção ao Windows, utilizam esses programas específicos, vistos como uma descoberta necessária ao embate politicamente injusto de acesso aos serviços oferecidos neste mercado específico de computadores.

E por último, de forma a aproveitarmos todas as culturas da internet, pensamos na cultura das comunidades virtuais, as quais estão ligadas às redes sociais populares que conhecemos, entre orkuts, facebooks, wikies, twitters, e tantas outras, surgidas nestes tempos, em uma grande velocidade da tecnologia e criatividade humana que ressignificam as formas de interações sociais.

As culturas das comunidades virtuais são baseadas especificamente em uma comunicação on-line. Na sua origem houve um tipo de interpretação pautada no que Castells (2003) identificou como a desvinculação entre a *localidade e a sociabilidade* e o imaginário social, que é: “oposição ideológica entre a comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada do “cidadão da Internet” solitário associada com demasiada frequência, na imaginação popular, aos estereótipos do nerd” (op.cit.p.98).

Além deste temor presente em produzir indivíduos capazes de viver em isolamento social, também existia a perspectiva de que esses mesmos indivíduos seriam

expostos a uma “alienação do mundo real”. O medo das mudanças de padrão de comunicação oferecidas pelas redes de contatos tomou conta da imaginação social, porém, acabou em um tipo de “discussão estéril”, por não haver um corpo substancial para uma pesquisa empírica do seu embate alienante (CASTELLS, 2003).

A resistência que há relativa a novas formas de interação social, e como “o mundo social da Internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade” (p. 48), levou à conclusão de que as relações sociais não só se modificaram de forma *real* como *limitada*, pois são múltiplas as maneiras de fazerem-se relações sociais, sendo que elas não são apenas lineares. Não seriam as comunidades virtuais que levariam isso a acontecer, compreendendo-se todas as precauções necessárias do pensamento quanto às *identidades sociais, as relações e as interações sociais como formas de sociabilidade*, apesar de seu objetivo visar uma maior interação social.

Porém, a interação social não foi afetada, como mostra uma pesquisa realizada no ano de 2001;

*a relação entre uso da Internet, envolvimento cívico e interação social
“com base em levantamentos aleatórios por telefone em âmbito nacional
conduzidos em 1995, 1996, 1997, 2000 (...) Os usuários da Internet tendiam
mais do que os não usuários a se encontrar com amigos e a ter uma vida
social longe de casa, embora suas redes de interação social fossem mais
dispersas espacialmente que as dos não usuários. (op.cit.100)*

Retornando aos anos 80, com o surgimento das comunidades virtuais, naquele período pronunciava-se uma nova era de interação social revestida de tecnologia computacional, mas o termo “comunidade” (CASTELLS, 2003) gerou muitas discussões, principalmente no quesito ideológico, pois eram as relações sociais e sociabilidades que estavam ligadas às comunidades e essas eram “especialmente limitadas”.

Uma discussão antiga entre os sociólogos urbanos, que consistia em debates até então voltados para o processo de urbanização, era o “desaparecimento de formas significativas de vida comunitária” (CASTELLS, 2003, p.105), para “serem substituídas por laços seletivos e mais fracos entre famílias”; temos aqui claramente discutida a questão das cidades e dos valores sociais e da significativa representação na sociedade, não obstante as metrópoles urbanas e anônimas serem fortemente levadas em consideração como espaço de “libertação” em vez das formas dadas de um controle tradicional, como das vizinhanças, da família e dos locais de trabalho.

Isso não quer dizer, contudo, que a sociabilidade baseada em lugar não exista mais. As sociedades não evoluem rumo a um padrão uniforme de relações sociais. De fato, é a crescente diversidade dos padrões de sociabilidade que constitui a especificidade da evolução social em nossas sociedades. Comunidades imigrantes na América do Norte e na Europa continuam a se basear fortemente em interação baseada em lugar (CASTELLS, 2003, p.106 apud WALDINER, 2001).

A comunidade e a sociabilidade estão juntamente colocadas de forma territorial nesta discussão apresentada, digamos de forma “real”, e colocadas nas relações sociais de forma “geográfica”, reservadas a um “lugar”, que é significativo por incutir o sentimento de pertencimento a algum lugar⁹, marcado pelas relações sociais.

Para as relações sociais, baseadas na internet, nos interessa as “relações com base em afinidades”, que Castells (2003) coloca muito bem, aproximando a configuração das redes de interesses que a internet fornece. Entende-se que os “*padrões espaciais não tendem a ter um efeito importante sobre a sociabilidade. Vários estudos feitos por sociólogos urbanos (entre os quais Suzanne Keler, Barry Wallman e Claude Fisher) mostraram, anos atrás, que as redes substituem lugares como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades*”. (op.cit.p.106). Pensemos nos tempos das organizações sociais contemporâneas e nas ações coletivas. O espaço virtual não substitui o espaço físico, mas é um suporte para a promoção de encontros nos bairros e nas cidades.

Pensemos na sociabilidade a partir dos suportes tecnológicos, que impulsionados pelas redes de internet, são “comunidades” virtuais tidas como complexas por apresentarem uma heterogeneidade nos seus interesses e formas. Em um exercício ao nível desta complexidade, pensamos que as comunidades eram divididas entre o comportamento local e o modo de vida que as pessoas de uma determinada região geográfica teriam como costumes.

Desta forma uma *comunidade rural* e uma *comunidade urbana*, e o nível de interesse de um indivíduo pertencente a uma dessas comunidades, podem estar relacionadas da seguinte maneira:

Exemplo da complexidade de interesses, formas e acessos:

⁹ tal relevância será retomada no capítulo posterior, á fim de traçar os laços próprios do CMI.

Quadro 1 – Internet e acesso

Interesses em “comunidades virtuais”, considerando as temáticas de:	Comunidade Rural	Comunidade Urbana
<ul style="list-style-type: none"> ° Costumes locais; ° Lazer ° Comportamento ° Religião ° Idade ° Sexo/opções ° Nível de conhecimento ° Acesso às tecnologias computacionais. 	<p>População pequena: Relativamente homogênea, O trabalho é voltado à agricultura; acesso à internet e redes de comunidades virtuais.</p>	<p>População significativamente numerosa; Relativamente heterogênea; O trabalho é diversificado, mas voltado ao acesso à internet e redes de comunidades virtuais, indústrias e comércios variados;</p>
Considerando as perspectivas de acesso:	Acesso em; Twitters, Orkut, Facebook, MSN, Wikis, celulares e bate-papo.	Acesso em; Twitters, Orkut, Facebook, MSN, Wikis, celulares e bate-papo.

Quadro criado pela pesquisadora.

Caso fossem feitas pesquisas nessas comunidades locais relativas aos seus interesses de lazer, religião, relacionamentos amorosos e de que forma chegam até elas as informações desejadas, haveria uma nova rede de significados a partir das redes virtuais. Já não seriam mais a comunidade rural ou urbana isoladas, o que apareceria nestas relações de gostos e interesses poderia em muitos momentos se interligarem, levando a entender que a partir das redes de interesses, surgiria uma nova comunidade que levaria ao rompimento da dicotomia urbano/rural para uma comunidade “virtual”, com outras interdependências de gostos e comportamentos sociais.

Para tanto se entende que o conceito de comunidades dá-se pela interpretação de:

redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social”. (2001, p.1). Naturalmente , a questão decisiva aqui é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organizar a interação. As comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseavam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou

grupos sociais. Dessa forma, dá-se a grande transformação da sociabilidade (CASTELLS, 2003, p.107 apud Barry WELLMAN, 2001, p.1).

As estratégias das redes sociais seguem para a rápida difusão da comunicação, desempenhando o desprendimento e o “caráter de liberdade” no sentido da criação e da descoberta do potencial agregador, a partir dessa ferramenta, possível de ser apontada como um dos únicos meios eficazes de coordenar funções sociais na troca de conhecimentos comuns não presenciais. Para além desses, esta demanda geradora de interesses se encontra também sob os domínios da economia, despontando paralelamente aos poderes verticais e desembocando nas relações de poder a partir das redes de internet.

A internet aponta para vantagens até então não encontradas por outras redes, como a superação das burocracias centralizadas, a descentralização de hierarquias, a flexibilidade e acrescentamos a possibilidade da comunicação horizontal e o seu desenvolvimento através dos meios da cultura da internet, em que no seu estado nascente, é muito mais que uma mera racionalização, pois manifesta-se na capacidade das pessoas *“de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo”* (CASTELLS, 2003, p.07), um mundo somente não, uma Era, a “Era da Internet” e da “Rede”.

De forma a esclarecer, a rede dá-se de:

...um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. (op.cit,p.07)

A rede, por assim dizer, pontua características do mundo da internet possíveis de ir além deste “virtual”, como contraponto ao “real”. A verdade é que este “virtual” e “real” já não se limita um ao outro, *perpassam-se um pelo outro*, e se articulam em uma rede de informações e interesses.

A rede não aparece como algo novo nas sociedades, ela surgiu com a evolução biológica e consiste de ferramentas organizadas e com objetivos bem demarcados, com “recursos em torno de metas centralmente definidas e alcançadas através da implementação de comando e controle verticais racionalizados” (CASTELLS, 2003,

p.7), ao contrário do tipo de rede da internet onde se vê que suas ferramentas tecnológicas são voltadas para a autonomia de funcionamento, comunicação horizontal, flexibilidade, descentralização e adaptabilidade; esta diferença causa exatamente o impacto das mudanças, pois:

As redes eram fundamentalmente o domínio da vida privada; as hierarquias centralizadas eram o feudo do poder e da produção. Agora, no entanto, a introdução da informação e das tecnologias de comunicação baseadas no computador, e particularmente a Internet, permite às redes exercer sua flexibilidade e adaptabilidade, e afirmar assim sua natureza revolucionária. Ao mesmo tempo, essas tecnologias permitem a coordenação de tarefas e a administração da complexidade. Isso resulta numa combinação sem precedentes de flexibilidade e desempenho de tarefa, de tomada de decisão coordenada e execução descentralizada, de expressão individualizada e comunicação global e horizontal, que fornece uma forma organizacional superior para a ação humana. (Op.cit.p.8)

Da *rede* para as *redes sociais*, as problemáticas se multiplicam, o que anteriormente era visto como sistema de descentralização e comunicação horizontal também se descobriu ser uma possibilidade perturbada por não alcançar uma predominância hierárquica de rede, dado aos pontos de funcionamento autônomo, reconhecidos e experimentados pela Indústria Cultural, que em contrapartida ao Megaupload¹⁰ e em “mãos” de internautas e consumidores *deleitosos* e vorazes pelos conteúdos de músicas, filmes e livros, eram até então lançados gratuitamente.

A Indústria Cultural tomou medidas mais pontuais em torno da lei de violação de direitos autorais, com ordem de prisão para aqueles que: baixam, compartilham ou liberam os conteúdos na rede, provocando o choque do projeto autônomo de funcionamento das redes. Muitos conteúdos foram disponibilizados em rede, traduzidos por internautas que desencadearam uma rede solidária aos interesses comuns de outros internautas, assim cada consumidor se torna um ponto na rede de comunicação digital.

As redes de comunicação digital, no seu surgimento, já direcionam para a importância do funcionamento das redes de internet, comparadas à “coluna vertebral da sociedade em rede”, o que significa que essas eram e podemos dizer que ainda o são:

redes de potência (ou redes energéticas) eram as infra-estruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída, como demonstrou o historiador Thomas Hughes. Na verdade, a sociedade em rede manifesta-se de diversas formas, conforme a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade, tal como a sociedade industrial englobou realidades tão

¹⁰ (programa de downloads de arquivos e conteúdos de filmes, músicas, jogos, livros)

diferentes como os EUA e a União Soviética, a Inglaterra e o Japão, que partilhavam algumas características fundamentais que permitem a sua definição, dentro do industrialismo, como uma forma não determinada pelas tecnologias industriais, mas impensável sem ela (CASTELLS, 2003, p.18).

Estas redes podem ser usufruídas com fins diversos dos seus interesses, dos interesses *políticos* aos *artísticos*, *dos económicos ao campo social*, e podem tanto corresponder aos direitos humanos como dos *animais*. É um pouco de tudo e para “todos” aqueles que de alguma forma chegam aos encantos que a internet favorece, e da gama apropriada de colaboradores que retroalimentam todos os dias as redes sociais.

Vasto conteúdo e produção partem de vídeos de bichinhos fazendo artimanhas, bebezinhos surpreendentes e fofinhos, aos protestos filmados no calor do momento; os espetáculos de partilhações nas redes sociais pontuam a sua popularidade, possível de ser analisada pelos recordes de acesso aos vídeos e temas comentados. No dia seguinte, outros vídeos, com outros causos ou fenômenos, ou simplesmente coisas comuns de todos os dias, respeitando-se a efemeridade própria desta sociedade e da dinâmica apresentada nas redes com o seu fluxo da informação.

Através das informações compartilhadas, casos locais ganham o mundo e solidarizam uma população do outro lado do mundo. E a sensação pode ser desencadeadora de sentimentos de pertencimento a estes “outros”, de um grande grupo multicultural, de uma tribo urbana russa, de ativistas brasileiros, de feministas indianas, de nerds armênios, de amantes de jogos japoneses, compondo a multiplicidade do mundo digital de interesses muito reais.

Criam-se novas formas de compartilhar as ideologias; qual ativista feminista não sabe quem é e o que fizeram as Pussy Riots¹¹? Quantas simpatizantes de países tão diferentes manifestaram apoio às jovens russas? Solidariedade feminista global. Da Marcha Das Vadias¹², não é nova a rede que se constrói na sociedade, mas é nova a velocidade e o jeito que a internet possibilita ao “entrar em contato com o outro”, se contaminado pelas notícias mundiais e fenômenos sociais, e sem critérios, muito ao gosto de cada usuário.

¹¹ Manifestantes Russas, em protesto ao governo Putin.

¹² O termo “Marcha Das Vadias” surgiu em protesto por muitas cidades do mundo, desencadeada nos EUA, pelo caso de uma garota americana, que em uma delegacia alega atentado ao estupro, em resposta o policial alega que isso não ocorreria se ela não estivesse vestida como uma “vadia”.

Digamos que isso tudo tenha a ver com as ideias nascentes da Internet, que alcançam de fato seus objetivos e subjetividades, ao recurso do compartilhamento computacional, colocados à disposição de uma grande parcela da sociedade humana que se revigora através das ideias, interesses e criatividades.

Em relação a esta criatividade, cita-se como exemplo a *Deep Web*, a parte invisível, ou web oculta, expressão que foi dada em 1994 por Mike Bergman. Essa web representaria 75 % de um conteúdo que não pode ser encontrado, pois não aparece em nenhum mecanismo de busca e é pouco conhecida pela maioria dos usuários. O princípio de uma rede como a Deep Web é de uma gama de informações comparadas ao “*Oceano de informações*”, para os que se apropriam dos conhecimentos e códigos das redes; essa informação nos ajuda a dimensionar, ou melhor, a compreender a imensa complexidade dos sistemas de rede que talvez meros usuários jamais possam acessar.

Hipertextualizando os desafios da vida social, a “internet é uma rede de comunicação global, mas seu uso e sua realidade em evolução são produtos da ação humana sob as condições específicas da história diferencial” (Castells, 2003, p.12); dito isso, o autor fornece a dimensão significativa desta transformação que cabe nas observações sociais e factuais cotidianas da realidade internética. Desta maneira, o entendimento da Internet direciona e possibilita “a comunicação de muitos com muitos” (op.cit 2003, p.8).

A comodidade “tal e qual” hoje a conhecemos, sucedida das conexões on-line, aparelhada dos conteúdos diversos como e-mails, skypes, bibliotecas online, músicas, conteúdos nacionais e internacionais, se adaptam à vida social e dão novos significados à comunicação social, ao indivíduo e à sua relação para com o mundo atual.

As particularidades apontadas para a manifestação da sociedade de rede, como variante entre países, culturas e trajetórias, também se apresentam atuantes conforme os interesses das redes às quais nos referimos, sem esquecer que, para as tecnologias industriais, a lógica de redes funciona como potência geradora de capital. As mudanças sociais realizadas na era digital proporcionam na vida social novas diretrizes para a atuação das políticas de comunicação apontando para uma técnica também favorável ao mercado e indo em direção de uma competição econômica a nível global, confundindo-se, em alguns momentos, a sociedade de rede com as suas implicações globais.

Além disso, a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global e é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes

globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica. (op.cit, p.18)

As redes de tecnologias digitais estariam modificando estes processos de instâncias de poder que foram legitimados pela História, pois permitem uma ultrapassagem destes limites através de capacidades que são geradas por uma atividade descentralizadora. Podem também isolar outros fatos, mundos e outras pessoas desta interação mediada pela ferramenta computacional, chegando a uma consideração de que há “mundos” diferentes em meio ao processo da sociedade em rede:

Porém, como as redes são seletivas de acordo com os seus programas específicos e porque conseguem, simultaneamente, comunicar e não comunicar, a sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De fato, neste início de século, ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afetada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social. (op.cit, 2003, p. 18)

Esta transformação na sociedade não deixa de remeter à palavra “exclusão”, considerando-se os valores e as “diferenças” em torno do globo; é possível pensar em uma aldeia global, conceito de McLuhan (1971), que acabam afetando direta ou indiretamente os contextos da vida humana. A humanidade estaria passando pela significativa possibilidade de quebra de paradigmas da relação do indivíduo para com a sociedade, a política e a vida social em seu contexto geral.

Não fuja-mos deste olhar da diferença de acesso, porque ressaltam aos olhos tantas outras diferenças mais profundas da organização da vida social. O que ainda fica em evidência em meio a essa discussão, é que a acessibilidade também demarca quem usa esta tecnologia, quem por ela é “afetado” e quem são as populações afetadas ou não pelas tecnologias computacionais.

2.1 AS TECNOLOGIAS COMPUTACIONAIS E A CIBERCULTURA

No período de 2000, visualizava-se o caráter de amplitude e de ritmo das transformações que afetariam o “universo da rede”; hoje, em meio à sua “pré-adolescência”, essa talvez eterna, pela própria forma de renovação e aniquilação do “velho”, revela a cada descoberta a sensação do futuro, do novo, daquilo que é o “certo” de se participar e de se pertencer.

Lévy (1999) identifica as dificuldades de analisar de forma concreta as implicações sociais e culturais da informática assim como da multimídia, dado que aponta como “ausência radical de estabilidade neste domínio” (p.24), outrora já apontado no trabalho quando revisada a leitura de Castells (2003), em que a própria estrutura das redes e da internet se dá pela descentralização e autonomia das pontes de rede.

Consideramos significativos os resultados da internet e da rede, assim como o ciberespaço como um dos *lugares* legítimos da história do homem. Lévy (1999) vê as transformações como maneiras de apontar a amplitude da comunicação e das mídias para os ciberespaços e suas possíveis realidades virtuais.

Quando as capacidades de memória e transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a “realidade virtual”, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser realizadas sempre. (LÉVY, 1999, p.25).

De alguma maneira, é possível de acompanhar estas implicações culturais e sociais, mais possível do que em qualquer outra sociedade; isso se deve ao fato de que esta sociedade contemporânea se apropria do ciberespaço como lugar comum das reivindicações sociais, utilizando-se dessas mídias.

Um dos bons exemplos de apropriação do ciberespaço pela sociedade civil ocorreu em 2011 no Egito - relacionado à discussão de acesso à internet - possibilitando que o povo egípcio pudesse pensar em maneiras diferentes de protesto. Isso se desencadeia para tantos outros exemplos de países e suas culturas, sendo absorvida pela sociedade e por ela apropriada às suas injunções.

As técnicas condicionam e não determinam uma sociedade; “uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas” (LÉVY, 1999, p.25). Suas condicionantes possibilitam pensar em uma cultura devido à sua descoberta tecnológica. E ainda assim, os processos tecnológicos não atingem por igual uma população, cultura ou sociedade, sem abster-se de seus conflitos de poder e comunicação, compreendendo que a disponibilidade da técnica exige uma discussão que se paute nas suas variações geopolíticas.

No Egito em 2001, no regime de Hosni Mubarak, o acesso à internet teve um bloqueio de 90% dos 23 milhões de internautas egípcios que faziam uso regular desse meio de comunicação, tendo cinco milhões inscritos na rede social do facebook¹⁴. As discussões percorreram o mundo, localizando os protestos de âmbito político aos dos direitos civis diretamente ligados ao acesso à internet:

O regime de Hosni Mubarak cometeu o ato mais liberticida do mundo em relação ao acesso à internet, segundo o jornal Libération de 18 de janeiro de 2011. (...) Esta censura, no entanto, não impediu a queda de Mubarak. A revolução egípcia, assim como a precedente na Tunísia, demonstrou o poder das novas mídias, a dificuldade de combatê-las com forças clássicas de controle e repressão, e a articulação - em geral diminuída - com os meios de comunicação tradicionais, como a televisão e o jornal. (BÉNILDE, 2012, p.37)

O Google, durante os acontecimentos de bloqueio “lançou a possibilidade de “tuitar” por telefone, uma forma de contornar a censura” (BÉNILDE, op.cit. p.37), revelando que os tempos não são mais os mesmos, e comprovando que existem muitas brechas possíveis de contornar as informações, principalmente quando associadas aos meios de comunicação da internet; é possível “ver” o que se quer “esconder”, ou no mínimo, é possível achar uma alternativa pelo meio da rede, pois “*esconder os acontecimentos do mundo digital não é mais possível. A prisão do responsável pela área de marketing do Google no Oriente Próximo (que seria ovacionado pela multidão da praça Tahir após sua libertação) revelou-se rapidamente inadequada à situação*”. (op.cit.p.37).

Por isso o cuidado pormenorizado aos discursos da homogeneização e suas manifestações; “contudo, acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres e esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões” (LÉVY, 1999, p.26). Hegemônico, em sua força econômica e tecnológica, não significa hegemonia de direitos civis.

Partindo deste princípio, podemos colocar em evidência as forças marginais que se desenvolvem em meio às técnicas computacionais e de informação, neste caso específico das vertentes surgidas dos ciberespaços, pois implica na objetividade dos recursos de comunicação clássica, das ideias científicas e populares e do seu uso pelas redes e novas mídias.

¹⁴ Informação do artigo: Internet Semeia a palavra democrática-

Neste campo, é possível mergulhar na criação imaginativa dos indivíduos que marginalizam as propriedades intelectuais e institucionais, muito carregados do que Maffesoli (2003) chama de *trajetivo*, pois unem elementos objetivos próprios de uma ideia, assim como da subjetividade.

A partir disso pensemos nas possibilidades e previsões próprias das subversões da criação tecnológica computacional, do “desenvolvimento da informática pessoal, das interfaces gráficas interativas para todos, dos BBS ou dos programas que sustentam as comunidades virtuais, dos hipertextos ou da World Wide Web, ou ainda dos programas de criptografia pessoal inviolável” (op.cit.p.27), ou o que poderíamos chamar de aspecto trajetivo¹⁵ de uma tal relação das criações, que partem ao mesmo tempo da objetividade carregada de subjetividades, e que se perdem na linearidade das projeções, criando as potências do submundo tecnológico.

Sobre a sua efervescência e desmedida dinâmica, o teor para as tecnologias é das efervescências e do inesperado, porque:

Enquanto ainda questionamos, outras tecnologias emergem na fronteira nebulosa onde são inventadas as ideias, as coisas e as práticas. Elas ainda são invisíveis, talvez prestes a desaparecer, talvez fadadas ao sucesso. (...) Essas tecnologias, todas impregnadas de seus primeiros usos e dos projetos de seus criadores, nascidas no espírito de visionários, transmitidas pela efervescência de movimentos sociais e práticas de base, vieram de lugares inesperados para qualquer “tomador de decisões”. (Op.cit.p.27)

Ainda mais para aqueles que não tomam nenhuma decisão e fazem uso dos meios criados, pois estes são fluidos e paradoxais, valemo-nos da seguinte reflexão: existe uma camada da população não pertencente aos grupos intelectuais e científicos, porém, mesmo assim, é envolvida por todas estas descobertas e práticas, então, esta outra parte que não decide, mas utiliza que não toma as decisões, mas aproveita e navega de forma desinteressada, é muito importante, pois ela testa, coloca em prática, de uma forma despreziosa e experiencial, sem muitos objetivos, aquilo que é criado por alguns detentores de ferramentas específicas do pensamento.

Não poderíamos ignorar esta construção do pensamento dos “não tomadores das decisões científicas”, eles são importantes; para tal nomeação e inspiração cabe pensar

¹⁵ O subjetivo tende a ceder lugar ao “trajetivo” (G. Durand), ou seja, ao conhecimento direto do íntimo laço entre todas as coisas.” (MAFFESOLI, 2006. p.183)

na figura do *flâneurs*¹⁶ do ciberespaço, onde o espaço virtual é o seu ambiente e onde exerce o seu papel de “observador errante” (BENJAMIM, 2000), desprendido deste ciberlugar, pois vagueia ao acaso, tirando sua curiosidade, percorrendo os espaços da web e porque não os espaços e ciberespaços, captando o que ela tem a oferecer destas tecnologias de comunicação.

As tecnologias são fluídas e capazes de uma transformação em um pequeno espaço de tempo, alterando o modo de operação de máquinas agrícolas assim como os requisitos necessários para um trabalhador qualificado da cidade. As exigências de mão de obra aplicável, assim como dos intelectuais apropriados para reproduzir estes conhecimentos técnicos, nos dão a entender que, em alguns momentos, não há como deixar de ser alcançado pelas mudanças provenientes das “novas tecnologias”.

Lévy (1999) coloca o pensamento das “novas tecnologias” como uma atividade que se apresenta em uma configuração *multiforme*, colocada para os grupos humanos e cristalizada para objetos materiais dos programas de computador e dispositivos de comunicação e mídia e reconhecidas como ferramentas indispensáveis na contemporaneidade.

Complementando este pensamento vemos que:

Neste caso, a qualidade do processo de apropriação (ou seja, no fundo, a qualidade das relações humanas) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas, supondo que os dois aspectos sejam separáveis. Resumindo, quanto mais rápida é a alteração técnica, mais nos parece vir do exterior. Além disso, o sentimento de estranheza cresce com a separação das atividades e a opacidade dos processos sociais. É aqui que intervem o papel principal da inteligência coletiva, que é um dos principais motores da cibercultura. (LÉVY, 2000, p.28)

Na tentativa de trabalhar a qualidade sensível das relações humanas, em meio aos processos sociais das mudanças tecnológicas, a discussão do ciberespaço nos possibilita expor este lado humano que o autor entende como um espaço ou em um “terreno onde está funcionando a humanidade hoje” (LÉVY, 2000, p.13); além disso, nos interessa dar continuidade sobre a dimensão da *informação e da comunicação* que, na concepção do autor, estão se transformando dentro ou “numa esfera informatizada”.

¹⁶ Baudelaire (1972)- designou o observador errante,

Admite-se a transformação da informação e da comunicação como vetor de potência quando de encontro com as tecnologias da informação. Poderia dizer-se que o projeto contracultural da tecnologia computacional alcançou os objetivos de colocar em circulação a comunicação horizontal, até então timidamente pensados para a expansão dos grupos de hackers e das tecnoelites, desembocando nas redes das relações sociais contemporâneas.

Nesta sociedade, é possível de perceber alguns dos efeitos desta comunicação impulsionada pela informatização, que são atuantes nas manifestações *políticas efervescentes* e nas apontadas como efêmeras, as nomeações seriam extensas, mas passam pelas relações sociais cotidianas.

O ciberespaço marca de forma pontual esta sociedade contemporânea, e a sua prática de uso antecede a apreensão dos conceitos sobre o termo, pois se considera a sua centralidade revestida dos significados desta cultura do compartilhamento e das possibilidades de contato com o outro. Além destas questões, atribui-se à economia, à política e à saúde, o que dela tem de teor de inovação, promovendo melhoria ao contato com o outro.

O ciberespaço, também pode ser entendido como rede, e para Lévy (1999) esta é a forma que também identifica o termo, onde se apresenta como um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Assim, entende-se este conceito de cibercultura: “Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 1999, p. 17)

Os valores que emergem junto ao ciberespaço partem dos sonhos, das vontades e também do *mundo da vida*, que não cria grupos de pessoas com desejos específicos, mas é uma expressão desses sonhos e desejos potencializados através do ciberespaço; coloca-se, desta maneira, o pensamento de forma muito cuidadosa com suas apresentações, tal como ela é para os espíritos humanos.

E apesar de todo o advento do novo, está muito presente o homem de “todos os dias”, o mesmo que vê na descoberta científica tecnológica um meio muito interessante de sentir o mundo, e esse vem através de intenções bem desprendidas das próprias

formas rígidas¹⁷ da ciência tecnológica, apesar do ativismo e ideologia própria da cultura da internet, que também se move no conjunto de ideias de ajuda e compartilhamento.

Os indivíduos e os coletivos não estão no centro das redes, mas indivíduos e coletivos *sustentam* a rede em conexão com os pontos de referência, cooperando na sua descentralização; são os *groupwares* (LÉVY, 1999, p. 29), dando novos sentidos à comunidade virtual, inserindo códigos e fontes e retroalimentando as redes. A impressão atribuída ao estudo do ciberespaço é exatamente a do “sistema do caos” (LÉVY, 2000, p.111).

Favorece-nos compreender este sistema dito complexo, pois nos fornece uma grande gama de possibilidades de ver num mesmo objeto as ciências humanas como um campo necessário a se colocar em debate, pois de fato, estamos voltados para uma sociedade em constantes mudanças, assim, o objeto não se esgota e proporciona que possamos sempre voltar a ele conforme as estruturas e vigências das relações.

As técnicas do ciberespaço exigem que mergulhemos em um “oceano profundo” ainda por ser descoberto, causando uma constante sensação de aplicar o exercício do “fique à vontade” para falar do tempo em que se vive. Reconhecendo nesta dimensão uma aventura humana, podemos errar, mas a postura é mais flexível do que crítica e os pensamentos radicais ficam a desejar.

Porém, de forma alguma são ignorados os efeitos sobre os projetos do capital econômico, assim como da virtualização do dinheiro, da flexibilidade do trabalho e de seus efeitos na desigualdade, pois toca em um mesmo debate da globalização.

A globalização do século XXI deixou muito claro que a unificação desejável é voltada para o poder das economias mundiais que, de forma linear, buscam metas anuais para decidirem o futuro de seus países; um futuro demarcado pelo discurso do global passará pelo tema da “antiglobalização”, com ênfase nos grupos humanos.

Tanto em Castells (2003), quanto em Lévy (2000,1999), permitem os horizontes da discussão dos grupos humanos a partir da ideia de uma cultura da internet. Esses autores permitem que os códigos computacionais sejam questionados por seus signos, ideias e sensibilidades em uma cena que aprofunda o aspecto social dos grupos e suas relações.

¹⁷ Em perspectiva da figura do *flanêur* da web.

¹⁸ Castells, Santos, Maffesoli, Lévy

Permitem-nos aprofundar a relação entre as tecnologias computacionais e suas vertentes da multimídia e do digital, em poucas palavras, do ciberespaço e da cibercultura, possibilitando a investigação das mudanças paradigmáticas surgidas a partir da imersão desta tecnologia na sociedade. Emerge uma autonomia¹⁹ até então nunca vista, por parte das redes, que avançam para a questão dos coletivos e dos indivíduos, nas suas particularidades, ocasionadas pelas técnicas do ciberespaço:

Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários- menos dependentes de lugares determinados (...) da mesma forma, ao continuar no ciberespaço, as transações econômicas e financeiras acentuam ainda mais o caráter virtual que possuem desde a invenção da moeda e dos bancos. (p.44)

O Histórico da cibercultura nos encoraja a prosseguir o raciocínio, já que se dispõe a ressaltar os aspectos dos entrelaçamentos comuns aos grupos humanos que em poucas linhas reconhece ao falar de uma inteligência coletiva²⁰ Lévy (2000), deixando que os acertos e erros se façam predominantes nessa inteligência do ciberespaço a qual “encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. (op.cit,p.20), assim segue o exemplo das possibilidades de encurtar distâncias, como as webconferências.

2.2 DA “CIBERGUERRA” E DAS MANIFESTAÇÕES ATRAVÉS DAS REDES DA INTERNET 2.0.

A Internet ou web2. 0 é assim denominada pela expansão das suas ferramentas e dos seus desdobramentos possíveis ao conhecimento do homem, tanto na concepção da disposição do meio, quanto da mensagem. Este momento vem sendo considerado como um dos acontecimentos mais importantes depois da Revolução Industrial. Tamanha comparação se dá em função da potencialidade dedicada à *comunicação horizontal*, e

¹⁹ A autonomia de redes descentralizadas.

²⁰ (apenas exposta este termo, com a finalidade de apontar os estudos e pesquisas desenvolvidas, há uma cautela reservada à pesquisadora em trabalhar este conceito, pois a inteligência coletiva ao mesmo tempo que reconhece uma maioria pode estar imputando outras faces próprias do que se entende por coletivo),

dos dispositivos disponíveis ao homem, que se enxerga um descobridor enquanto integrante da sociedade em rede.

Sobre o contexto sociológico, devemos observar as mudanças provenientes a estas ações de controle que vêm sendo traçados sobre a tecnologia. A vida social e as relações estabelecidas a partir da expansão dos conteúdos da internet colocam em vias de discussão o *acesso* e a liberdade conquistados por meio da navegação e disponibilidade de internet.

A liberdade de acesso é uma discussão pertinente, foi através dela que pela primeira vez se ouviu falar em uma “Ciberguerra” que, apesar de num primeiro momento parecer para muitos leigos nada mais do que uma “brincadeira de nerds”, tem o peso e o significado muito marcado pelo poder desempenhado pelos hackers e hackerativistas, que estão de fato interessados em proporcionar a desobediência civil através da internet.

Loucura pensar em que uma guerra poderia ser proclamada por uma cultura que vive intensamente o mundo “virtual”, porém, os enfáticos avisos e campanhas dos Anonymous há uns quatro anos ganham grande repercussão no início de 2012.

Os Anonymus, (MACHADO, SAVANOZI, SILVEIRA²¹, 2012, p.38) são o que se entende por uma são o que se entende por uma “livre coalizão de habitantes da internet”, que dentro de uma ordem compreensiva, fazem parte das lutas “da rede”, que consiste em batalhas voltadas para a defesa dos arranjos que são inovadores na internet. Além disso, volta-se para uma discussão do controle e comando que foi criado pelos hackers²², uma questão que não consiste da própria cultura hacker, e têm como essência e uma questão que não é nova, que consiste da própria cultura hacker, e têm como essência e objetivos a navegação anônima e a liberdade de criação.

²¹ Integrantes do grupo de pesquisa em Cultura Digital e Redes de Compartilhamento da UFABC (Universidade Federal do ABC).

²² Acompanhamos esta discussão na apresentação das culturas da internet.

²³ Personagem anarquista do século.

²⁴ (Distributed Denial of Service-DDoS).

²⁵ Como podemos presenciar na discussão PIPA e SOPA.

De forma a chamar a atenção para a luta anônima contra o poder difuso das corporações, os Anonymous fizeram uma grande campanha pela internet, consistindo em protestos nas ruas, com vídeos explicativos de uma reação possível à uma ciberguerra. Utilizando como símbolo a máscara de Guy Fawkes²³, personagem principal da história em quadrinhos intitulada *V de Vingança*, marcam o movimento da cultura hacker na seguinte definição: “*toda prática de produção da diferença e da dissidência na tecnologia e pela tecnologia*” (op.cit.p.38), o que vai contra um sistema de normas e leis que anunciam uma regulação para o uso desta tecnologia, assim como navegações e acesso limitados e ações distribuídas de navegação de serviço²⁴.

As ações dos Anonymous não é algo novo, com os manifestantes do *Critical Art Ensemble* no ano de 1998, em que foram negados serviços de DDos²⁴ aos diversos sites do governo Mexicano, na mesma onda que hoje se repete em outros países, nesse caso, por conta dos abusos cometidos às comunidades zapatistas.

Com os Anonymous (MACHADO, SAVANOZI, SILVEIRA, 2012, p.38), vemos que “esse tipo de protesto é o mesmo que os Anonymous utilizaram nas ações de 19 de janeiro e que derrubaram, entre outros, os sites do FBI e do Departamento de Justiça dos Estados Unidos”. É o temor destas invasões, e as ameaças às representações de poder que giram em torno desses hackers.

Tornemos esta discussão e conteúdos apresentados como forma de pensar os dois lados e as duas medidas. Sabemos que existem condições para uma guerra, uma ciberguerra, pois entendemos o teor e o significado de instâncias de interesses e poderes que circulam no mundo da internet; entre tantos, os interesses econômicos e políticos, enfim, ferramentas e interesses divergentes o suficiente para que ela ocorra, por parte em uma população que conhece e retroalimenta este sistema tecnológico computacional. Por outro lado, há de se entender, a imagem passada sobre a atribuição do papel do hacker:

Em síntese, pode-se dizer que não é uma visão positiva, de modo que o verdadeiro sentido hacking, sua ética própria e sua forma sui generis de se organizar para agir são completamente desconsiderados. Em boa medida, os hackers são pintados como assaltantes do ciberespaço, ou mesmo terroristas virtuais. Essa noção não é sustentada por um campo vastíssimo de

pesquisadores que levam em conta todo o aspecto social e cultural que envolve os hackers- e ao qual nosso grupo se filia. (óp.cit.p.38)

A negligência quanto à imagem do hacker não é recente. Desde o seu surgimento traz a apreensão de que são pessoas que não possuem uma vida social comum, e que seu conhecimento específico, por não ser codificado, coloca em dúvida o papel que desempenham na sociedade. Mas há também a diferença, entre uma prática de atividade dita política e uma prática *lulz*²⁶, e o que ocorreu no caso dos Anonymous.

Sobre a “operação Megapload”, sabe-se que a grande intensidade de vídeos e protestos nas ruas e características das máscaras de Guy, ao lado dos símbolos de poder americanos, surtiu um grande efeito midiático. Além disso, reserva-se toda a atenção de uma opinião pública hoje dita global, a “metodologia do protesto” aplicada por eles.

A metodologia do protesto foi a seguinte, os Anonymous:

Continuaram a utilizar a negação de serviço (DDoS), mas dessa vez disponibilizaram apenas um link que, quando acessado, fazia todo o trabalho técnico, ampliando assim o número potencial de agentes. Ou seja, nem todos os Anons (como os membros se referem ao indivíduo que toma parte do processo) são hackers. Muitos são ativistas, artistas e pessoas indignadas com determinados problemas sociais, econômicos, políticos ou éticos. E o número de “leigos” participando desses protestos só cresce. (op.cit.p.38)

Por isso a lógica do Anonymous iguala aqueles que se identificam com uma cultura, como também amplia para os “leigos”, mas interessados em fazer parte de um protesto, atraídos pelos seus valores e não necessariamente por ideologias políticas e nem através das organizações sociais, dispostos a obter ideias e valores compatíveis com algumas ações diretas, como no caso apresentado, o que de fato vem ocorrendo e preocupando uma população²⁷, que pode momentaneamente atrair indivíduos de diversos segmentos e interesses sociais.

Ainda sobre a questão referente aos exageros e elucubrações sobre a ciberguerra e os Anonymous, é importante lembrar que as ações realizadas²⁸ são legítimas, e que

²⁶ Prática que visa a desestabilização do outro.

²⁷ Poderemos ver mais adiante no caso das leis SOPA e PIPA, que apesar de estarem voltadas ao país dos EUA, pode servir de modelo para o funcionamento da internet em um sentido global.

²⁸ Protestos contra a Igreja da Cientologia em 2008

longe de ataques terroristas prove que longe de serem ataques “terroristas”, provocam a desobediência civil (THOREAU, 1994), e realizam o que se chama de ação direta, método estratégico de grupos ativistas e outros, com táticas de ação de sabotagem, boicotes, etc.

Que são ações:

Por fim:

A adoção da ideia de ciberguerra, portanto, pode ser o insumo necessário para ações de busca e apreensão dos ativistas das redes. Seria a vida emulando a ficção, pois os integrantes do Anonymous passariam a ser vítimas da mesma caça a que o anarquista Fawkes- reivindicado como símbolo maior do grupo- era submetido na narrativa distópica de Moore e Lloyd. (...) Uma ciberguerra incluiria, em última instância, catástrofes de grandes proporções provocadas por meio da rede, como trens chocando-se uns com os outros, aviões caindo, apagões elétricos, pessoas morrendo. (op.cit.p.38)

Não sendo atribuições construídas por hackers, e sim atribuições terroristas, típicas de filmes americanos, que colocam em dúvida qualquer identidade aparentemente ameaçadora, assim, que fique claro, que o que os “Anonymous realizam são ações midiáticas e em rede, nada além disso. Mas causam medo” (op.cit.p.38), e nos chamam a atenção para os efeitos sociais de uma estrutura social que mostra novos arranjos e possibilidades de sustentar um campo do pensamento sociológico contemporâneo, ainda por se descobrir em meio a tantos novos códigos e significados tecnológicos e mostrando o uso que ela atribuí a cada conhecimento descoberto.

2.3 UMA LIBERDADE QUE PRECISA SER ACESSADA- AS AMEAÇAS CONTRA A LIBERDADE DE ACESSO A INTERNET.

Na noite de quarta-feira (18/1), quando alguns dos sites de maior audiência no planeta ainda exibiam os símbolos da campanha contra as leis de censura em debate nos EUA, surgiram os primeiros sinais claros de vitória. Diversos parlamentares, de ambos os partidos, que apoiavam os projetos denominados SOPA (na Câmara de Representantes) e PIPA (no Senado), anunciaram (no Twitter ou Facebook...) que estavam revendo suas posições. No senado, a mudança de clima teve sabor de um gol nos últimos suspiros do segundo tempo...(MARTINS, 2012).

Os temas SOPA (*Stop Online Piracy*) e PIPA (*Protect Intellectual Property Act*) ameaçam a liberdade da internet, levando ao Comitê Judiciário a proibição, através de leis punitivas a usuários e sites de compartilhamento de conteúdo (filmes, músicas,

livros etc.). A população de usuários, frente a estes riscos, protesta pelas redes e pelas ruas, movida numa sinalização de “compartilhamento, cooperação, solidariedade, desierarquização, democracia direta, busca de consensos”, que se encontram nos primórdios da internet e que se consolidam da rede para as ruas.

A batalha, assim como está sendo chamada a luta pelos direitos autorais, se divide entre a Indústria Cultural e a Indústria da Internet. Para entendermos melhor, traçaremos um quadro expositivo, na tentativa de explicitar a complexidade do tema.

Quadro 2 – Temáticas de notícias

Indústria Cultural	Indústria da internet
Associações de produtoras, gravadoras. TVs a cabo e associação de artistas, cineastas.	Google, Wikipedia, Yahoo, Mozilla, eBay, America Express, Twitters, associação de ativistas digitais e organização de direitos civis.
Câmara Comércio dos EUA e a central sindical AFL- CIO.	Repórts sem fronteiras e Humam Rights Watch.
“Busca através dos direitos autorais, o poder de punir sites e internautas, bloqueando-os antes de um processo legal.” (COSTA,2012,p. 33)	“Teóricos populares continuam, porém, a defender que a reprodução ilimitada, gratuita e sem fronteiras da informação deve ser legitimada e o copyright relegado ao lixo da história juntamente com os velhos direitos feudais...” (COSTA, 2012, p,33)

Quadro criado pela pesquisadora.
Data:02/02/2012

A discussão já percorre a França desde maio de 2009 e o país da Espanha também no mesmo ano; conhecida como “Lei Sinde”, é uma homenagem à contribuição da ministra da Cultura Ángelez González - Sinde, permitindo cortar o acesso de usuários à internet.

Mais amplo que estes projetos é o Acordo Comercial Anticrontrafação (ACTA) que está sendo negociado entre os EUA, União Européia, Japão, Canadá, Suíça, Austrália, Nova Zelândia, México, Coreia do Sul, Cingapura e Marrocos, que visa criar uma organização para proteção de marcas, copyrights e patentes à margem da ONU, OMC e Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e dos interesses dos países periféricos. (COSTA, 2012, p. 32)

O que está colocado em jogo e que se reflete na vida social, é o risco em desfigurar a “cultura da liberdade” e o jogo da aniquilação da criatividade e dos espaços virtuais criados à partir da comunicação horizontal, apresentados sob os seus efeitos de expansão e de eficiência, desde a concepção de cultura da internet.

O documentário “*Wikileaks Wikirebeldes*” fornece um conteúdo amplo para pesquisas e entrevistas dos bastidores do grupo de ativistas Wikileaks (WKs). O documentário expõe a figura de Julian Assange e das suas atividades enquanto editor dos WKs. No recorte deste documentário, a ideia sutil é mostrar o lado das acusações realizadas contra J. Assange, e as metas de que a política pública possa ser acessível através das informações compartilhadas com a sociedade civil; nesse caso, não somente as informações em relação aos documentos do governo americano, mas principalmente a esse governo.

A relevância do grupo de ativistas do Wikileaks²⁹ na contemporaneidade dá-se pela legitimidade de conhecedores da cultura da internet, de hackerativistas surgidos ao longo dos anos. Seus interesses de apreensão dos conhecimentos tecnológicos informacionais ganharam seguidores e apoio de uma população que até então desconhecia suas atividades.

Hoje, o papel dos hackers e ativistas da rede além de ser contestado, caiu no interesse de jornalistas e da própria imprensa clássica. Aos poucos aparece o reconhecimento da ação deste grupo de ativistas, graças à mídia, e da relação quase que “harmoniosa” das mídias para com Julian Assange.

O objetivo dos Wikileaks está em divulgar e informar de forma massiva as informações secretas do governo dos EUA. Em 2010 chegou ao número de 400.000 páginas de documentos lançados na rede wikileaks.org; entre estes documentos secretos, estão os controvertidos vídeos de ataques de militares dos EUA a civis na cidade de Bagdá. O questionamento a partir da revelação destas informações visuais direcionaram o debate sobre o papel desempenhado pela mídia no que se refere à informação nesta sociedade atual.

As ameaças às violações de direitos de retenção dos dados militares são direcionadas à figura do australiano Julian Assange, considerado o “Príncipe Escarlate” ou o “Zorro da internet”, há alguns anos atrás conhecido como “Mandax”. Com um currículo de processos por invasão aos sistemas de segurança do seu país, foi levado a julgamento, porém liberado logo em seguida, por acreditar o juiz que seria apenas mais um menino rebelde. Anos depois, J. A. retoma suas atividades, no ano de 2006, junto a pessoas interessadas e com objetivos parecidos. Pensam em uma organização de

²⁹ Uma geração de rebeldes da era digital.

serviços especiais da internet, voltada exclusivamente para alertar os abusos de poder dos governos.

Os vídeos ganharam notoriedade mundial, levantaram novos debates sobre as ações militares dos EUA, e os Direitos Humanos depararam-se com o cenário da barbárie em troca da “missão de paz no Iraque”. Outros documentos de grande repercussão, lançados pelos WKS, destinaram-se à Baía de Guantánamo, após o vazamento militar de um manual na internet revelando o seu conteúdo didático - o passo a passo da tortura psicológica e física no confinamento da Baía. Torturas e humilhações de prisioneiros de guerra na base naval americana de Guantánamo em Cuba atraíram os olhares do “mundo todo”.

A dimensão do vazamento desta *informação* sigilosa levou o governo americano a pedi-la de volta, assim como ordenou o bloqueio do website dos Wikileaks, por considerá-los inimigos do governo e inimigos da paz.

Os documentos são de grande importância a nível de revelação de conselhos estatais, políticos, governamentais e bélicos. Os “inimigos do governo” aproveitam a velocidade e repercussão destas informações para atrair seguidores, debatedores e estudiosos que analisem estes documentos e façam com que perdure a crítica sobre os motivos pelos quais eles foram expostos posicionando a “desco-berta” dos eventos existentes.

Parece que haveria uma sequência de críticas e produções relacionadas aos vídeos e artigos compartilhados, mas há um certo “medo” em prolongar o debate e utilizar a parceria das dinâmicas de hackers ativistas da “informação livre”. O direcionamento e as tensões ganham a “sonoridade” de outras informações.

Julian Assange, no documentário, posiciona a informação na internet como um dos meios mais rápidos até então vistos, em comparação a um vírus que pode alcançar o que ele entende por uma “reforma em larga escala”, comprovando a eficácia dos meios de tecnologia de comunicação e informação como ferramentas próprias de manutenção de conflitos contemporâneos.

A exposição da figura de Julian obteve, ao mesmo tempo, um efeito perverso para as mídias, e as discussões em relação às posturas ideológicas ganharam novos contornos. J. A. chamou muita atenção da mídia de massa e ganhou espaço nas mídias da Islândia, entre ameaças e alegações de violações de dados e de iniciar uma “guerra política”. A exposição de sua imagem também legitimou o Wikileaks como meio de conflito “benéfico” ao ciberespaço, pela divulgação de documentos secretos, sendo um

convidado a pensar o modelo do sistema bancário islandês, o qual foi aprovado junto com as ações e comentários acerca dos lançamentos de documentos da segurança militar dos EUA.

No currículo da invasão, a MILNET³⁰, em um período de dois anos seguidos, fez a exposição do vídeo “*Assassino Colateral*” na rede, em abril de 2010, e revelou os e-mails da candidata à presidência do EUA Sarah Pálin, onde esta ignora a lei americana da transparência do governo.

E em tempo recorde, também tornou-se uma ameaça visível, recebendo ameaças telefônicas de sequestro, seguindo para o processo de abuso sexual. Assange foi julgado por abuso sexual, ele confessa a relação, mas diz não ter havido abuso e sim um consenso por parte da segunda pessoa, ou da vítima em questão.

Procurado por jornalistas e pelos meios de comunicação, foi colocado na lista do “Times” como um dos homens mais influentes do mundo, também cogitado para o recebimento do Prêmio Nobel da Paz.

Assange comenta que: toda divulgação de material que fazemos tem uma segunda mensagem, que é: “*Nós damos os exemplos. Se você tiver um comportamento imoral, injusto, ele será descoberto, ele vai ser revelado e você sofrerá as consequências*”.

O jogo do poder político tornou-se mais acirrado, e a retenção de dados, neste caso, revela uma posição não muito desejável porque prova que as possibilidades dessa prática é uma “via de mão dupla”, ou seja, não somente está para os recursos e interesses do governo, mas também contra ele, no sentido de um movimento contrário, não esperado, ou até mesmo despreparado, colocando sob ameaça o poder. Nesse caso a internet e as pessoas que denunciam os abusos de poder fazem a manutenção do processo realizado por hackers e matemáticos do mundo digital.

O processo de observação das mudanças recorrentes ao uso das redes é fundamental para entendermos que a internet é hoje um conjunto de sistemas complexos que envolvem pesquisadores, intelectuais, ativistas, hackerativistas, assim como os usuários que fazem uso dos recursos de comunicação e informação.

A questão é colocar em evidência conhecimentos que possibilitem uma discussão direta por aqueles que tiveram estas experiências, para os que desconsiderem

³⁰ A MILNET (Military Network), criada em 1983 foi uma rede que cuidava das informações militares dos Estados Unidos da América (EUA). Foi uma expansão da ARPANET.

a hipótese de ser um indivíduo inofensivo que possa estar em processo de evidência da não segurança dos dados via on-line.

Deparamo-nos com realidades objetivas e subjetivas que nos atenta para o exercício capaz de ameaçar o ir e vir. Trata-se de um lugar que pertence a muitos interesses e que atravessa um período de mudanças significativas, pois estamos apontando para as vivências e como a vida social pode ser construída, porque também poderemos mais à frente estar a falar de nós - entenda-se que não se trata somente de códigos, acho que a esta altura a ideia de que não somos máquinas já foi compreendida.

A nossa sociedade e a nossa cultura apropriam-se das “Novas” Tecnologias de Informação e Comunicação (VIZER, 2011), e são vias de discussão dos “modos e processos do mundo da vida, como são construídas as suas realidades, tanto para “os dados e os fatos” e o conjunto interpretativo em que fazem sentido e seus imaginários;” (p19).

A partir das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), exigem uma atenção especial, já sinalizada anteriormente quando relacionada à técnica, em (VIZER, 2011, p. 185):

Essas tecnologias representam um conjunto heterogêneo de técnicas, sistemas eletrônicos, máquinas inteligentes, redes tecnológicas, programas informáticos e usos sociotécnicos e culturais que se encontram em pleno crescimento exponencial. Como estrutura tecnológica, se acha em expansão aparentemente - ilimitada, por isso a investigação social sobre as mesmas está ainda em uma etapa primária de exploração, de busca de dados e de marcos teóricos de interpretação que lhes sirvam de sustento conceitual.

Esta sensação domina o tema da retenção de dados, da sua relação com as novas tecnologias de informação e da explícita postura que cabe neste momento para sinalizar uma possível maneira de se viver, de estrutura social própria dos novos fenômenos ainda não dominados e estudados; aproxima sim, de comparações de controle social já visto na história anteriormente, ponto que denota que as certezas já não existem mais, precisamos do amanhã sem muitos horizontes do que ele de fato será.

Gostaria de direcionar a ideia das TICs para as potências provocadas e exploradas pelos pesquisadores, em relação à comunicação e à mídia, a fim de ter o panorama desencadeado pela concepção do que se traduz pelo olhar político e dos recursos dessas tecnologias. Um bom exemplo e que não se esgota vem do México – Oaxaca - a ideia consiste em dê e para: “o desafio fundamental para as TICs consiste em demonstrar que podem aumentar quantitativamente e qualitativamente não somente a

capacidade individual, mas também coletiva dos recursos para criar diferentes formas de “capital” e de formação de valor: valores econômicos, simbólicos, sociais e culturais”. (VIZER, 2011. p. 185).

Antes mesmo da internet havia um posicionamento bem demarcado pela comunicação televisiva, de como esta se dedicava à divulgação das notícias. Hoje, o meio de comunicação televisivo necessita ser mais um dos meios de comunicação, ainda que um dos mais rentáveis, porém, não mais o único divulgador. Ao lado dos meios da mídia da internet, torna possível a relação dos suportes das hipermídias e estimula às ações políticas ditas diretas, ou à ação direta em âmbito global, ultrapassando a ideia de emissor e receptor.

Em relação à comunicação, um exemplo possível de ser apontado é o documentário intitulado “*Quarta Guerra Mundial*”, ou “*Atenco Romper El Cerco*”³¹, lançado no ano de 2007. São dois os fatores levantados para tal exemplo de como a comunicação se modificou a partir da internet; no primeiro exemplo, temos a ideia de como este vídeo circulou - partindo da concepção do copyleft para este documentário.

O documentário coloca em prática a ideia do copyleft³² em sua reprodução; em relação ao conteúdo analisa os acontecimentos de *San Salvador Atenco* durante os primeiros dias de maio de 2006, além da denúncia aos meios de comunicação de massas, denuncia as violações dos direitos humanos da população civil sofrida com a violência por parte dos policiais do Estado, tendo o grande apoio da mídia corporativa, que em contrapartida, foi um exemplo forte para que a circulação dos ocorridos em San Salvador ultrapassassem os “muros” de uma única mídia. Esta ação ocorre por parte das mídias independentes, por uma reprodução independente e de baixo custo e em muitos lugares é tema de debates dos “videoativismos”.

Considerando a mídia independente e a produção independente como caminhos cada vez mais validados às pesquisas, dispõem através de um recorte temático, imagens, entrevistas e depoimentos, diferentes das expostas nas mídias clássicas e dos recortes dos jornais televisivos.

Não é a busca da “verdade”, mas das possibilidades de ângulos diversos de buscar *ver* sob outros prismas um enfoque social e cotidiano, dentro da compreensão,

³¹ Editora Deriva (independente).

³² De Livre reprodução sem fins comerciais - será detalhado nos capítulos seguintes.

não somente dos exemplos dos documentários pesquisados, mas da própria linha dos caminhos possibilitados pelas redes de internet.

A produção de documentários é recente e seu uso dentro dos círculos acadêmicos ainda é muito tímido, *“o documentário amplia as possibilidades de pensar as relações entre a arte e a política, proporcionando a análise de ambas dimensões enquanto fluxos que se encontram e se misturam”* (SEGURADO³³, 2007, p.100).

Considerada a inserção da produção documental, o fator relevante para a criação de documentários *“políticos-ativistas”*, está para o aumento de circulação, para a multiplicidade de inserção audiovisual às tecnologias da internet, apropriando um conjunto de experiências possíveis dos coletivos e das comunidades sociais contemporâneas; assim, vão de encontro aos *compartilhamentos* citados anteriormente, o de se fazer presente e participativo no mundo global contemporâneo.

Muitos conteúdos são produzidos para livre reprodução, desde que a fonte e o autor sejam citados (copyleft), como mostra a articulação das tecnologias de informação e comunicação, as TICs, *“a cultura contemporânea está fortemente imbricada pelas imagens e encontra no documentário a possibilidade de articular as novas tecnologias de comunicação e de informação para criar sistemas de contracomunicação capazes de garantir espaço para as singularidades”* (SEGURADO, 2007, p.111) estimuladas pelas redes de internet, são capazes de revigorar a mídia informativa, mesmo que independente.

O caráter de referência dos documentários não só permitiu garantir um exercício de pesquisa, como também colocou em prática o reconhecimento da utilização das ferramentas de comunicação informais disponíveis desde a popularização da internet; neste momento, ligando os movimentos e ações coletivas da cidade de Seattle com o desfecho marcante desta popularização da mídia da internet e de suas criatividades possíveis da criação audiovisual.

³³ Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, pesquisadora no NEAP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política, do programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP)

3 O MOVIMENTO “ANTIGLOBALIZAÇÃO, MÍDIA E POLÍTICA”: O SURGIMENTO DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE

Para uma maior apreensão desta temática apresentada em Seattle, de que o movimento não era um movimento antiglobalização, mas sim, um movimento cidadão global, optamos em expandir a metodologia de pesquisa, consistindo em uma breve análise do discurso de participantes e entrevistados no documentário “*The is what Democracy*”.

O documentário “*The is what Democracy*”, foi mais um dos materiais de pesquisa encontrados nesta trajetória pelas redes de internet. Sua duração é de 01:08h de duração, possibilitando embarcar em um cenário de entrevistas e depoimentos dos cidadãos em Seattle, como do foco do ativista, consistindo na perspectiva do “calor do momento”, ou dos momentos de conflito e embates sociais ocorridos em Seattle.

O documentário vem como uma ferramenta na construção crescente da pesquisa, e como um ótimo recurso para análise de imagens, e de entrevistas, permite ver este “olhar” dos indivíduos, participantes das manifestações. A retomada histórica, também nos permite realizar um breve recorte destinado aos objetivos ideológicos e identitários dos grupos de ativistas, uma possibilidade rica de conteúdos de análise de discurso e do aprofundamento temático aqui proposto.

Na análise do “*This is What Democracy*”, além das imagens e dos discursos, também nos é permitido observá-lo como objeto reflexivo em relação à produção da informação no sentido global, lembrando a fonte de compartilhamento da rede que permitiu encontrar este conteúdo.

No documentário aparece a palavra “filme”, apesar de serem coisas distintas. E a referência como trouxemos até então, será de documentário pelo teor documental e histórico o qual foi “construído por cem ativistas dos meios de comunicação” (THIS IS WHAT DEMOCRACY), por ativistas do Indymedia meio ao movimento cidadão global.

A linguagem que o compõe é de cunho ativista, reivindicativa e politizada, em uma construção crítica destinada ao capitalismo e às tomadas de decisões neoliberais da OMC, NAFTA, FMI e do Banco Mundial. Percebe-se uma busca por parte dos ativistas em tornar o documentário uma maneira de registro, principalmente às propostas das táticas de ação nos protestos, perceptíveis á “criatividade, imaginação, democracia e resistência”. Este conteúdo contido no documentário nos possibilita compreender as

iniciativas, as concepções de valores sociais, e uma própria simbologia de fazer parte de algo que compõe o pertencimento, a busca da democracia e da igualdade na sociedade.

A partir de uma análise de discurso das entrevistas é possível identificar a ausência da palavra “antiglobalização”, ou “movimento antiglobalização”, ao contrário destas, aparece a concepção do “movimento global cidadão”, ligadas às palavras de “união”, “mudanças”, “diversidade de pessoas”, “diferença”, “diferença e divisões”, “liberdade”, “democracia”.

Entre estes discursos, a ativista Way Cry³⁴, relata: *“temos que receber uma diversidade de pessoas tal como uma diversidade de táticas. As nossas diferenças são a nossa força, não acho que alguém queira viver em uma cultura homogênea”*, em outra frase da ativista *“na nossa união é onde está o nosso poder, assim que tem sentido que eles se focassem nas nossas diferenças e divisões”*, este é um dos sentidos atribuídos à globalização, de fomentar a “cultura homogênea”, e nas “divisões”, atribuídas a uma das formas imaginárias da repartição do mundo, em que o sentido da diferença cultural estaria perdendo as suas nuances locais, específicas, valorativas e próprias da cultura.

Ressaltando as diferenças, estas valem para a organização dita *“solidária”*, e este sentimento de solidariedade, atribuído ao resgate de valores através de protestos, talvez seja o elemento em comum agregador deste “movimento global cidadão”, e surpreendente pela autonomia e espontaneidade *grasroots* da organização, pois este movimento não identifica um líder para representação dos seus interesses.

Vandana Shiva, no seu depoimento no documentário *“This is what Democracy”*, transpõe ao ocorrido que:

Penso que o melhor era que não houvesse nenhum dirigente. O que havia era um convite para darmos as mãos. E a união de mãos aconteceu, porque todos nós sabíamos que tínhamos que dar as mãos para conseguirmos mudar. Cada um de nós é um pequeno pedaço. Cada um de nós representa um pedaço deste grande problema. E até juntarmos as mãos, não vamos tratá-los, mas se dermos as mãos, podemos cercá-los. E foi isso que aconteceu em Seattle, tanto física, literal, como simbolicamente.

Nesta perspectiva, entende-se a ausência de uma “centralização de organização” para as tomadas de decisões, pois como colocar “100.000 pessoas de diferentes procedências (nacionais, culturais, militantes etc.)”, (BRINGEL e MUÑOZ, 2009,

³⁴ Ativista em Seattle 1999, e ativista do CMI dos Estados Unidos.

p.32), e as quais “saíram às ruas e conseguiram colocar no ponto de mira uma organização chave na regulação do comércio global”, e nos pareceria ser esta a pergunta chave..

A ausência desta resposta deixa Seattle de 1999 como um marco histórico, posteriormente os acontecimento e protestos são colocados nas zonas de comparação de outros movimentos sociais, próprios dos passos sociológicos e políticos, mas os contornos destas ações sinalizam a ruptura dos modelos das “teorias clássicas das ações coletivas”, e a inquietude “teórica-metodológica” deste “novo”, os quais perpassam os doze anos vividos em Seattle, e de alguma maneira deixou uma liberdade interpretativa através da quebra paradigmática dessas teorias.

Apesar de considerar o documentário um meio possível de enquadramento, objetivo muito específico dos grupos componentes, a conclusão da palavra “antiglobalização” destina-se muito mais a uma nomeação posterior e não motivacional dos grupos componentes participantes, como dos ativistas ambientais, feministas, trabalhadores e sindicalistas presentes.

Como percebemos essa análise tornou-se possível de efetuar-se graças ao acesso dos meios de produção independentes, os quais circulam por redes de internet específicas, possibilitando ultrapassar as barreiras da informação, e da circulação nesses meios, superando, através das redes as barreiras do tempo, das línguas estrangeiras e das geografias, em voga a concepção de local/global (SANTOS, 2000), na perspectiva de valorização das características locais, e da sua participação no contexto global.

Santos (2000) possibilita o aprofundamento dos aspectos da globalização, quando convida ao leitor para que se depare à realidade da *globalização perversa*, que constrói um pensamento até então tido como “pessimista”, para o que ele intitula de “realista”. Sua reflexão aponta para um horizonte do pensamento em que a proposta propõe é a construção para “uma outra globalização” vista como sendo possível de ser pensada na sociedade.

Esta globalização “perversa” ou “pessimista” seria a visão do mundo contato como fábula, em que há uma confusão de como o percebemos. E esta confusão também se torna presente em como vivemos as nossas vidas. Para Santos (2000), a forma presente tomada em nossas vidas vem através do extraordinário progresso das ciências e das técnicas, e seus frutos são os novos materiais artificiais que consolidam “três mundos” (p.18) em um só: “O primeiro seria o mundo como tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo como ele é: a globalização como

perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.” (op.cit.p.18).

Temos aqui um dos grandes exemplos de complexidades do pensamento global e das problemáticas socioeconômicas causadas e debatidas por este autor. Neste sentido encontramos um eixo que podemos utilizar ao que cabe à Seattle (1999), pois a busca consiste em insistir na direção desta outra globalização vista como possível de ser encontrada e construída pelos indivíduos na sociedade.

A partir desta interpretação, arriscaríamos apontar que Seattle dentro deste cenário da globalização, vê nestas tecnologias disponíveis o meio das mídias independentes desabrocharem - pois as mídias, neste período, ganham novos significados - não somente a mídia independente, mas as mídias potencializadas pelas ferramentas das técnicas e disponíveis nas redes de internet.

Não se pode afirmar ao certo se foi por Seattle que as mídias independentes se formaram, mas foi em Seattle, e pela divulgação e revolta de muitos manifestantes e ativistas, que surgiu o Indymedia, na tradução, o Centro de Mídia Independente de Nova York. Entre o calor das manifestações, ativistas registravam os acontecimentos e foram nos três dias de euforia que houve a ideia de registro e de maneira amadora acumularam uma grande quantidade de captação de imagens e depoimentos partidos das experiências e vivências das pessoas presentes, e que tornou possível, posteriormente, a compilação do “*This is what Democracy*”, “*e foi gravado por mais de cem ativistas dos meios de comunicação*”, (CMI, 1999,).

Cumprindo com a função que o destinamos, também nos serve para uma segunda condição interpretativa, partimos a utilizá-lo como exemplo de um modelo de participação coletiva em que durante os quatro dias, muitos manifestantes, em muitos pontos da cidade, utilizaram suas máquinas filmadoras e registraram em muitos pontos diferentes os conflitos e embates com a polícia, sem saber, coletivamente, estariam construindo as primeiras *ações diretas de mídia independente*, e que posteriormente, seria o primeiro documentário compilado pelo CMI de Nova York.

A *ação direta de mídia independente*³⁵ consiste em captar imagens, fotografias e áudios, em meio à repercussão das manifestações, reforçando a tendência da mídia em não recuar durante os conflitos. E apesar de ser um comportamento muito parecido com o de repórteres e jornalistas das mídias tradicionais, nesse caso são as especificidades

³⁵ Termo criado pela pesquisadora.

dos contra-ataques de manifestantes e polícias e de todos os acontecimentos, dentro das passeatas e conflitos, que geram um cuidado todo especial em permanecer com a câmera na mão.

A fim de buscar a imagem a qual assegure uma notícia mais “justa”, in loco, e não generalizada, enquadrada e desfocada da sua intencionalidade, é importante que as imagens possam ser gravadas em *tempo real*, seguindo-se do compartilhamento desse conteúdo a fim de que em tempo recorde possa se espalhar em grande velocidade pela internet, utilizando-se do meio de divulgação da mídia independente.

Até este momento não existe nada de muito diferente do que a mídia clássica já realiza, porém o detalhe diferencial está voltado para a *fonte* dessas notícias, *quem são seus produtores e o que* querem com essas divulgações e conteúdos. A mídia independente consiste em disponibilizar a informação por parte do olhar dos manifestantes, ativistas. E por mídia independente se entende como o meio de comunicação e informação, desvinculado de instituição estatal, governamental ou da ligação às corporações de grande escala e poder financeiro.

O fator, nesse exemplo explicado, é de uma *mídia independente* esboçada a ideais coletivistas e cidadãos, na reivindicação de um espaço de comunicação e informação diferenciados, que veem na diferença de *conteúdo do meio* das manifestações, o seu diferencial do *conteúdo final* de notícias, proporcionado pelas mídias tradicionais³⁶, tvs, rádios e jornais, mantidas regularmente pelo nome, patrocínio e lucro de vendas³⁷ e de audiências.

A mídia independente, nesse contexto do movimento cidadão global, surge como um *movimento de movimentos*, desencadeado dos *novos movimentos sociais* e, como mídia independente, se apropria das identidades multiculturais e de suas contestações. O sentido atribuído é de um “coletivo” partido das “particularidades” e identidades culturais, étnicas, regionalistas, ambientais, feministas, trabalhistas e estudantis, as quais permitem formar o “todo” desse “coletivo” e desse “movimento de movimentos”. Esse é o sentido permitido de pensar o movimento global cidadão.

Nesse contorno e nessa direção multi global cidadã, também são pensados novos meios de mídia, sua produção, publicação e divulgação; meios possíveis de

³⁶ Como mídia tradicional no sentido geral das mídias já consolidadas.

³⁷ Evita-se falar de mídias de esquerda ou de direita, ou utilizar as palavras “manipulação”.

compartilhar uma informação pautada sobre esses princípios do *global valorativo* formado pelas singularidades.

As influências da comunicação via internet, os exemplos de como lidar com ela, partidos pelo exemplo de Chiapas/Oaxaca pelos zapatistas e fortemente marcados pelas necessidades de circulação de notícias em Seattle, determinam a organização do primeiro coletivo do Indymedia, na tradução o Centro de Mídia Independente. Grande responsável pelas escolhas tomadas em como trazer o movimento antiglobalização, para a sua desconstrução e conclusão como “movimento cidadão global”.

A interligação de Seattle ao CMI, pouquíssimas vezes foi levada á diante, nota-se a fragmentação com que a temática se desenvolve. Assim, o privilégio de unir tamanha procedência, torna esta ligação onde “tudo começou” e tão recentemente, um gosto indescritível.

A ligação do Centro de Mídia Independente cresce junto à popularização da internet, das tecnologias computacionais de maior alcance aos espaços residenciais, dos campos de trabalho e do serviço de interesses distintos. E, a “passos largos”, apesar das limitações de acesso, permite-nos dizer que alcançam o mundo.

Por fim este retorno á política, ao movimento cidadão global e ao surgimento da mídia independente junto a “Batalha de Seattle”, só foram possíveis de retorno, e de tal maneira, pelo compartilhamento nos ciberespaços do Centro de Mídia Independente.

4 INDYMEDIA - O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE

O nosso objeto de estudo, o Indymedia, ou por sua tradução, O Centro de Mídia Independente, é exposto neste trabalho de pesquisa em uma de suas facetas, o que consideramos uma pequena parcela de possibilidades para efetuar uma pesquisa em torno deste coletivo. Porém, torna-se importante esclarecer, desde o início desta apresentação, que o trabalho conta com os “recursos nascentes”, pois são pesquisas realizadas com poucos conteúdos formais e poucas referências de pesquisas.

Inicialmente baseamos o estudo temático através dos conteúdos da rede CMI a partir dos seus “princípios”, contando com o levantamento do “estudo da arte” do CMI, obtendo através deste levantamento poucos trabalhos, porém, os trabalhos encontrados apresentam particularmente um elemento em comum: o envolvimento e a experiência com o coletivo.

Estes trabalhos estão relacionados a dissertações e suas perspectivas permitem observar as possíveis singularidades e idiossincrasias que o CMI possibilita no campo das ciências sociais e, neste sentido, colaborar ricamente com a nossa pesquisa para que este conteúdo e foco bibliográfico cresçam.

Outra maneira colaborativa à pesquisa foram os conteúdos diretos e indiretos pesquisados nas modalidades de “documentários”, de pesquisas e participações em eventos. Assim, compreendemos que os trabalhos já desenvolvidos em torno da temática do CMI, como esta pesquisa, se fortalecem em meio a uma *rede espontânea de interesses* de indivíduos, os quais encontram dentro da rede a possibilidade de compartilhamento de dados e de documentos que fortalecem o conhecimento em torno desta rede independente.

O Centro de Mídia Independente, tradução adotada do *Indymedia*, surge em 1999, em meio à “Batalha de Seattle”, em protestos à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 30 de novembro o (N30).

O eixo interpretativo apesar de muito ligados às críticas à mídia tradicional, estão também fortemente interligadas às redes de internet, cibercultura e ao ciberativismo, que de algum modo explica tamanho postura crítica deste grupo político de mídia às mídias tradicionais.

O Centro de Mídia Independente é uma rede mundial, mas podemos chamá-la de *rede de coletivos*³⁸, a qual se denomina como “grupo político de mídia”³⁹. Em seu surgimento, marca uma característica muito presente em manifestações contemporâneas, as formas de organização espontâneas, ou mais conhecidas como *grassroots*.

O CMI tem infraestrutura independente do Estado e é mantida através da colaboração partida de doações espontâneas em dinheiro, as quais colaboram para a manutenção da rede e que garantem a permanência de suas atividades. Essas doações mantêm a liberdade das funções praticadas pelo CMI, de manter uma coerência com os seus princípios sem vinculação com partidos políticos, jornais de “massa”, instituições governamentais ou qualquer outra ligação que impediria a reflexão e publicação dos novos movimentos sociais, e como consequência a publicação de suas notícias, colocando em perspectiva, a contrainformação das notícias das mídias tradicionais.

O CMI, além de obter o meio do site - sítio em português - como ponto na rede de internet, também trabalha com o “CMI na rua” que é o jornal impresso, jornal de poste. Também houve outras propostas como rádios comunitárias que seguem como modelos de implementação da comunicação popular, em espaços dedicados à trabalhos de parcerias entre comunidades e o CMI.

Por fim, o coletivo de São Paulo, lançou a proposta de um cybercafé: espaço com computadores e de acesso livre aos computadores, sobre a proposta de funcionar como ponto de encontro, mas dada a flexibilidade destes coletivos, as mudanças tornam-se algo constante e “o CMI São Paulo já passou por essa experiência duas vezes; primeiro, quando montou um cybercafé num instituto anarquista e depois, em uma ocupação na Avenida nove de julho, ambos desativados no momento” (CMI, 2005).

Em relação aos temas publicados em sua maioria estas são de cunho político-social, apreendendo informações postadas entorno dos novos movimentos sociais, e de maneira a verificar o cunho livre de publicação. Apesar dos temas e a postura do grupo seguir uma orientação política identificada com o anarquismo, como mostra a pesquisa

³⁸ Criado pela pesquisadora, o termo designado como rede de coletivos vêm em uma crescente identificação com os pontos de rede de coletivos que surgem em meio às redes de internet. Essa relação vai além da rede de coletivos políticos. Hoje há pontos de redes de coletivos culturais, de mídia, de ação, etc., que de alguma maneira estão interligadas em suas atividades, tornando propício o termo designado de CMI pela pesquisadora.

³⁹ Fonte do documento de princípios do CMI 2005.

realizada por Caires (2010) em um levantamento de questionários com 56 contatos de voluntários, os quais foram publicados na “página da direita”.*

Na amostra, são 32% que se identificam com a orientação político-anarquista, 27% com a esquerda liberal, 37% com “outra”, 2% com a esquerda liberal e 2% não responderam (CAIRES, 2010, p.83). Significativamente, a variação de orientação política demonstra a abertura da rede e o espaço para publicações variadas.

Porém o destaque é para os princípios do CMI, muito próximos dos princípios anarquistas, como a descentralização de poder e a autonomia dos indivíduos. E nos objetivos traçados com ênfase nos movimentos de luta pela moradia, e nos movimentos feministas - *de gênero* - nos grupos de mídia. Assim, a história do CMI está imbricada aos “novos movimentos sociais” ou do movimento cidadão global.

Nesse aspecto, há novas conjunturas marcadas pela sociedade atual, entre elas, os movimentos ambientais envolvidos na luta contra o desmatamento, contra a poluição dos mares, na preservação dos animais, etc. Também nesse novo cenário surgem os temas de reivindicações urbanas, entre esses, o movimento das catracas bem difundido na cidade de Florianópolis, na luta contra o aumento das passagens de ônibus, movimento “Massa Crítica” o qual se dedica a reivindicação do uso de automóveis em contrapartida a ausência de uma estrutura urbana que forneça ciclovias. Os movimentos de moradia urbana e rural, lutas indígenas, étnicas-raciais.

Sobre esse aspecto podemos compreender que essa mídia em particular busca, através do meio eletrônico criar espaço para uma nova forma de produção e participação de mídia, esta, baseada na informação e no direito de cidadania. Por outro lado, há o reforço e a valorização dos ciberespaços, apontados anteriormente, os quais são baseados nas perspectivas de Lévy (2003).

Através de uma breve participação no coletivo do Balneário Camboriú/SC no ano de 2005, foi possível obter o material fornecido sobre os princípios do CMI, colaborando significativamente com a construção desta dissertação. A partir deste momento, também se tornou possível apreender a vontade necessária de trazer muitos anos depois, este olhar para as experiências coletivas de mídia. Deste período, constroem-se as perspectivas sociológicas, para tanto, buscamos no próprio cerne de documentos expostos na rede CMI o meio de partida da pesquisa.

* é uma página dedica á artigos que para lá são direcionados, caso não respeitem a política editorial do CMI, porém, continuam para visualização no site.

4.1 O CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE- BRASIL

O Centro de Mídia Independente Brasil surge no ano de 2000, na cidade de São Paulo através de um movimento organizado sobre a proposta dos “desdobramentos da organização dos movimentos antiglobalização”. Sua repercussão acontece após o encontro entre o Banco Mundial e o FMI na cidade de Praga, datado do dia 26 de setembro de 2000, conhecido como o (S26), e é somente após esse acontecimento que o CMI Brasil “entra no ar”, se tornando o primeiro coletivo no Brasil.

Cerca de um ano depois que o coletivo de São Paulo se formou, novos grupos começaram a se voluntariar para constituírem coletivos editoriais em suas cidades. Cada coletivo desenvolve projetos locais e todos eles, coletivamente, participam da gestão do site. Todos os coletivos se organizam de forma não hierárquica e têm o compromisso de aceitar os princípios e a política editorial. Para se constituir formalmente, cada coletivo precisa de pelo menos cinco voluntários, sendo pelo menos um deles capacitado tecnicamente em informática (ou com disposição de aprender). No entanto, qualquer grupo menor ou indivíduo pode contribuir participando dos diversos projetos (CMI, 2005).

Foi através do encontro do “Dia sem Compras” (CMI Brasil, 2005), na cidade de Belo Horizonte, no dia 23 de dezembro de 2000, ainda contando com poucos voluntários, que o CMI se torna um coletivo, com a proposta de exercer a atividade de divulgação de lutas sociais. A partir dessa data, o CMI Brasil inicia a concepção de grupos voluntários para fortalecer e expandir a comunicação através dessa rede social, ampliando os coletivos por toda a região do Brasil, tendo cada uma destas cidades o desenvolvimento de projetos locais através de voluntários e de coletivos editoriais.

Parte dos objetivos do CMI Brasil (2005):

A) O Centro de Mídia Independente é um projeto sem fins comerciais e totalmente feitos por voluntári@s⁴⁰.

B) O CMI Brasil quer dar voz aos que não têm voz, constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais.

⁴⁰ O símbolo @ segue como o original, para designar voluntários e voluntárias; questões de gênero, são fortemente trabalhadas por este rede mundial.

C) A ênfase da cobertura é nos movimentos sociais, particularmente nos movimentos de ação direta (os “novos movimentos”) e nas políticas às quais se opõem.

D) A rede CMI Brasil busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente.

E) A estrutura do sítio na internet permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens, tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.

Neste cenário, muitas são as discussões realizadas em veículos de mídia independentes a fim de que as notícias possam ter uma organização em termos de divulgação de notícias e de informações sob a modalidade de vídeos ou de transmissões de rádios, podendo ser publicadas e utilizadas por qualquer outro veículo sem fins lucrativos, no sentido de uma livre utilização dessas informações e sem cobrança de direitos autorais.

Aqui aparece uma das propostas desta mídia como o copyleft (a livre reprodução de conteúdo e material) cuja ideia é a “livre reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída” (CMI, coletivos, 2005)

Podem-se notar outras características do Centro de Mídia Independente, a partir da sua política editorial, de maneira a compreendê-la seguiremos na íntegra os princípios do Centro de Mídia Independente Brasil:

O Centro de Mídia Independente (CMI) Brasil é uma rede de produtores (as) de mídia autônomos (as) e voluntários (as). Com o objetivo de construir uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente, o CMI procura garantir espaço para que qualquer pessoa, grupo (de afinidade política, de ação direta, de ativismo) e movimento social - que estejam em sintonia com esses objetivos - possam publicar sua própria versão dos fatos. Acreditamos que dessa maneira estaremos rompendo o papel de espectador (a) passivo (a) e transformando a prática midiática através de áudios e vídeos. Esse mecanismo rompe com a mediação do (a) jornalista profissional e com a interferência de editores (as) no conteúdo das matérias. As produções não são

modificadas, salvo a pedido do (a) autor (a), ou quando pequenas formatações são necessárias para facilitar sua exibição. São bem-vindas no CMI publicações que estejam de acordo com os princípios e objetivos da rede, tais como: relatos sobre o cotidiano dos (as) oprimidos (as); relatos de novas formas de organização (como o Movimento Passe Livre, Movimentos dos (as) Trabalhadores (as) Desempregados (as), as (os) zapatistas no México, as (os) piqueteiras (os) na Argentina, as redes de economia solidária, etc.); denúncias contra o Estado e as corporações; iniciativas de comunicação independente (como rádios e TVs livres e comunitárias, murais e jornais de bairro etc); análises sobre mídia; análises sobre movimentos sociais e formas de atuação política; produção audiovisual que vise à transformação da sociedade ou que retrate as realidades dos (as) oprimidos (as) ou a luta dos novos movimentos⁴¹.

Existe uma política editorial que não aceita publicações de cunho excludente, homofóbico, racista e machista. Essas publicações não viriam a ser retiradas do sítio CMI, estas são colocadas nos “artigos escondidos”, na página que fica à direita do site, e não na página central. Dessa maneira, a notícia homofóbica, racista ou de qualquer outro gênero contra a política editorial do CMI, não é impedida de ser lida ou discutida. Considerar as temáticas como um “recorte”, assim como nos jornais de massa ou de outra mídia, seria muito relativo, já que o que ocorre é o não incentivo, e não o destaque na página central do site, sustentando a diferença da proposta dessa mídia para as demais, como meio de democratização da comunicação.

4.2 “SEJA A MÍDIA, FAÇA A MÍDIA” – O CONVITE À PARTICIPAÇÃO A CONSTRUÇÃO DA REDE CMI

Como você pode participar: Você pode ajudar de várias maneiras dependendo da sua capacidade e da sua disponibilidade de tempo. Você pode apenas ser uma contribuidora ou contribuidor eventual, publicando de tempos em tempos artigos no site. Se você gosta de

⁴¹ <http://www.midiaindependente.org/static/poliry.shtml>. Acesso em 06/09/2011)

escrever e quer fazer reportagens investigativas e cobertura de eventos, você pode participar dos coletivos editoriais e de difusão. Você pode também ajudar com traduções periódicas. O Centro de Mídia Independente é uma rede mundial que produz uma grande quantidade de boas matérias e precisamos periodicamente de tradutoras e tradutores, tanto de línguas estrangeiras para o português, como do português para línguas estrangeiras. Se você entende um pouco de informática (sabe o que é um script, conhece PHP, Linux e coisas desse tipo), você pode oferecer auxílio técnico na manutenção do site e no desenvolvimento do software que utilizamos (chamado “Mir”). Você também pode se envolver com quaisquer dos projetos existentes ou ainda criar um novo. (CMI. Site)

Como interesse primordial, o CMI Brasil busca a divulgação de notícias e informações de acontecimentos político-sociais, partindo da concepção de que a mídia deve ir além dos interesses das motivações do lucro. Também cabe à mídia independente CMI proporcionar a construção deste meio de comunicação através da colaboração de voluntários, pessoas comuns, as quais viriam a mostrar interesse em participar da divulgação de informações na rede CMI, dependendo do seu grau de identificação com a rede.

O voluntariado se estabelece tanto de forma coletiva, como individual⁴². Os coletivos são dinâmicos, pois em um único país, como no caso do Brasil, podem estar ligados a projetos paralelos, ou com mais de um “projeto”, além da participação no CMI; em alguns casos ligados a rádios locais, à produção de jornais (escritos), e tantos outros interesses que permeiam cada um destes coletivos, que se diferenciam através das suas regiões e realidades locais.

Além destes apontamentos, os coletivos seguem uma periodicidade de encontros, e de forma objetiva tornam-se um grupo de pessoas que mostra interesse em estar participando de uma forma presencial com o CMI, diferentemente do que encontramos no que pode ser apontado como um voluntariado *individual*.

O que neste momento é apontado pela pesquisadora, como voluntariado “individual”, passa por um processo que dependem de alguns fatores advindos do interesse em divulgar notícias, imagens e vídeos. O voluntario, neste momento, tendo o conhecimento desta rede, pode postar, comentar e divulgar material de seu interesse; caso não tenha um conhecimento aprofundado de “como fazê-lo”, pode seguir os passos contidos nas explicações cedidas na rede CMI. Desta forma, a dinâmica que se segue

⁴² Explicação partida da experiência da pesquisadora; não há documentos que explicitem ou nomeiem “voluntario individual” ou “voluntários de coletivos”.

para a manutenção de notícias da rede, prossegue na esfera da flexibilidade de seus voluntários e com inúmeras configurações possíveis.

Os novos produtores de mídia independente trabalham em uma proposta de produção de matérias que sustentem as posições das tomadas de poder do Estado, e do que considera como monopólio da mídia. Dos objetivos de produção do CMI estão presentes, dentre tantas notícias, as ações diretas as quais envolvem acontecimentos sociais - reivindicações, protestos, mas também as notícias publicadas em comunicação de eventos específicos, como o evento cultural.

Temos como exemplo dos eventos, as feiras de troca (escambo) e as reuniões e feiras de livros anarquistas; exemplo dessas menciona-se as ocorridas em Porto Alegre e São Paulo as quais também passaram publicação em nível de informação pelo CMI, etc.

Desta forma, o sítio do CMI, encontra-se em uma variada apreensão de temas político-sociais e culturais encontrados nesta rede na construção deste *espaço virtual*, pois conforme a publicação aberta de notícias cria-se nesse espaço um ambiente público, espontâneo (construída pelo voluntariado) e dinâmico na sua construção por depender somente dos fatos sociais ocorridos na sociedade.

O Centro de Mídia Independente aparece como uma oportunidade de analisar o meio de mídia independente no seu contexto sociológico, permeando as discussões em torno dos temas das tecnologias da informação e dos meios de comunicação, em uma sociedade contemporânea que apresenta, através desta rede social de coletivos, uma oportunidade para pensar que através desses espaços virtuais possam surgir novas formas de atuação civil e de ações coletivas.

Esta dinâmica e flexibilidade tornam-se possíveis dentro da rede CMI, pela sua característica de descentralização da organização exercida por ela, a qual consegue garantir diariamente que publicações e notícias sejam feitas por esses voluntários, independentes de suas ligações *diretas ou indiretas*.

Esta atuação popular construída pelo sistema voluntário traz uma conotação diversificada de interpretação do que seja a *Mídia e do que é fazer a mídia*. Esta discussão se faz disposta a questionar os próprios meios de comunicação existentes em que a participação se dá ao nível de *receptor* de notícias e que, neste contexto, pode-se questionar até que ponto essas notícias, de fato, possuem o nível de comunicação apropriado.

A diferença que pode ser prontamente levantada nesta construção inicial do projeto entre uma *Mídia de Massa*⁴³ e a *Mídia Independente (CMI- Brasil)* é o campo concedido aos temas e informações voltadas ao popular dos movimentos sociais, dos protestos e das ações políticas, sociais e culturais. A segunda questão fica por conta da *interação direta* entre os atores sociais, os leitores e os ativistas.

A Mídia Independente (CMI) apresenta-se claramente diferenciada pelo papel de interação *mídia-internet e indivíduo*, onde a participação é espontânea, podendo tanto partir de uma concepção ideológica a que se considera comprometida - considerada do “corpo ativista” - quanto de uma ação direta que vê na comunicação um dos meios potentes de divulgação dos seus interesses particulares (mais adiante seguem algumas notícias a fim de contribuir para a reflexão destas questões apontadas).

No espaço ou ciberespaço do CMI, a contribuição acontece, particularmente, pelo espaço cedido às discussões tanto no “calor dos acontecimentos” como na pós-publicação das informações. Estas notícias e informações podem ser efetuadas no formato de artigos, vídeos e imagens, produzidos por “amadores” como também por profissionais.

Neste momento, as condições colocadas à disposição para complementar a notícia, para discuti-la ou para discordá-la, são disponibilizadas pelo site do CMI, sendo de algum jeito ou de outro uma maneira de fazer perdurar a notícia, pois quando colocada à disposição dos leitores e da sociedade o efeito torna-se diferenciado das notícias lançadas nas mídias de massa.

Em relação às mídias de massa é importante destacar que o CMI não é um meio de massa; apesar de adotar um dos meios mais abrangentes como a rede da internet ele não chega a atingir um público variado em grande escala como os jornais nacionais, os programas de TV ou até mesmo os jornais impressos e on-line.

É importante destacarmos a diferença entre mídia de massa e o CMI e, apesar de não sustentarmos a discussão, ela é pertinente em relação à mídia de massa e dos seus efeitos na sociedade. Coloca-se em questão que a mídia independente fornece um conteúdo que não tenta alcançar um público, um ibope ou até mesmo espectadores - o seu pano de fundo é a realidade -, ainda que sua criação parta da própria dinâmica da vida social e do que há em comum com as outras mídias; raramente se busca fazer dessa

⁴³ Contraponto entre Mídia de Massa e Mídia Alternativa, pois o CMI não é uma mídia de massa.

realidade algo surreal ou enquadrado no tempo e nos minutos dedicados à exposição das notícias. Convenhamos que a sutileza seja o que a diferencia.

Os questionamentos desta diferença sutil são complexos e válidos, porém não caberia aprofundá-los neste momento, sob pena de correr-se o risco de perder-se, em meio a tantas performances do conhecimento da comunicação, um campo muito apropriado para aprofundar o vasto conteúdo da mídia de massa. Podemos sim nos aproximar do que nos cabe mesmo que pensando timidamente. Estar no cumprimento de seu papel de comunicação variada restringe muito o seu conteúdo para poder dar conta desta gama de interesses propostos, sendo o tempo enquadrado para a política, os esportes, o lazer e tantos outros colocados nas pautas de forma a permanecer restrito a um tempo determinado.

No CMI, apesar de haver um espaço para o que se chama de página central e coluna da direita, a permanência da notícia e da sua publicação está amplamente estabelecida pelas listas de discussões e chats contidos na rede, abertos a qualquer pessoa interessada que tenha o conhecimento da existência da rede CMI⁴⁴.

A política de acesso e a democratização dos meios de informação independentes são colocadas como propostas e críticas de construção dessas mídias que disponibilizam os espaços nessas redes sociais, campos fortemente penderes às críticas de seus leitores, podendo ser discordantes ou contemplativas.

O objetivo de ter um espaço ávido por ser construído em conjunto se encontra na organização da rede CMI, na sua forma de estabelecer ausência de hierarquias e de preceitos moralistas para o seu funcionamento. Existe uma forte tendência de reivindicação para o espaço da diferença, para o multiculturalismo e para as lutas dos novos movimentos sociais.

À baixo, algumas publicações e imagens expostas na “página central” do CMI, assim como as temáticas multiculturais e de exposição dedicada aos novos movimentos sociais. Ao lado, a “página da direita” que comporta diariamente artigos, publicações e imagens por parte dos voluntários individuais.

⁴⁴ Nota minha. Sabe-se que o Centro de Mídia Independente não é tão “popular” como telejornais ou jornais via internet. Devido à globalização e a sua imposição de outras mídias, as mídias alternativas são massivamente empurradas para um nível marginal de conhecimento.

Podemos notar à cima das notícias se a publicação da notícia foi colocada por algum grupo específico de voluntários, movimento social, grupo do CMI de uma cidade específica ou simplesmente por voluntários “individuais”.

Publicações, notícias e imagens:

Figura 1 – Ativismo Criativo ou Arte Ativista- criar um mundo em liberdade



Publicado pela identificação: Sem identificação, repete-se o título da notícia.

Acesso : www.midiaindependente.org; em: 14/01/13

Figura 2 – Joinville/SC- Manifestações contra o aumento das Tarifas



Publica pela identificação: MPL

Acesso : www.midiaindependente.org; em: 14/01/13

Figura 3 – SP- AMORTLOTOV: uma balada de rancores flamejantes!



Publicado pela identificação: Esquerda pró-rancor

Acesso: www.midiaindependente.org. em: 06/12/13

Figura 4 – Brad Will, presente!



Publicado pela identificação: Justiça, Memória e Resistência.

Acesso: www.midiaindependente.org em: 27/10/2012

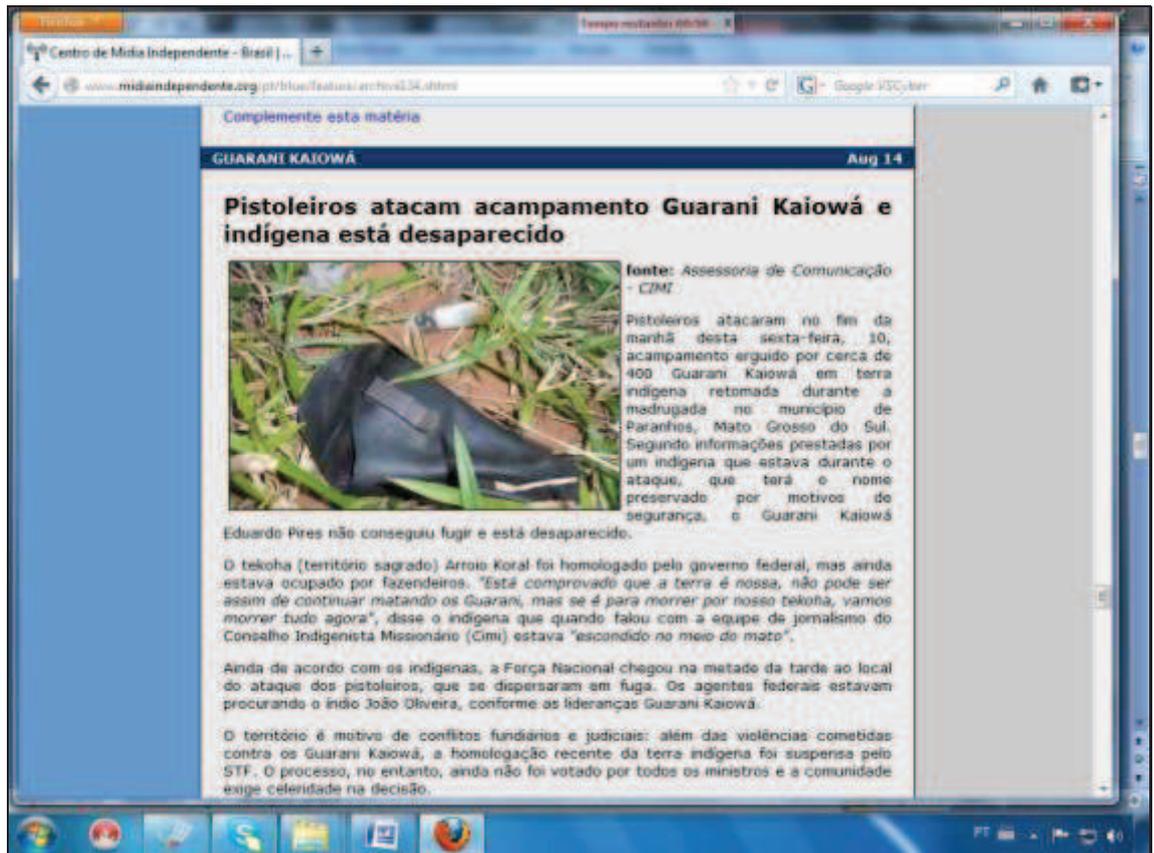
Figura 5 – Notícia: “26 de Outubro- Dia Nacional de Luta pelo Passe Livre”.



Publicado pela identificação: Direito à Cidade

Acesso: www.midiaindependente.org em: 19/10/2013

Figura 6 – “Pistoleiros atacam acampamento Guarani Kaiowá e indígena está desaparecido”.



Publicado pela identificação: Gurani Kaiowá

Acesso: www.midiaindependente. Org em: 14/08/2013

Figura 7 – “(SP) Os 11 do Xingu- Ato contra a criminalização da luta contra Belo Monte. Não Passarão!”



Publicação identificada: Sem identificação.

Acesso: www.midianindependente.org. em: 04/07/2012

Figura 8 – “MSTF-DF ocupa prédio abandonado em Taguatinga”.

The image is a screenshot of a web browser displaying the website www.midiaindependente.org. The browser's address bar shows the URL and the search engine is Google. The page layout includes a top navigation bar with social media links, a main content area with a news article, and a right sidebar with a list of other news items. The article is dated January 05, 2013, and features a photograph of a building with a banner that reads 'QUANDO MORRE É UM PRIVILEGIO OCUPAR É UM DIREITO!'. The text of the article discusses the occupation of an abandoned building by the MTST-DF movement in Taguatinga, DF, and mentions a subsequent agreement with the government.

Links sobre o caso: [Notícia da Mídia Corporativa](#) | [Nota da Universidade sobre o caso](#) | [Nota de professores da UFPE sobre a morte de Samabaia](#)

Complemente esta matéria

Ocupação Urbana Jan 05

MTST-DF ocupa prédio abandonado em Taguatinga

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto do Distrito Federal (MTST-DF) ocupou na madrugada do dia 04 de janeiro um enorme prédio em Taguatinga, Região Administrativa do Distrito Federal. A área, que está abandonada há mais de vinte anos, pertence a um grupo empresarial do DF que atua em redes de postos de gasolina, comércio e empreendimentos imobiliários. Até o momento não houve conflito no local - a polícia afirmou-se impedida de atuar em área privada sem mandato judicial. O movimento reivindica moradia digna para as famílias ocupadas, requalificação do prédio abandonado, garantindo a construção de habitação social, e o fim da criminalização dos movimentos sociais.

A ocupação, chamada Novo Pinheirinho, é na realidade a continuidade de uma luta iniciada há alguns anos pelo MTST no Distrito Federal. Em nota o movimento esclarece que "nossa luta é contínua: em 2010, ainda no governo tampão, houve uma ocupação nossa e um consequente acordo. Acordo que o governo traiu. Em 2011, consequentemente, ocupamos outra terra. Dessa vez, depois de quatro dias nessa terra (que foi assumida como sendo pública pela Terracap e hoje está a venda por um proprietário particular), passamos dois dias no Palácio do Buriti e nove dias no Ministério das Cidades. Houve mais um acordo, que consistia em bolsa aluguel e compromisso de garantia das casas. Ele também foi rasgado pelo governo em menos de dois meses."

Manifesto | Fotos da ocupação | Vídeo MTST ocupa prédio em Taguatinga (DF)

LEIA MAIS

Complemente esta matéria

14-01-2013 12:52

Após populismo de Chávez, economia da Venezuela tem futuro sombrio

14-01-2013 12:03

As Academias de Letras Estão Mortas. Vida Longa às Academias

14-01-2013 08:33

Cadê o empenho do STF para o julgamento do mensalão tucano?

14-01-2013 08:15

LutaDeClassesMéxicoAqui

14-01-2013 08:15

Se burian da país

13-01-2013 22:29

Participante do FIDC Bancorp pela PETROS é acusado de desvio de BVA

13-01-2013 22:19

Tarso Genro prometeu o piso aos professores SEM

13-01-2013 20:45

FOME NO MUNDO- SÓ DEPENDE DE COMPAIXÃO

13-01-2013 20:07

FOME - NOS 15 PAISES MAIS POBRES DO MUNDO

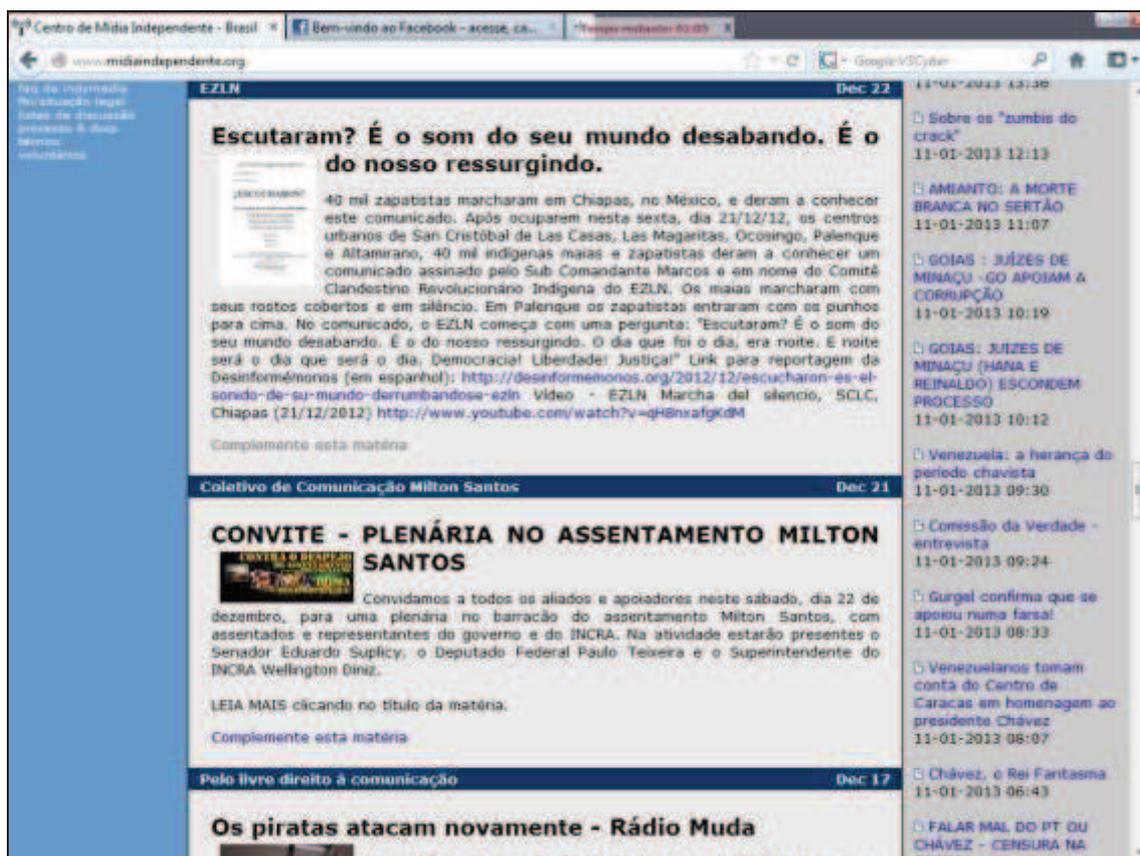
13-01-2013 19:22

Solidarity with Villa Amalia Squat - Athens/Greece, on line

Publicado pela identificação: Ocupação urbana

Acesso: www.midiaindependente.org . em: 05/01/2013

Figura 9 – “Escutaram? É o som do seu mundo desabando. É o do nosso ressurgimento”.



Publicado pela identificação: EZLN

Acesso: www.midiaindependente.org em: 27/12/2012

Figura 10 – “Ato do dia 10- contra o genocídio da juventude negra”.



Publicado pela identificação: Comitê Contra o Genocídio da Juventude Negra.

Acesso: www.midiaindependente.org em: 08/12/2012

4.3 A ESTRUTURA DA REDE, ORGANIZAÇÃO E O CORPO EDITORIAL NÃO HIERÁRQUICO

A Estrutura da rede CMI funciona com as publicações da coluna da direita e as publicações da página central. Suas notícias, vídeos e artigos são editados pelos voluntários e passam pela lista de editores da política editorial os quais verificam se há conviência com a política editorial. Em caso afirmativo, o teor da notícia é selecionado e segue para a página central.

Os artigos da coluna da direita são diferentes das publicações centrais, por haver uma relevância maior do momento, chamando a atenção dos leitores. Porém, nessa coluna é possível visualizar a data e o título do comentário publicado, o que corresponde a um conteúdo já aprovado pela política editorial do CMI.

Os artigos não aprovados pela política editorial, depois de análise e postados na rede, são lançados para os “artigos escondidos”, mas permanecem na rede CMI, e geralmente correspondem a uma das políticas contrárias do CMI: artigos de teor homofóbico e racista, em termos gerais desrespeitosos com as diferenças sociais, de gênero e de raça.

Podemos apontar algumas ideias fundamentais sobre a organização destes coletivos apontados no texto, pensando primeiramente na ideia de que os coletivos das cidades do Brasil funcionam de forma descentralizada e não hierárquica, partindo da ideia de que todos os coletivos possuem direito à opinião. O que de fato é levado em consideração são as opiniões discutidas pelos coletivos locais, sem obter funções como: chefe de edição, supervisor ou qualquer outra nomeação procedente de hierarquias.

A Organização dos grupos de trabalho:

Os grupos de trabalho podem ser formados tanto no nível local como no nível da rede CMI Brasil. Os grupos de trabalho da Rede são compostos por voluntários que participam de coletivos locais e por outros indivíduos não envolvidos diretamente com os coletivos que se disponham a ajudar, desde que os mesmo concordem com os Princípios de União da Rede CMI Brasil. A participação num grupo de trabalho pode ser restrita apenas aos voluntários dos coletivos locais desde que existam argumentos que comprovem essa necessidade e desde que a proposta de criação de tal grupo seja aprovada. Essa aprovação deverá ser ou em nível local, se for uma proposta de alcance local, ou em nível nacional, se for uma proposta de alcance nacional. Como exemplos de grupos de trabalho, têm-se o coletivo técnico (que cuida do gerenciamento técnico do site) e o coletivo editorial (que cuida do gerenciamento editorial do site), ambos do CMI Brasil. Além disso, existem grupos de trabalho globais, como o new-imc (que trata da criação de novos sites do CMI pelo mundo) e o listwork (que cria e cuida da manutenção de todas as listas de discussão do CMI) (CMI, 2005).

A rede CMI conta com este *voluntariado técnico*, que se dedica em especial a retroalimentação de conhecimentos específicos a rede, dedicados à estrutura da página CMI. É preciso ter a noção desta diferença entre voluntários e de voluntários com conhecimentos técnicos de rede, pois são eles que “estruturam” a rede, o site, assim como a manutenção de dados e proteção do CMI, caso contrário, sem estes voluntários técnicos, os quais passam diariamente nas funções da rede, poderia haver riscos de invasão, ou de paralisação das atividades de postagens.

A proposta dedicada ao voluntário técnico do CMI é da “gerencia” deste grupo de voluntários, pois precisam estar disponíveis em um tempo significativo à rede, para dedicar a manutenção das postagens, imagens, em geral ao conteúdo disposto e publicado, evitando problemas de acesso, formatação e de postagem de conteúdos contra os princípios do CMI.

As discussões podem ser realizadas presencialmente pelos integrantes de um coletivo como pelas listas de discussões on-line, o que facilita o contato com os coletivos regionais e o entrosamento uns com os outros. Essas listas são abertas e podem ser acessadas por qualquer pessoa, *voluntári@s* e *interessad@s*, basta achar no site da rede e baixar o programa no mesmo momento.

Existem inúmeras listas de discussões, que são as principais formas de comunicação do CMI, o que faz manter “viva” as informações internas, fazendo grande uso dos ciberespaços para expandir suas atividades, dentre essas os chats de reuniões e os grupos de tradutores. Além das listas de contato, existem as listas dos editoriais e os grupos de trabalho de mídia focados nos trabalhos desenvolvidos na manutenção de áudio, fotografia e criação dos cartazes impressos.

Todas estas listas de discussões on-line são organizadas diariamente; outras são marcadas previamente, dado o nível de importância de algum assunto. O que mantém as práticas da mídia Indymedia, assim como o chat (bate-papo), pode servir a todos os propósitos anteriores, para dúvidas ou encontros on-line, caso haja necessidade de troca de ideias entre os coletivos.

O corpo editorial é construído por voluntários que estão ligados diretamente com a rede e comprometidos nas funções da sua manutenção, como responder e-mails, direcionar artigos, imagens, textos e sons em configurações mais simples de leitura no site; neste caso, somente se algum voluntário não tiver colocado uma imagem em

formato correto de leitura, esse *voluntário do corpo editorial e técnico* seria o responsável por organizá-la e deixá-la acessível aos leitores.

As decisões são tomadas pela Rede CMI Brasil, pela Rede Latina e Global: “A periodicidade e o local das reuniões são decididos pelos coletivos de cada cidade que devem informar periodicamente à Rede sobre o que está acontecendo na sua localidade” (CMI, 2005), a fim de manter a troca de ideias e dos suportes necessários aos outros coletivos, não atingindo sua organização.

A organização não hierárquica faz parte dos princípios do CMI, onde todos podem falar exercendo o mesmo poder de opinião (CMI, 2005), de decisão e de voz; não importando o tempo adquirido no coletivo, o exercício da fala é cedido a todos e a todas. As discussões são levadas a efeito para que haja um consenso nas decisões, sem que um apenas tome as decisões pelo coletivo, o que seria contraditório por toda uma proposta de participação fundamentada no respeito mútuo.

A organização descentralizada:

A Rede CMI Brasil se organiza de forma descentralizada e não hierárquica. Ela utiliza ferramentas de comunicação como listas de discussão por e-mail, IRC, telefone e cartas para manter discussões entre os coletivos locais, tanto no Brasil, como na América Latina e no mundo. Todas as decisões da Rede são tomadas por consenso segundo o modelo do “conselho de porta-vozes”. Os coletivos locais da Rede CMI Brasil se comprometem a participar da lista de comunicação da Rede e de pelo menos dos dois grupos de trabalho principais: o editorial e o técnico. A Rede CMI Brasil se organiza de forma autônoma e não hierárquica e decidem tudo através da democracia direta. Eles participam ativamente das decisões tomadas na Rede CMI Brasil e também na Rede Latina e Global. A periodicidade e o local das reuniões são decididos pelos coletivos de cada cidade que devem informar periodicamente à Rede sobre o que está acontecendo na sua localidade. Todos os coletivos locais do CMI devem ser abertos à participação de qualquer pessoa que respeite os princípios e valores do CMI (CMI, 2005).

Percebemos o uso dos recursos tecnológicos como aliados das distâncias espaciais e geográficas e, nesse caso, muito apropriado às funções de expansão da comunicação dessa mídia independente, facilitado pelos meios tecnológicos e conhecimentos adquiridos pelos pesquisadores e hackers vindos das culturas da internet.

A comunicação funciona através do *acesso on-line*, garantindo uma *interação direta* com todas as listas de discussões - editoriais, de edição de vídeos, e dos coletivos regionais -, sem exceção, para voluntários e atividades realizadas. É através da ferramenta do computador que essas atividades são possíveis, e o surpreendente dessa rede é que ela não abandona os seus aspectos dinâmicos e espontâneos das interações; o

convite, deste meio on-line, é para a *participação* em conjunto, em coletivo, sob o propósito de que todos e todas estejam incluídos nos processos cruciais de tomadas de decisões, de forma autônoma e descentralizados.

Os termos como *descentralização* e *ausência de hierarquias*, seguidos de *autonomia*, assim como a *comunicação horizontal* e a *flexibilização*, já foram vistos anteriormente na passagem do primeiro capítulo, quando a referência estava para a construção das redes de internet e os pontos de funcionamento da rede. Neste momento, esses mesmo termos se entrelaçam aos objetivos do coletivo, e talvez de tantos outros surgidos ao longo dos anos, impulsionados pelas facilidades das redes de Internet.

Notamos nestes cruzamentos de objetivos, propostas de expansão e compartilhamento das redes, como os objetivos característicos de alguns coletivos, pois esses estão imbricados aos propósitos e meios de expansão da comunicação e da informação por eles propostos.

De uma maneira geral há em comum uma linguagem inclusiva, que busca na *comunicação horizontal* o contrário da *comunicação verticalizada*, onde tem o seu parâmetro sustentado pela hierarquia como organização central do seu funcionamento. Para o CMI, a *descentralização* do seu funcionamento significa autonomia, além de tudo independente de localização, espacial, geográfica e da rede ou do ponto da rede. Ele terá a mesma capacidade decisória, com suas prioridades particulares que correspondem aos princípios gerais do CMI, diferentemente da centralização de comando que causaria dependência de um ponto centralizado, demarcado tanto de forma geográfica como de referência da rede para seu funcionamento e para as tomadas de decisão dos coletivos.

A interconexão dos pontos de rede ou dos nós de rede funciona para o CMI no sentido de *compartilhamento dos conhecimentos da rede de mídia*, vistos na cultura da internet como meio de reconhecimento do outro, do grupo, que a cada descoberta compartilhada, retorna em reconhecimento, e fortalece o papel de interesse de pertencimento ao grupo dos hackers ou dos acadêmicos. O *pertencimento ao grupo* e o *reconhecimento do outro* como membro de um determinado grupo, com determinados objetivos, criavam um espaço coletivo que ao invés de limitar a criatividade, faziam com que o campo da criatividade fosse fértil, por isso outra interpretação do surgimento das redes de internet, diferentemente do seu propósito militar.

A retomada da reflexão da cultura da internet está estreitamente ligada às possibilidades das ideias nascentes das redes de internet, as quais são muito aproveitadas pelo CMI, que desconstrói os discursos voltados ao projeto da internet como algo somente maléfico e projetado para fins bélicos. No tocante ao tema, tenta-se ver o lado que o *mundo da vida* lançado à criatividade humana é possível de fazer; neste caso, a reversibilidade ou novas criações em cima das descobertas, o que não é nada diferente em relação à internet e a rede, e o exercício que vem se sustentando ao longo desta pesquisa.

O CMI proporciona estas tomadas mais objetivas da reflexão, dos seus princípios políticos, da internet como aliada aos meios de mídia independentes e da circulação da sua linguagem considerada inclusiva. Nessa questão, a rede CMI, em meio à sua *linguagem inclusiva* que se expande através da rede, a utiliza para afirmar e dar sentido às suas particularidades e reivindicações, com base no documento pesquisado (CMI, 2005), que considera que a sua luta:

Anticapitalista também é a luta contra o patriarcado, o racismo, a homofobia (as chamadas “desigualdades visíveis”) e outras formas de exclusão. Nesse sentido, consideramos fundamental sair do padrão de mentalidade que tem como modelo geral o homem-branco-heterossexual-ocidental-cristão. Isso inclui desafiar regras gramaticais que instituem o uso masculino para significar o genérico e reforçam a invisibilidade de, pelo menos, metade da população que se identifica com o gênero feminino. A opção por essa linguagem sexista reflete mentalidades e moralidades que veem o homem como padrão, digno de representar as mulheres e a humanidade como um todo. (p.15)

Por isso não somente *voluntários*, mas também *voluntárias*, como podemos perceber detalhadamente, trazem muito das posturas multiculturais e da diversidade social como ponto de partida de seus objetivos. Então, não somente os *trabalhadores*, como as *trabalhadoras* e as mulheres em geral, fazem parte deste processo de identidade da construção dessa rede.

A construção do CMI é marcada fortemente pelo teor de identidade multicultural, de gênero, pelos novos movimentos sociais; além do espaço para estes temas, a rede CMI também se compõe sobre uma particularidade das suas produções de materiais publicados, permitindo a reprodução do conteúdo dos materiais produzidos, facilitando a circulação das notícias e a livre reprodução de seu conteúdo.

Sobre o advento do copyleft, a livre reprodução e distribuição de conteúdos permite que notícias, vídeos e imagens em geral possam ser repassados para frente,

citados e anexados, desde que o autor e a fonte sejam citados, com a condição de que não sejam para fins comerciais. O material criado e disponível nos sites do CMI podem ser distribuídos on-line, impressos, podendo ser em formato de vídeos, artigos e em gravações.

A reprodução e distribuição de materiais contribuem com a circulação das notícias publicadas no site do Indymedia, e é uma forma de fortalecer os trabalhos realizados em torno da rede e para a rede de internet, a qual muito se apropria dos conteúdos lançados na rede. Os conteúdos que pela rede são lançados, no sentido dos *wikis*, que em conjunto constroem, completam uma notícia, um tema etc., é copiado, completados, comentados e usados como referência.

O CMI pensa na distribuição da informação e da comunicação na sociedade de uma maneira diferenciada, assim como no seu acesso ao conhecimento e sua distribuição como informação pelo *acesso à rede*, fazendo ver que o *acesso ao conhecimento e informação* que por ela são criadas, nesta sociedade contemporânea, nesta “era da internet” (CASTELLS, 2003), é uma grande verdade.

Muito tocamos no campo dos estudos da informação, pois como já mencionado, o Centro de Mídia Independente surge em Seattle em 1999, exatamente pela necessidade de notificar e de expor os acontecimentos do *movimento cidadão global ou do movimento antiglobalização*, e no que se refere à construção de um jornalismo mais condizente com a informação dos fatos ocorridos com os movimentos sociais.

Em 2007 (CARVALHO, GOMES, TARGINO), realizaram uma pesquisa sobre o sítio do CMI-Brasil. O foco da pesquisa busca a perspectiva desta mídia CMI de propor um “jornalismo cidadão” no exercício da rede como meio de democracia representativa. Neste artigo, os autores disponibilizam uma introdução na área de jornalismo e do que consideram como atividades exercidas pelo CMI-Brasil. A perspectiva é jornalística e o artigo disponibiliza dados levantados dos temas mais discutidos, o que leva a compreender a gama de interesses e de discussões na rede CMI-Brasil.

Os temas estão relacionados a:

Cidade/urbanismo- aspectos relacionados com a questão urbana e que incluem medidas técnicas e administrativas para o progresso racional das cidades, a exemplo de moradia e transporte público; Direito/justiça - temas na área de Direito e da Justiça, ou seja, normas que disciplinam as relações dos homens em sociedade; Educação - matérias voltadas para o desenvolvimento do homem, visando à integração individual e social, no caso, educação superior; Índios - tudo o que se refere às questões indígenas, como luta pela terra e

preservação ambiental; Mídia - análises críticas sobre a mídia; Movimentos/sociais - textos sobre movimentos sociais e formas de atuação política, incluindo lutas sindicais, protestos, eventos sociais etc.; Saúde - itens que tratam de saúde pública, a exemplo de aborto. (CARVALHO, GOMES, TARGINO, 2007, p. 60).

Existe uma facilidade em pesquisar estes temas através da página do CMI-Brasil; neste caso os autores fizeram um levantamento no período de 2007, e caso haja interesse em aprofundar ainda mais o conteúdo e as matérias, o material está disponível em arquivos na “página da direita” do site, apenas por ser uma página do lado direito, com todos os artigos publicados nestes doze anos de CMI-Brasil.

É válida uma análise de conteúdo destas notícias, artigos e vídeos, mas seria necessário focar nesta modalidade de pesquisa qualitativa a fim de dar a importância necessária à análise de conteúdo. Ao nos apropriarmos desta pesquisa e levantamento temático, ainda que não aprofundados, nos permitimos afirmar a variedade de temas e de suas imbricações sociológicas envolvidas, um campo fértil para reflexões das contradições existentes nesta sociedade, assim como do grau de importância do campo da vida social, desembocando em reivindicações revestidas das nomeações políticas e dos direitos sociais.

Também podemos afirmar o novo impulso dos novos movimentos sociais em meio a estas notícias e temáticas, que vão dos temas de articulação das cidades e dos desempregados, aos sem teto e moradores de rua, aos temas rurais, do movimento dos sem-terra, movimentos étnico-raciais, questões de gênero, homossexuais e movimentos políticos contra os efeitos da globalização.

Baseando-nos em objetivos do CMI - Brasil (2005), apontamos o seguinte:

C) A ênfase da cobertura é nos movimentos sociais, particularmente nos movimentos de ação direta (os “novos movimentos”) e nas políticas às quais se opõem; D) A rede CMI Brasil busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente; E) A estrutura do sítio na internet permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens, tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.

Em relação aos novos movimentos sociais, diríamos que a permanência dos objetivos de “ceder espaço”, de colocar em circulação os fenômenos sociais deste foco, continua em pleno exercício, garantindo os princípios estabelecidos pela rede CMI, visando dar “visibilidade e voz aos que não têm voz” (CMI, 2005) perante as mídias de

massa, pois são movimentos que *a priori* não encontram espaços de possíveis discussões mais aprofundadas na mídia de massa; aparecem distorcidas e abortadas sobre o verdadeiro motivo de falta de espaço dentro das estruturas dos jornais televisivos e impressos, cujo objetivo é atingir a maior gama possível de notícias, o que em muitos casos necessita do aprofundamento e discussões a fim de construir a imparcialidade dos fatos.

O CMI Brasil, desde a sua autodefinição, exalta as questões sociais como prioritárias, confirmando BOWMAN & WILLIS (2007), O' REILLY (2005), PAVLIK (2001) e PRYROR (2002), para quem a sociedade contemporânea, com seu jornalismo digital de terceira geração, propicia aos sites jornalísticos atuação ágil, dinâmica, atrativa, contextualizada e consistente em prol das coletividades. Sob esta perspectiva, enquanto estudo anterior sobre os editoriais do CMI (TARGINO, 2007) posiciona movimentos sociais em primeiro lugar, o que tem justificativa evidente - os editoriais são “a voz oficial” do CMI-, no caso dos comentários, seus autores, como legítimos representantes do binômio jornalismo e democracia representativa, atribuem à mídia local posições privilegiadas. (CARVALHO, GOMES, TARGINO, 2007, p. 60).

No CMI os temas noticiados ganham espaço para que os acontecimentos sociais possam ser colocados em pauta de discussões e de conhecimento público. A diferença notável é que o Centro de Mídia Independente não alcança a população em geral, chegando ao não conhecimento da existência desta rede, algo passível de compreensão, devido a que uma boa parte da população desconhece a rede e os meios de acesso a ela.

Por isso não é de se surpreender que o CMI tenha o tema da mídia como um dos mais comentados na rede, correspondendo em 2007 à média de 31%. Abaixo o quadro de pesquisas e suas porcentagens:

Quadro 3 – Temáticas publicadas no CMI

Mídia	31%
Movimentos/lutas sociais	19%
Saúde	19%
Educação	9%
Direito/justiça	8%
Índios	7%
Cidade/urbanismo	7%
	100%

Fonte: Pesquisa direta; (CARVALHO, GOMES, TARGINO, 2007, p. 60)

Considerando que ao longo do tempo desta pesquisa de 2007 a 2012 possa haver uma variação nestas porcentagens, uma nova busca quantitativa não se faz relevante a esta pesquisa, dadas as premissas dos objetivos e princípios de notícias do CMI, os quais podem surgir dos acontecimentos e fenômenos sociais.

Os movimentos sociais, para o CMI, ganham destaque através das notícias, publicações e imagens, assim como os movimentos de ação direta. A rede CMI, como *grupo político de mídia*, tem em uma boa parte de suas publicações, as quais são realizadas por voluntários, notícias que envolvem os acontecimentos, tomadas de decisões e fatos ocorridos com movimentos sociais e movimento de ação direta.

No século XXI, surgem novos modos de relação da militância e ativismo social e como estes se manifestam nessa sociedade, Gohn (2003) e (Wikileaks, Primavera Árabe); esta mudança dá-se pela diversidade dos indivíduos comporem um *ajuntamento, um aglomerado* social, para se reunirem e para articular uma manifestação, é o que temos visto nos noticiários. Estamos presenciando novas possibilidades de se fazer manifestações, muito mais espontâneas e efêmeras e isso fica a cargo de uma reflexão contemporânea, relevando o contexto vivido nestes tempos, sem muitas comparações, pois esta é a maneira correta de validar teoricamente os agrupamentos militantes e ativistas e formas de se fazer coletivo.

Para Ferreira e Vizer (2007) o ativismo já não requer “atos de fé” e nem formalidades as quais faziam parte das estruturas dos movimentos sociais dos anos 80 e 90. Estas mudanças se encontram principalmente em situações espontâneas, em que “*a espontaneidade constrói o acontecimento, emerge e se expressa em ações e manifestações de todo tipo. Mas não constrói, nem procura construir organização, permanência, compromissos fortes e estáveis às quais venham a convocar “multidões” em situações críticas*” (p.41), como o caso de Madri no dia 11 de março de 2004, em que os cidadãos em uma postura de reivindicação, das declarações feitas pelo partido dirigente (ETA), procuraram a internet para provocar “uma mobilização espontânea perante o mundo”.

Esta nova relação se dá pela grande inserção dos meios tecnológicos, sem dúvida alguma, e principalmente pela descoberta desta ferramenta como um dos meios de comunicação em potência de alcance mundial. Muitos são os autores que afirmam que a “*sociedade da comunicação é um fato*”, e desencadeia o interesse exatamente por ser mais *acessível* do que outros meios de comunicação, os quais também facilitam uma

maior apreensão de opiniões advindas de diversas fontes; “*o modelo da sociedade da informação pressupõe o crescimento exponencial dos fluxos imateriais, e a dependência crescente deles para assegurar a sobrevivência de sociedade real*”. Considera-se em uma ampla escala de conhecimentos acadêmicos quanto popular, que “*ter informação é ter poder*” (FERREIRA, VIZER, 2007, p.40).

Com a inserção dos ciberespaços, através da internet, aumenta a inserção de espaços midiáticos de cunho social crítico que se compõem por uma mídia independente, como o CMI, que não obtêm lucros com notícias, publicações ou com qualquer meio incentivado por interesses financeiros; o incentivo está em fazer uma mídia aberta, para todos.

Entre as mídias independentes, a crítica incide sobre o poder exercido por estes meios tradicionais de mídia, já consolidados na História da Comunicação, fincada na tradição familiar e legitimada como meios de referência nacional, de amplitude internacional e mundial. Há de se convir a dificuldade dos interesses populares de se desvincular de redes de televisão e impressos já estabelecidos pelas “*figuras âncoras*”, quase íntimas dos telespectadores e leitores.

Existe uma atratividade muito mais profunda além do encanto da imagem e da aproximação do distante. O recurso trabalhado da atratividade está no imaginário destes leitores e telespectadores, que em um sentido de *pertencimento ao mundo*, se entregam ao seu multiplicador das imagens, por isso o sucesso dos meios de comunicação visual, dos jornais televisivos, e da intimidade e frequência com que eles aparecem cotidianamente nos lares com seus comentários populares e eruditos. Com o mundo a mercê dos olhos, o encanto de pertencer à história do mundo é muito cativante.

Do outro lado do mundo, o movimento antiglobalização promovido pela Ação Global dos Povos, uma organização *descentralizada* que promove o que se chama de Dias Globais de Ação contra o Sistema Capitalista, em 1999 em Seattle, moveu uma ação global em reivindicação das tomadas de decisões realizadas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e pela OMC (Organização Mundial do Comércio), desencadeada pelas tomadas de decisões tidas como puramente de valorização econômica, refletindo diretamente sobre a vida social.

O midiaticamente denominado “movimento antiglobalização” seria assim melhor compreendido como uma convergência de movimentos, e mais especificamente de movimentos de oposição e resistência, como atestam em grande medida as diferenças nas práticas e nos discursos de vários grupos que têm contestado a globalização (LIBERATO, 2003, p.72).

Esta é uma estratégia de movimento que viu na própria globalização uma oportunidade de comunicar o mundo através de suas reivindicações para o cidadão global, utilizando dos próprios recursos de mídia disponíveis como os noticiários americanos para ganhar repercussão mundial.

Nos meados de 1997, ano aproximado em que a internet se populariza, torna-se possível para jornalistas e interessados que a internet surja como uma aliada em contrapartida às mídias já estabelecidas na sociedade. A Internet torna-se um meio de informação poderosa, e para os protestos de Seattle, um desencadeador potente de grande alcance e velocidade jamais visto na História; partem deste momento novas rotas de comunicação.

Em meio a estes protestos, a utilização dos recursos de mídia ganha conotação popular. Câmaras de vídeo, celulares e as câmaras fotográficas facilitam a produção independente de vídeos e fotos, produzindo um material *in loco* destes movimentos, e posteriormente repassados pela internet, colocados em redes sociais, repercutindo globalmente e democraticamente ao mundo. Esse *movimento* eram protestos perante as imposições destrutivas das plataformas de decisões das corporações mundiais.

Este exemplo do CMI é apenas um dos meios pesquisados, em um exercício visto como meio democrático pela rede independente, mas isso não assegura uma homogeneidade de ações perante a sociedade. A quebra do paradigma da comunicação, em conjunto à quebra do paradigma dos movimentos sociais, demarca uma possível legítima mudança da concentração da organização social em relação à distribuição dos meios de comunicação e informação, da vida e da valorização coletiva.

Não sabemos se o paradigma desta nova sociedade (da informação, do conhecimento, da comunicação) promoverá mais desigualdade e mais concentração de poder, ou se alcançará distribuir mais equitativamente os recursos que asseguram um acesso mais igualitário e melhores condições de vida compartilhadas por toda a sociedade (FERREIRA, VIZER, 2007, p.42).

Os autores (FERREIRA, VIZER, 2007, p.38), também denotam um dos temas muitos discutidos atualmente, sobre o temor do desaparecimento das formas tradicionais de se fazer jornais e de promover as notícias:

Com o crescimento da internet como canal de comentário aberto ao público, o jornalismo de opinião (um anátema para o jornalismo clássico), cresce em forma exponencial, assim como decrescem paulatinamente os leitores de

jornais, até o ponto que já não são poucos os que temem pelo seu desaparecimento (pelo menos na forma tradicional).

O importante é que não se torne um alarde ou uma pronúncia negativa dedicada a essas mudanças. Corremos o risco, e isso foi possível de refletir ao longo da pesquisa da internet, que pode parecer um tanto quanto prenunciador de uma mudança irreversível, negativa e de conotações de rejeição na sociedade. Assim foi com o surgimento da internet, que para muitos anunciava uma nova era, a era da individualidade e da alienação social. E para outros, a nova era (CASTELLS, 2003) do coletivo a fim de nos distanciarmos do messianismo dirigido aos projetos do futuro da internet, adotando aqui o relativismo como ponto de partida.

5 A COMPREENSÃO DA POLÍTICA E DA ESTÉTICA DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE

A legitimidade deste corpo do CMI, posicionado dentro de seus objetivos quanto de suas motivações serão interpretadas enquanto grupo político de mídia, considerando expressa pontualmente, as quais dedicados como a passagem deste olhar do que compreendemos como política do CMI, e de como esta política tende a transformar-se em ferramenta de reivindicação através das produções da mídia.

Ao mesmo tempo, é nesta mesma política expressa, em que encontramos o espaço exato a adentrar há novas interpretações com que nos dedicamos à política. É na própria transfiguração do político Maffesoli (1997), que nos debruçaremos a interpretar de forma compreensiva, esta passagem da política que acreditamos ser dada a razão, apesar de ainda seguir como uma justificativa ou um objetivo latente entre o grupo político CMI, não é a política, mecânica, linear, a causa que vem a exprimir as dinâmicas deste grupo.

Porém, própria dos períodos vividos nas sociedades em crise, as quais são tomadas pelos sentimentos efervescentes, permitindo com que no lugar das objetividades e discursos políticos, ressurgam à vontade, desordenada de se apresentar as subjetividades evanescentes dos indivíduos, e nas formações coletivistas muito presentes na sociedade contemporânea, sugerindo a interpretação de uma sociedade que retorna aos tempos tribais (MAFFESOLI, 2006), onde o lugar da política e de suas organizações já não correspondem à concepções organizativas rígidas, movida por princípios pautados em mudar a sociedade.

O ressurgimento de posturas contestatórias das minorias, de grupos étnico-raciais, das contestações das minorias locais, regionais, tomam aos poucos o que antes era ordenado, no próprio sentido da palavra, pelo Estado e ao que ele concerne aos direitos, e a manutenção direcionada às políticas públicas. A transfiguração do político emana o desgaste contido entre a população, cidadãos e instâncias políticas governamentais, estatais. Dado a este desgaste do próprio papel de representação da política, arrastado entre a eficiência e representação das instâncias políticas, assim como a descrença nas ações e discursos políticos por parte da população. Por isso a tomada criativa da vida social, assim como as iniciativas de “inércia” de atitudes e posturas políticas, o “desfacelamento” do corpo político entre comunidades tornou-se comum.

Entre o que o CMI considera sua política, não se revera somente à este subcapítulo, mas das suas referências de participação no corpo de coletivos, grupos e comunidades. A postura adotada de preservação da imagem dos voluntários vem em um crescente que assume uma atitude “política”, assim como a ausência de representação.

Para o CMI, as referências são os coletivos, e não a imagem do voluntário; a não representação por parte do CMI contribui para a conservação da imagem de ativistas e voluntários. E nesta era da internet não faz sentido, assim como os Anonymos, em ter uma identidade individual; a identidade é coletiva, por isso as máscaras de Guy Folkeys, para o CMI, representa a participação que garante o coletivo.

Aproveitando esta brecha da identidade coletiva vemos que, de alguma maneira superficial, há poucas pessoas que se identificam como voluntários da rede, ou alguém que represente estes grupos, que fale por eles; além do Brad Will⁴⁹, jornalista e voluntário do CMI, não há conhecimento de outro representante conhecido como ele. E a sua imagem aparece ligada ao nome do CMI pelo documentário realizado em homenagem à sua vivência como ativista. Com relação à exposição de ativistas e voluntários, vemos o seguinte:

O CMI respeita os direitos daqueles que não querem ser identificados por qualquer motivo. Tendo isso em vista, todos os CMIs respeitam o direito dos ativistas que decidem não ser fotografados ou filmados e encorajam todos os repórteres que contribuem a fazer o mesmo. jÉ exigido que qualquer pessoa que queira gravar, filmar ou fotografar dentro de um espaço físico do CMI anuncie as suas intenções de antemão para fotografar dentro de um espaço físico do CMI para todos os presentes e respeite a decisão de qualquer pessoa (s) que decida não ser incluída (CMI, 2005).

Esta preservação da imagem e identidade de ativistas destaca o trabalho das ações coletivas, desvinculando a imagem de líder ou representatividade que poderia vir a surgir, ao mesmo tempo em que preserva a opinião desses ativistas. Apesar da aproximação com o anarquismo, o CMI coloca toda a sua energia inicial na sua organização e princípios, e a transforma nas ações de mídia independente. Estes princípios e ações estão muito fundamentados na confiança de voluntários para voluntários, sendo imprescindível para a contribuição da rede do coletivo e da comunidade virtual que constroem.

⁴⁹ Brad Will foi morto em ação de filmagem em Oaxaca.

Como coletivo, a busca consiste em um retorno permanente do olhar inclusivo das identidades sociais e das histórias e lutas particulares, as quais, em uma sinergia, encontram o lugar comum do ciberespaço e da linguagem, e dos seus objetivos e subjetividades. O campo do CMI busca, na prática de coletivo, exercer seus princípios; um dos exemplos é o da linguagem inclusiva do feminino.

Desta forma, o CMI vê na linguagem inclusiva um meio de incluir as formas plurais de que falamos: “*nas palavras genéricas (masculinas) é afirmar a existência das mulheres e dar visibilidade para o fato de que elas também estão em todos os lugares. São as ativistas, as trabalhadoras rurais, as cientistas e também as policiais que oprimem, batem, vigiam...*” (CMI, 2005).

É neste tocante que o anarquismo se apresenta como tal, nesta frase do CMI, expressando-se na importância da liberdade sexual, da diferença, e no respeito pelas reivindicações pertinentes da sociedade. Além disso, não podemos deixar passar a referida figura simbólica da policial, correspondendo ao aparelho estatal e aos seus interesses em oprimir, bater e vigiar; este cuidado em ressaltar o papel desempenhado pelo feminino e representante do Estado desenha este *anarquismo* de que falamos.

No processo para se tomar decisões, é respeitada tanto a opinião de indivíduos quanto a opinião dos coletivos. Assim, alguém que não tenha ligação com nenhum dos coletivos já formados pode participar das discussões e opinar sempre que achar que seu ponto de vista pode contribuir para que se chegue a um consenso para as tomadas de decisões em relação ao coletivo, ressaltando que para tal efeito, se trabalhe na *ausência de hierarquia, na comunicação horizontal* e na opinião que reforça as diferenças.

Assim, vemos que para o grupo de mídia, esta postura da linguagem inclusiva (CMI, 2005), tem a ver com a coerência com o que acreditam; é mais uma maneira de afirmar a pluralidade com que procuram ressaltar e trazer dentro de suas posturas sociais. “A estranheza e o incômodo que alguns desses símbolos podem gerar nos parece positiva, na medida em que nos tira do lugar comum, nos induz a pensar e, tomara, a adotar outras posturas. Também com a linguagem podemos combater exclusões e difundir equidades e igualdades” (CMI, 2005).

Há uma acentuação da liberdade de expressão no espaço do site, tanto que notícias, artigos e expressões variadas, dentre elas as que não respeitam as “políticas editoriais”, permanecem na rede CMI, sendo transferido para os “artigos escondidos”,

um local dedicado e explicitamente colocado para todos que queiram conhecer o funcionamento desta rede.

O CMI “abraça” a diversidade como elemento comum das suas expressões da cidadania global, onde não se exclui o conjunto social, não há distinções de “lutas” mais importantes ou de “lutas” menos significativas. O sentido, que o CMI busca, é dar voz para os que não têm voz e incluir massivamente as “invisibilidades sociais” que, contraditoriamente, são altamente visíveis.

Outro adendo à política que tentamos esboçar sobre o CMI, para o grupo, é o desvinculo do coletivo com filiações políticas e partidos políticos, Estado ou candidatos de partidos políticos, (CMI, 2005); também por parte dos princípios políticos do CMI, os coletivos não podem obter ligações em empreendimentos comerciais que visem o lucro, pois seu comprometimento é a da não comercialização da informação. Caso haja essa associação haverá o rompimento do coletivo com o CMI.

Esta postura preserva a política e o objetivo de “grupo político de mídia”, em que a liberdade de grupo e a libertação das influências comerciais e partidárias poderiam exercer sobre as informações cedidas pelo CMI, o que implicaria diretamente no seu conteúdo e na formação de mídia independente.

E isso implica diretamente na questão financeira, pois o CMI sobrevive à base de doações; apesar destes onze anos de funcionamento, supomos que haja colaboradores fiéis, e esta questão que se apresenta para a rede CMI Global é uma condição, apesar de tentativas de empresas e corporações em intervir através de doações.

Uma das tentativas apontadas pelo CMI ocorreu há uns oito anos atrás, em que a *“Ford nos procurou querendo doar um valor altíssimo de dinheiro e chegou-se a pensar em fazer um encontro mundial do CMI, mas depois de diversas discussões e análises da proposta da Ford, resolvemos não aceitar”*, (CMI, 2005). Em um levantamento recente, relacionado às doações, não foi encontrada nenhuma menção informativa diferente desses princípios, e supomos que o CMI permaneça nesse formato para sua manutenção através de doadores e incentivadores anônimos, e da unicidade da rede e solidariedade por parte dos coletivos Brasil e Europa, fortalecendo os projetos independentes.

Para o CMI (2005) este é um item fundamental que o difere das demais mídias:

Para mantermos nossa autonomia e independência não aceitamos parcerias com qualquer tipo de empresa ou com o Estado. Sabemos que desde sempre o Estado constituiu um grande órgão manipulador da mídia colocando-a contra o fluxo e a distribuição da informação. O que deveria ser um veículo

para informar e instruir os indivíduos acabou sendo mais uma forma de manipulação do Estado sobre esses indivíduos. Desde a década de 80 percebemos que quem entrou “de sola” na mídia foram as corporações que por meio de seus anúncios milionários e com as compras de grandes conglomerados de mídia puderam influenciar mais ainda os veículos de mídia e dar continuidade ao cerceamento da liberdade de imprensa já iniciado pelo Estado. As instituições que financiavam esses veículos de imprensa, ou mesmo os donos desses veículos, eram empresas que tinham interesse que determinadas informações não fossem passadas, que alguns fatos não fossem apresentados em sua íntegra ou que alguns outros fatos devessem ser apresentados de forma a influenciar o ponto de vista dos indivíduos para determinada situação. Os fatos acima claramente mostram que o envolvimento da mídia com os poderes governamentais e empresariais acabam com a liberdade de imprensa.

Esta mesma liberdade, ‘livre’ dos segmentos institucionalizados, garante que este grupo de mídia trace a sua identidade multicultural de reivindicação das suas posturas políticas, com seus valores e mantendo a rede de solidariedade, as quais são visíveis na linguagem inclusiva apontada no início desse capítulo.

Este posicionamento político vem sendo sustentado desde o surgimento do CMI e prossegue no cumprimento desta agenda; esta afirmação se consolida através de um breve levantamento temático, o qual consiste de um aspecto temático social de cunho político social de esquerda. Em relação ao conteúdo há o destaque permanente de movimentos de moradia, urbano e rural, denúncias de violência étnica, e chamada para eventos específicos e reuniões específicas.

A política conotada ao longo deste subcapítulo talvez passasse por despercebida, e é esta mesma política que exerce o que Maffesoli (1997) vê sobre o político como o seu duplo; para o autor, “existe, portanto uma força, em muitos aspectos imateriais, direi imaginal, que funda o político, serve-lhe de garantia e de legitimação ao longo das histórias humanas” (p.24), ou o “poder e potência” que dá o sentido explicativo do drama do político, em que encontramos de um lado seu aspecto social e de outro o Estado e suas performances já apontadas pela própria saturação.

6 O “NÓS” COMUNITÁRIO DO CMI A PARTIR DA TRANSFIGURAÇÃO DO POLÍTICO

A efervescência “característica das épocas revolucionárias ou criadoras” (MAFFESOLI, 1997, p.33), desta política com que se apresenta o Centro de Mídia Independente, também se torna o caminho propício para adentrarmos à temática da *transfiguração do político* que Maffesoli (1997) identifica nas sociedades contemporâneas. Entre esta introdução da transfiguração do político, nos apropriamos da *estética* já mencionada, porém não aprofundada do aspecto da emoção compartilhada e do estar-junto que configuram o coletivo, o grupo e as comunidades contemporâneas às quais identificamos neste grupo pesquisado.

O “nós comunitário”, do qual deriva o título da dissertação e que aponta para o comunitarismo (Maffesoli, 1997), a estética e a sensibilidade no grupo do CMI é algo que está presente desde a formação do que se concebe como “princípios” e do envolvimento das atividades no corpo dos coletivos. Observamos a ambivalência entre a lógica política e a busca do coletivo e do grupo, no conteúdo da rede, e a forma como essa mesma lógica se faz pode nos indicar que, antes do componente puramente racional, se configura um apelo ao sentimento de partilha e de comunhão entre os voluntários.

A sociedade contemporânea alcançou um patamar de desenvolvimento que não pode mais prescindir da comunicação. E essa comunicação, seja do ponto de vista estritamente jornalístico, seja do ponto de vista cotidiano, é um vetor de coesão social.

Para aqueles que estranham esta abordagem contemporânea, diria que a própria concepção política do CMI deve-se à força imaterial e imaginal que impulsiona a política do “corpo comunitário” do CMI, e como colocada em questão por Maffesoli, “sejam quais forem, depois, as legitimações ou as racionalizações dadas ao político, há sempre esse alicerce comunitário que se pode querer superar, corrigir e reformar, conforme as perspectivas ou as tendências teóricas, mas se reconhecendo como uma realidade absolutamente incontornável” (op.cit.p.181).

É na própria força política que encontramos a “potência subterrânea” (MAFFESOLI, 1997) necessária para a força que vincula o CMI, a sua “política” e o seu grupo à comunidade e à esfera pública das informações que compartilham.

O CMI, por ser um “grupo político de mídia” (CMI, 2005), nos apresenta no seu conteúdo, e no que se revela como objetivos, a ênfase nas questões sociais de cunho

político. Esta política nos leva à sua estética de trabalho no que concerne à identidade deste grupo de reivindicação das defasagens sociais, moradias, trabalho, locomoção, identidade, cultura, gênero, todas já apontadas e referenciadas, acentuando as “solidariedades orgânicas” típicas deste período atual.

Esta sociedade contemporânea, pós-moderna, se diferencia dos dois últimos séculos predominadas pela modernidade, o individualismo, a ciência, a predominância da História sobre as histórias, e a predominância dos discursos sobre o senso comum e sobre a opinião.

As notícias e publicações do CMI lembram sobre a crise dos valores, da saturação com que a política confronta as problemáticas sociais e mostra, estampado a cada notícia, a crise que a própria política tenta negar. No âmago do coletivo retorna como corpo social que se define como *político*, por serem evidentes as atrocidades cometidas no cotidiano à vida social; o cotidiano e propriamente a vida são os protagonistas das notícias do CMI.

A transfiguração do político:

Esta, de diversas maneiras, vê o ressurgimento de valores arcaicos: particularismos locais, ênfase espacial, religiosidades, sincretismo, culto do corpo, etnicidade, narcisismo de grupo, cujo denominador comum é bem a dimensão comunitária. Tudo isso se exprime na saturação do político ou, mais exatamente, na sua transfiguração. Significa dizer que o político, em seu aspecto universal, normativo, racional e contratual, cede lugar ao “doméstico”, no que este tem de particular, de libertário, de imaginário e de afetual (MAFFESOLI, 1997, p.9).

E de como passar a mensagem destas realidades também o torna diferenciado. Os vídeos produzidos pelo CMI, seus artigos e notícias revelam o que está por detrás das páginas do site, e de seus “princípios” tão demarcados pela agenda que buscam cumprir.

Esta produção do CMI favorece uma forte raiz do coletivo – grupo - em que este vivencia sua própria *estética*, permitindo o compartilhamento das emoções comuns que se constituem no imaginário coletivo com que Maffesoli (1995) caracteriza as sociedades contemporâneas e, ao contrário da racionalização, do discurso e da postura política fortemente retratada pelo CMI, há um campo imensamente visível destas novas configurações das sociedades contemporâneas.

E são nesta sociedade contemporânea que Maffesoli (2006) fala da *estética* como elemento de religação do coletivo, do pertencimento, da participação e do estar-junto. Este estado emocional reconhece no “outro” a motivação perdida na

modernidade, dadas a rigidez e as racionalidades do pensamento, revestidas da economia e da política para interpretar a vida social, *“prática empírica cuidadosamente mascarada pelo homo politicus, em geral, pois é justamente a racionalização fornecida por ele, e a abstração com a qual a envolve, que assegura sua legitimidade e permite-lhe passar por útil”*, (MAFFESOLI, 1997, p.68)

Sendo a política o aspecto visível do CMI, é na própria vida social, no entanto, que o CMI encontra o seu lugar comum, partindo dos conflitos e vivendo dos conflitos sociais. Este paradoxo com que a rede Indymedia lida se denomina (MAFFESOLI, 1997) como a *harmonia conflitual, a qual está a “par com a vitalidade de um conjunto determinado. Cada vez que uma organização social soube enfatizar a diversidade foi fecunda e produtiva; e isso tanto no que diz respeito à cultura e à organização política quanto à simples vida cotidiana”* (p.38).

Esta vida cotidiana, imperfeita, que se permite “ser” e “viver” o presente para além dos racionalismos é lugar comum da vida e “objeto” de informação do CMI que, transfigurado de política, busca em si o direito e a liberdade de preservar o doméstico. Esta interpretação nos aproxima das diversas coerências, por assim dizer, que persistem na própria imagem da vida.

O CMI, dadas as suas histórias, é um dos meios possíveis de sensibilizar a existência destas complexidades, em que a iniciativa do coletivo se constrói sobre a política, por identificar a realidade, a sua pobreza e a lógica com que se define a desigualdade; por outro lado, abraça a multiplicidade e a vivência plural construída a partir das diferenças e do “senso comum”, carregada de emoção.

Há uma ligação poderosa em trabalhar esta ótica emocional, contemporânea, carregada das rupturas sociais, por reconhecer a força constituidora do pluralismo existente na sociedade, e “este termo qualifica muito bem a dominante da “religação” contemporânea. Reencontramos aí a flexibilidade, a mobilidade, a experiência e a vivência emocional. Tudo que, como tentei demonstrar no decorrer de minha análise, ultrapassa a mônada individual e confirma o sentimento coletivo” (op.cit.p.238).

O desejo efervescente e visceral, encontrado no CMI, é importante de ser observado dentro da dimensão do político, pois está carregado de emoções e valores particulares que vão de encontro ao coletivo social, sublinhando novos contornos da nossa cultura. E compreendermos que esta abordagem oriunda do ser político do Centro de Mídia Independente, e da sua organização, venha destacar a essência de suas

motivações e de seus elementos agregadores dos coletivos de mídia, nos leva a aprofundarmos na sua estética.

A estética, em Maffesoli (1997), é apontada nesta cultura contemporânea ou pós-moderna, e se apresenta na maneira de incentivar o coletivo em contrapartida ao individualismo vivido na modernidade. Esta estética apresenta o aspecto do sentir em comum, o de pertencimento que tenho com a história da minha vida, a mesma vida compartilhada por outros olhos.

Maffesoli (2006) chama de “paradigma estético”:

A multiplicidade do eu e a ambiência comunitária que ela induz servirá de pano de fundo à nossa reflexão. Propus chamá-la de “paradigma estético” no sentido de vivenciar ou de sentir em comum. Com efeito, enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro. (p.37)

“Olhar o outro”, por parte do CMI, é um exercício constante, dado o conteúdo que circula na rede. E o propósito definido é dar espaço ou voz aos que não possuem voz, apesar de haver uma distância considerada entre os que possuem conhecimento de quem disponibiliza a notícia na rede, e dos protagonistas, os que vivem o que se torna a informação.

Privilegia-se a informação do cotidiano e a rede CMI lida com os conflitos sociais de maneira a privilegiar estas realidades, por mais contraditório que isso possa parecer. Tal contradição revela que há um esforço em enfatizar a saturação da imagem e dos meios de comunicação, não havendo um projeto *a posteriori*. O próprio meio e exercício de expor a informação no CMI é o caminho para que possamos fazer uma interpretação do meio de ação coletivo, essa é a sua forma de agir para com a informação e com os conflitos sociais.

(...) o desenvolvimento científico ou tecnológico não apenas continua existindo, mas não deixa de se desenvolver e, no entanto, sua significação não é mais a mesma. Assim, a microinformática e o videotexto, dos quais não se pode negar o aspecto prospectivo, e que representam a ponta mais aperfeiçoada desse desenvolvimento, não são mais unicamente os vetores de uma sociedade totalmente tecnologizada, mas tendem a favorecer a comunicação proxêmica (MAFFESOLI, 1995, p.43).

Este desenvolvimento tecnológico permitiu ao CMI se apropriar dos conhecimentos que estão disponíveis desde a popularização da internet, favorecendo espaço para os conflitos e maneiras de expressar estas concepções políticas, com os

contrastes existentes entre os objetivos e os aspectos formadores destes discursos (CMI).

Começamos por traçar o centro do debate da política do CMI, que é revestida de sentimentos e sensibilidades muito mais significativas para os seus aspectos de formação e identificação enquanto um “grupo”, um grupo mundial, que é movido por uma estética emocional.

O grupo, o coletivo, a comunidade, referências dadas ao CMI, conota-se do lado antropológico e da solidariedade que são os motores do olhar que estes grupos têm ao outro, o outro pormenorizado, excluído, rejeitado e não visto pelas instâncias de poder dos Estados e governos, tão políticos em seus projetos e tão distantes das comunidades.

(...) o renascimento ou a solidificação da “comunidade orgânica” como modelo da relação sem poder entre o “eu” e o “tu”. Relação que permite superar o peso das limitações econômicas e sociais e assim reestruturar uma nova totalidade, pois o Estado racionalizador ou outras formas de institucionalização tinham-na um pouco enrijecido. (...), dialética entre o instituinte e o instituído que é, em minha opinião, a lei essencial de toda estruturação social: a dinâmica instituinte desempenhando um papel fundador que o instituído tende a esclerosar, até a ação de uma nova força instituinte vir regenerar o corpo social. Ora, essa energia regeneradora caracteriza-se pelo “nós” fusional ou confusional, ou seja, a comunidade. (MAFFESOLI, 1997, p.181)

Nosso próximo passo é dar atenção a esta formação do “eu” comunitário do CMI, passando à temática da comunidade, do coletivo e dos espaços que possibilitam pensar nas histórias em vez da História.

Como acompanhamos na trajetória de ativistas citados no “primeiro ciclo” do CMI existe uma carga muito particular em corresponder junto aos outros, pois a participação permite que o estilo de vida desses ativistas voluntários se arraigasse sobre as diversas efervescências contidas no modo particular de ser um voluntário, um ativista. É no modo com que eu coloco a intensidade da minha vida nesta realidade do CMI que gera toda a contraditoriedade do momento que prevalece.

Em cada um desses casos, o que prevalece não é mais o ativismo, a produção, o trabalho, com as consequências sociais que se sabem, mas sim um querer viver, que é preciso, no caso, compreender em seu sentido mais estrito. A “transfiguração do político” marca, nitidamente, essa evolução: pretende-se menos “agir” sobre o social, atuar sobre a sociedade, do que dela retirar o bem-estar que se pode, e usufruir este bem estar-estar da melhor maneira (MAFFESOLI, 1995, P.67).

Por isso a relação da ferramenta do CMI com a divulgação das notícias, colocando dentro de uma perspectiva ativista o trabalho voluntário, são as formas mais mecânicas de se pensar sobre as suas atividades. O que está por detrás de todo o empenho de noticiar os novos movimentos sociais, de se dizer ativista, é o nós comunitário, as vivências oferecidas por este grupo, em ser um membro, em compartilhar a sua própria trajetória, no que há de mais significativo, que é a sua própria vida e o seu quotidiano.

A vida quotidiana não poderia estar em segundo plano de interpretação deste trabalho, como se negligenciássemos a parte fundadora, agregadora, a do sentido estético, aspecto ignorado no tocante político, estilo formal da própria racionalidade combatida de um jeito ou de outro pelo próprio grupo de mídia CMI.

Assim é “a luta anticapitalista”, “excludente”, e dos que “não dão voz aos que têm voz”, as ditas minorias, as quais se apresentam nas páginas do CMI e se colocam como existentes, como grupos, como indivíduos que sentem esta mesma racionalidade individualista, que os coloca em projeções de “projeto” para o futuro, onde promessas e “solucionáticas” não atingem o seu particular, revestido de direitos sociais e de direitos cidadãos.

E são estas mesmas *minorias, que em grupo e movimento*, surgem na sua própria estética de existência, compartilhando dos mesmos males, exclusões e preconceitos. Colocados à mostra, estas mesmas minorias se colocam sobre os seus direitos, estes que não são apenas formais e racionais. Por isso sob a estética encontrada, através da reivindicação de grupos étnicos, locais e regionais, as minorias se colocam para a reversibilidade de usufruir do seu bem-estar, do seu quotidiano, de sua felicidade - “imperfeições” - dentro deste conjunto do aqui e agora, reivindicado ou ausente destas reivindicações que também se tornam um motivo para reforçar este nós comunitário dada à saturação. Ressurge assim o “sentimento de vinculação comunitária” (MAFFESOLI, 1997, p.185).

Permanecendo na percepção que queremos dar à estética do grupo CMI, do sentimento de vinculação comunitária, agregamos ainda nesta direção o que Maffesoli (1995) diz de como essa estética existente, que pautamos, está voltada para uma expressão que não busca excluir “lutas”, mas aglutiná-las em um ciberespaço, para “dar voz” (CMI, 2005) e mais do que isso, de como “a imagem é consumida, coletivamente,

aqui e agora”, e de como “ela serve de fator de agregação”, além disso, ela nos “permite perceber o mundo e não representá-lo” (p.35).

E sem querer confundir, mas sensibilizar, o CMI tem como propostas, além dos artigos escritos, imagens, vídeos e documentários em uma boa parte de suas produções, como já citado. Foi através de muitos destes⁵⁰ vídeos documentário que chegou a inspirar a pesquisa e a relacioná-la a uma interpretação que levasse a perceber o que existe por detrás da política; também não está interpretando a arte, apesar da imagem e da escrita pertencerem às suas concepções interpretativas, sendo que este “paradigma estético não é individualista” (p.35).

Isso é o que nos interessa e nos permite adentrar na questão de que vivemos particularmente, em que se percebe (MAFFESOLI, 1995, p.36) como “um tempo em que o estilo de ver, de sentir, de amar, de ser e de se entusiasmar, em comum e no presente, se impõe, sem dificuldade, às representações racionais voltadas para o futuro. Consequência: o estilo é como uma espécie de língua comum”.

⁵⁰ Olhar Filmografia.

7 REFLEXÕES ÀS MUDANÇAS DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE BRASIL

7.1 “PRIMEIRO CICLO” DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE

A menção que faremos ao Centro de Mídia Independente e ao movimento zapatista indígena de Chiapas concerne em identificarmos um dos primeiros veículos de mídia independente na sociedade contemporânea. O movimento zapatista é um dos primeiros meios de movimento popular que aparece nos primeiros períodos da internet, conhecida como Word Wide Web, (meio em que começava a configurar a internet), momento em que esta se popularizava.

No entanto, nos limitaremos ao tema, considerando esta breve passagem para destacar um dos exemplos da comunicação via internet e o desencadeamento de um problema regional, o qual impulsionado pela rede de comunicações pudesse ganhar o mundo.

Um dos objetivos do EZLN, se “caracteriza por buscar um constante diálogo com a sociedade organizada mexicana e internacional” (2008, p.1), a fim de que estas comunidades indígenas viessem a conquistar sua autonomia perante o estado mexicano, sobre a atenção dos direitos de algumas comunidades indígenas a conquistarem suas terras.

Nesse período, conhecido como Contra Reforma, as políticas agrárias foram modificadas para destinar as terras de melhor qualidade aos médios e grandes fazendeiros. Essa política contribuiu para o desenvolvimento de unidades produtivas individuais, mas causou um grande impacto nas propriedades coletivas, conhecidas como ejidos. (PIMENTA; RIVELLO apud Ortiz, 1997, p.187).

O exemplo da relação dos zapatistas na utilização da internet ocorre a partir do ano de 1994, tendo dois anos depois, em 1996, o site oficial contendo vídeos, artigos e livros relacionados ao movimento indígena de Chiapas, apesar de ainda haver uma limitação por parte da internet, por estar caminhando para sua propagação, oferecendo apenas “listas de e-mails, e limitadas listas de discussão” (PIMENTA, RIVELLO, 2008, p.6).

A menção que fazemos ao Exército Zapatista de Liberação Nacional EZLN é por completarmos o conjunto reflexivo deste trabalho, pois o movimento EZLN marca uma das primeiras formações da rede de ação e comunicação entre movimentos, tornando-se um dos primeiros veículos de mídia independente; outra referência para a pesquisa é a

formação de uma rede de solidariedade entre coletivos e organizações civis para com este movimento.

A solidariedade parte da colaboração de voluntários em traduzir as notícias e informações do EZLN e em divulgar o site ao longo dos anos. Facilitado pelas redes de internet, a comunidade zapatista ganha o mundo, pois o movimento zapatista “foi uma das primeiras expressões do ciberativismo e o subcomandante Marcos o primeiro herói ciberativista” (PIMENTA; RIVELLO, 2008, p.6).

Em meio a esta solidariedade, dá-se apoio às comunidades indígenas de Oaxaca no México.

Naquele momento, o EZLN ainda não possuía sua página para disponibilizar diretamente os seus comunicados na internet, portanto, uma série de voluntários, traduzia e divulgava esses materiais de rede. Mas, o segundo e terceiro Encontro Intergalático que aconteceram respectivamente em 1997 em Barcelona, Espanha, e em 1999- Belém, Pará, no Brasil, já possuíam os seus próprios sítios na internet. (p.8)

Esta seria uma das “origens” e transformações provenientes dos meios de solidariedade, em que o termo “voluntário” ganha uma conotação diferenciada entre a rede, pois compartilhar, divulgar e traduzir conteúdos direcionados às questões indígenas e a moradia ganham apoio e espaço para divulgação; assim, o “movimento zapatista foi um dos primeiros a usar a internet para divulgar suas causas, buscar o apoio da sociedade civil e estabelecer uma rede de solidariedade internacional” (op.cit,p.6).

Em períodos posteriores, o CMI vê na rede de solidariedade e na rede de internet, um meio possível de produzir vídeos, artigos e notícias as quais sustentariam espaços para culturas diversas e propostas similares com o que acabamos de esboçar sobre o EZLN, apesar da distância temporal, e não mais a geográfica, relativa ao ciberespaço de cinco anos após o primeiro site oficial do EZLN.

A inserção da mídia independente Brasil, da rede Indymedia, não estaria deslocada de uma interpretação conjunta das atividades exercidas por outros coletivos, apesar dos destaques dos coletivos de rede dedicar-se aos acontecimentos regionais, existindo uma tendência do movimento em conexão com os coletivos de outros países.

O objetivo da mídia é cobrir os fatos dedicados a novos movimentos sociais e de lançá-los na rede a fim de publicar a notícia, e ao mesmo inserir-se no circuito da “informação da massa”. O CMI, por ter as propostas de “dar voz aos que não têm voz” e o convite à construção de uma mídia por todos, provoca uma repercussão entre os

jovens acadêmicos, jornalistas e interessados em propor uma mídia diferenciada das oferecidas pelas corporações; essa é uma das motivações cruciais ditas objetivas do CMI, apontadas anteriormente.

Como exemplo de acadêmicos envolvidos, o caso de Chrispiniano (2002) torna-se um livro, e o descreve em “*A Guerrilha Surreal*”. Seu livro é resultante do trabalho de dissertação de mestrado, o qual retrata a sua participação como estudante de jornalismo no cenário em que se encontrava, a cidade de Praga em 2000, palco de preparações tanto da mídia independente como da mídia de massa para o evento do “Dia de Ação Global”, marcado para o dia 26 de setembro de 2000.

O (N30), considerando o pequeno espaço entre a (OMC) em Seattle e o Dia da Ação Global em Praga em 2000, e descrita por Chrispiniano (2000), pelo temor exposto de “transformar Praga em Seattle”, (p.15), pendia para uma euforia generalizada, dada a importância das tomadas de decisões que seriam efetuadas pelo governo tcheco e a esperada repercussão dos novos movimentos sociais, influenciados pelas reivindicações pós Seattle 1999.

No título “Fronteiras”, relata um reforço dos policiais alemães em revistar as malas e seus conteúdos carregados:

Os polícias alemães e tchecos entram no trem entre Frankfurt e Praga. Após os alemães olharem os documentos, quatro oficiais da polícia tcheca se aproximam. O primeiro pega o passaporte, pede as assinaturas necessárias no formulário, registra algo em seu computador portátil e vai embora. O segundo segue o primeiro. O terceiro é um reforço. Cumprimenta em inglês e pergunta a razão da viagem. Turismo. Estou visitando uma amiga. Pede para ver a bagagem. Duas malas. Uma preta e uma verde. Abro a mala preta. Camisetas, toalha, um par de chinelos. Ele não pede para ver a outra. Despede-se. O quarto guarda vai embora com ele. Dia 14 de setembro. Há dois dias, a República Tcheca reforçou o controle sobre seus pontos de fronteira. A polícia tcheca tem recebido do FBI (Federal Bureau Investigation), ao longo dos últimos meses, treinamento, apoio e “listas negras” sobre “ativistas perigosos”. Se tivessem escolhido abrir a mala verde, em vez da preta, os guardas veriam livros e e-mails impressos sobre aquilo que vêm tentando impedir e que os ativistas vêm tentando fazer: “Transformar Praga em Seattle” (CHRISPINIANO, 2002, p.15).

A tentativa de elucidar o cenário presenciado por Chrispiniano (2002), sem tornar repetitivo os acontecimentos em Seattle dá-se, em uma analogia, no sentido de que pontos em países diferentes tomam iniciativas, as quais se desencadeiam em uma *ação conjunta*. A possibilidade promovida pelos pontos de rede de internet e a presença de voluntários do CMI nestes eventos de organização social internacional obtinha o

interesse da *participação* de jovens, acadêmicos, jornalistas, ativistas etc., quase que em uma *ressonância consensual* dos trabalhos em relação ao Centro de Mídia Independente.

E a todo vapor, os Indymedia em plena atividade, o que vale a pena dedicarmos uma atenção a fim de traçar as primeiras atividades e repercussão do Indymedia, da transcrição do livro, e pelas palavras do autor, no trecho intitulado “O Indymedia”:

Em uma sala abafada pelo excesso de gente, nos fundos de um prédio residencial, cinquenta pessoas, entre seus 20 e 30 anos, a maioria mais para 20 do que para 30, discutem o último ponto do encontro: políticas para se lidar com a mídia. Mais precisamente, com a corporate media ou mainstream media. Em português, com a grande imprensa. Bem-vindo à primeira reunião do Centro de Mídia Independente, ou Independent Media Center, ou Indymedia, de Praga. Os Indymedias são grupos de comunicação pela internet que oferecem textos, fotos, vídeos e áudio. Forma uma espécie de agência de notícias alternativa, ativista e descentralizada, ligada em uma rede de websites, cuja porta de entrada é o endereço www.indymedia.org. Começaram junto com o protesto de Seattle e desde então vêm se multiplicando em diversas cidades no espírito do movimento, ou seja, autônomos e descentralizados, mas sob uma série de princípios de trabalhos comuns. Já existem centros em dezenas de cidades nos Estados Unidos e Europa. Também existem Indymedias no Brasil, em Israel, Austrália, México, Congo e outros países. Recebem mais visitas do que muitos projetos empresariais para o “público jovem” que valem centenas de milhões de dólares. Porém, empresários nunca criariam um site sem hierarquia, anúncios ou controle editorial, em que qualquer um pode escrever o que quiser e da um *upload*, colocando sua matéria no site a partir de qualquer computador. Quem faz essa rede são multidões de voluntários, sob a ideia de que todos são testemunhas, portanto todos podem ser jornalistas. Pela velocidade com que crescem, se tivessem suas ações na Nasdaq, provavelmente elas estariam entre as mais disputadas do mercado. Mas o Indymedia não seria o Indymedia se tivesse fins lucrativos ou ações na Nasdaq. Na reunião há norte-americanos, europeus e israelenses de diferentes aptidões (design, vídeo, áudio, web, texto, foto, tradutores), mas nenhum tcheco. O coordenador expõe, para iniciar as discussões, como foi trabalhada a questão da mídia nas manifestações em Washington. (p.33 e 34)

Esta passagem do livro, apesar de descrever mais especificamente sobre o momento em Praga, colabora imensamente com as perspectiva de *movimento*, das nuances das decisões e do conhecimento das Indymedias com os outros pontos de coletivos ativos. Esta interligação de países e a mensuração de identificar os pontos, México, Congo, Israel e Brasil, expõe o fortalecimento da rede, da sua identificação com jovens de diferentes países, de jornalistas, estudantes, todos em si voluntários, em um mesmo sentido de participação de fazer uma mídia independente.

Este recorte designa a efervescência das organizações em torno do Centro de Mídia Independente na Europa e na identificação de coletivos no Brasil e de outros exemplos que não pudemos alcançar, entre os primeiros coletivos do Brasil, o de São

Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A sequência da ativação destes coletivos não é precisa, podendo ser datada de 2000, introduzindo o início das atividades do coletivo da cidade de São Paulo e das produções de documentários, produzidos pelos coletivos do Rio de Janeiro.

Cada ponto de redes de coletivos das cidades brasileiras e os pontos de redes de coletivos internacionais levanta a seguinte consideração de um encontro mundial, o qual ultrapassa o espaço geográfico e legitima a funcionalidade criativa do ciberespaço, como parte de um processo em cooperação, que desencadeia uma participação informacional da internet, jamais vista por outro veículo de informação. No tocante a isso, atinge um dos meios mais poderosos da humanidade, que é a comunicação, e “*a revolução contemporânea das comunicações, da qual a emergência do ciberespaço é a manifestação mais marcante, é apenas uma das dimensões de uma mutação antropológica de grande amplitude*” (LÉVY, 2003, p.183).

Assim, Seattle, Praga, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Gênova e Belo Horizonte, em uma orientação de conhecimentos contextualizados da história dos movimentos antiglobalização, e no *movimento de movimento* do Centro de Mídia Independente, Europeu, Americano e Brasileiro sem barreiras de informação, permitem o crescimento desta reflexão, no sentido da somatória das suas diferenças, unidas em uma espontaneidade de trajetórias da vida social.

Não há uma linearidade da ativação de coletivos, percebemos um conjunto da obra destes pontos de rede através dos eventos citados e documentados por pesquisadores; completando este quadro, o trabalho da ativista Julia Ruiz di Giovanni (2007), a partir de uma etnografia de relatos, configurou-se no seu trabalho final de dissertação, no tocante à leitura, passagens vividas nos eventos de Seattle 1999, Praga 2000 e em Gênova em 2001⁵¹. Neste conjunto bifurcado, há uma necessidade de valorizar estes olhares e experiências, em que o quadro pintado é “multicolor”, e a “paisagem de fundo” e *subterrânea*, está para além dos valores ditos políticos, pois é o ativismo e a luta pela liberdade, que identificamos como motivações de superfície, porém não menos valorativos, mesmo que ainda não completos, teremos a oportunidade de aprofundá-los mais adiante.

⁵¹ Gênova, ano de 2001, pode ser interpretada como o conhecido G8, grupo dos sete países mais ricos do mundo, incluindo a Rússia. A repercussão deste encontro atraiu 300 mil pessoas nas ruas, mas que marca o fim de uma fase, dos movimentos, marcada pela morte de Carlos Giuliane, marca as passagens e experiências

No retorno do encontro destas experiências, vividas por Giovanni (2010), de suas etnografias de relatos em cinco anos como ativista e como participante e “*representante de articulações políticas em nível internacional*”, (p.9), e a sua passagem por Gênova em 2001, em uma de suas passagens dissertativas relata como se deu o interesse por estudar os movimentos antiglobalização, e quando teve como menção o movimento anti/alter-globalização. Em suas análises relata que:

A maior parte das análises existentes sobre o movimento anti/alter-globalização (tal como definiremos a seguir) foi produzida até hoje por ativistas, lideranças de movimentos e membros de ONGs. A literatura acadêmica sobre o tema é rara no Brasil, e há muito trabalho de descrição e interpretação a ser feito. No meu caso, a proposta de trabalho acadêmico deve muito a uma experiência anterior de aproximadamente cinco anos, como ativista, participante e por vezes representante de articulações políticas em nível internacional, tanto em protestos de rua quanto em encontro de vários tipos. Quando ouvi falar do tema pela primeira vez, era estudante de Rádio e Televisão e organizava, com um professor de filosofia, um grupo marxista mais recente. O grupo de participação flutuante recebia eventualmente visitas de ativistas, que relatavam suas histórias da “prática”.

É considerável esta perspectiva, até o momento do trabalho desenvolvido por Giovanni (2010), em considerar o tema dos movimentos anti/alter-globalização como uma “literatura rara”, que de fato ainda se apresenta escassa, em comparação a outras temáticas. Quando feita a apropriação do movimento antiglobalização como pesquisa, pouco é aprofundado, pendendo a explicação “antiglobalização”, como slogan dos novos movimentos, como consensual.

Porém, na análise de discurso do documentário trabalhado no primeiro capítulo, não há menções desta palavra presente nos comentários dos manifestantes em Seattle, já abordadas anteriormente, mas a fim de expor a citação e o meio de desenvolvimento e criação vividos pela ativista, e no tocante ao nosso foco, a passagem de momentos cruciais deste cenário diferenciado dos fenômenos e organizações sociais e o movimento dos movimentos, como o CMI, eclodiam dos meios universitários.

Em continuidade à citação anterior:

Em meados de 2000 tomei contato, ao mesmo tempo, numa dessas reuniões, com dois projetos diferentes. De um lado, alguns estudantes da USP estavam reunindo recursos para criar o Centro de Mídia Independente no Brasil (CMI-Brasil) e buscando articular, de forma independente, uma manifestação “autônoma” e “criativa”, que deveria fazer parte de um “dia de ação global”, convocado para o dia 26 de setembro (S26) simultaneamente aos protestos que aconteceriam em Praga, por ocasião da reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. De outro lado, um jornalista

brasileiro, membro da ATTAC- Ação pela Taxação das Transações financeiras e Apoio aos Cidadãos, dedicava-se à construção de um grande encontro internacional que deveria reunir em Porto Alegre cerca de duas mil pessoas, representantes de organizações, movimentos e redes ativas na “contra globalização”: O Fórum Social Mundial (FSM). (GIOVANNI, 2010, p.9).

Partindo da perspectiva antropológica de trazer os movimentos antiglobalização, a esta altura a pergunta seria se não deveríamos nos dedicar somente aos eixos recortes do CMI. Em resposta, diria que dentro desta perspectiva estaria incompleto e insuficiente para trazer o “movimento dos movimentos”, termo designado ao CMI pelos próprios voluntários. Sem uma literatura formal a descrever este quadro de manifestações ao redor do mundo, possibilita-se uma vertente mais sensível às experiências destes pesquisadores, e esta marca também as primeiras formas, ainda tímidas, do Centro de Mídia Independente. Os pequenos passos espalham-se como ideia de criação de coletivos; é como se pudéssemos “pegar” os primeiros passos e chegar próximos antes mesmo de tê-lo como grupo de formação política, em busca dos pequenos momentos de exacerbações e das motivações ainda primárias das ideias juvenis muito vivas, fortes e convincentes.

Vale o risco de parecer repetitivo e exaustivamente descritivo dos relatos destes indivíduos que felizmente dividiram suas experiências, colocaram em sentido acadêmico e esforçadamente, seus sonhos e experiências em formato de livros e dissertações; também não analisamos os discursos, apenas relacionamos os contextos pesquisados e as experiências em relação ao seu conteúdo.

Percebemos através destes “dados concretos” de pesquisas bibliográficas que os primeiros períodos do CMI, partem de um “ensaio” à organização, apesar do pequeno recorte investigativo, e, diga-se de passagem, limitado, por não conter uma grande gama de produção de experiências dos outros coletivos, no que resulta na ausência de narrativas e matérias compiladas para o aprofundamento destas histórias; acabamos por fazer este exercício de transformar opiniões em dados específicos pela pesquisadora.

Adotando por fim, alguns apontamentos resolutivos de interpretação destes dados, que consistem no primeiro ciclo do Centro de Mídia Independente:

Do ano de 1999 até 2001, o Centro de Mídia Independente, como movimento dos movimentos, se desenvolve em meio à política internacional, estritamente influenciado pelos eventos de Chiapas, Seattle, Praga, Gênova, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, expandindo para outros pontos do mundo que,

particularmente, pesquisados ao longo do tempo, venham a contribuir na construção deste histórico.

Como vemos existe uma tendência sutil do virtual se perpetuar nas diversas formas reais, para as cidades, para as pessoas; é disso que se trata quando lugares diferentes, línguas diferentes e pessoas diferentes encontram um meio o qual permita que possam embarcar em novos significados, tanto materiais quanto subjetivos.

Este canal é o virtual (LÉVY, 1997), ou o virtualis, que é “derivado por sua vez de virtus, força, potência” (p.15); esta é de alguma forma a fala com que podemos nos referir ao nosso presente, ao contemporâneo. O fortalecimento dos pontos de rede de coletivos seguem através destes eventos internacionais e nacionais, a fim de promover a mídia independente e publicar notícias, elucidado como momento propício para as atividades da rede Indymedia, que significa muito mais do que viver a “realidade”.

E é no canal do virtual que Lévy (1997) nos ajuda a configurar um quadro que ainda não tínhamos nos dado conta, que além de haver a internet e os pontos de nós e de rede, há muita vida no virtual, e este não é ausência de realidade e quebra com o que o autor chama de forma enganosa de interpretar o real e o virtual. E considera os significados de “realidade”, do real, aquilo que é da “ordem do “tenho”, e ao virtual, caberia a “ordem do “terás”, (p.15), dando uma ideia daquilo que é virtualização, ilusão.

Esta dicotomia entre virtual e real nos toma uma perspectiva possível de ver o CMI, que lida com os problemas reais, e busca possíveis formas de transformação a partir de notícias focadas nos novos movimentos sociais e em seus princípios a partir do meio virtual. Como apresentamos o virtual, ele não é ilusório, mas um campo da criatividade e de possíveis maneiras de informar.

O Centro de Mídia Independente, neste primeiro momento, alega através deste breve levantamento bibliográfico o bom funcionamento da comunicação horizontal e dos pontos de rede de coletivos (pontos estáticos) e da sua comunidade virtual (ponto da rede), uma facilidade sincronizada de realizar esta proposta em fortalecer este “nó” da rede e os “nós” possíveis ao CMI, em que seus membros (voluntários e voluntários), independentes de suas origens, poderiam estabelecer de forma descentralizada (independente dos lugares e espaços-geográficos), uma comunidade em comum, mesmo que “*não presente*” (p.20)

Para Lévy (1997):

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus

membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com o mínimo de inércia. (p.20)

E esta cultura nômade, claramente influenciada pelo virtual aparece nas experiências ativistas de Caires (2010), de Chrispiniano (2010), e de outros pesquisadores, ativistas e pessoas bem comuns, em que soa e ecoa nestas passagens dos indivíduos pelo CMI⁵², pelos novos movimentos que esbarram continuamente nos temas polêmicos de Gênova, de Seattle, na Ação dos Povos e exigem estas presenças de afinidades temáticas, não diria em sequência, mas em círculos, começando em Chiapas com os Zapatistas, ou surgindo de um lugar para todos os lugares.

Um destaque importante nesta passagem, quando a colocamos numa ideia circular, esta profundamente ligada à desconstrução da linearidade da história e dos sistemas, apesar de compreender a existência e importância de dar sentido às histórias regionais-mundiais, o que é altamente valorizado, mas sem os rigores quase opressivos e muito mecânicos do pensamento.

Pensar em um “primeiro momento” e “segundo momento”, de um jeito “real” e, no entanto “virtual”, é dar margem à continuidade do tema, de suas tomadas de referências sublinhadas por aqueles que tiveram interesse muito subjetivo de compilar a visão coletiva, multifacetada e variante destas passagens contemporâneas, ao contrário de nos agarrarmos com todas as capacidades do pensamento, da inteligência ou da ciência.

A ausência de respostas sempre é muito estimulante, o que fez do CMI tão presente nesta sociedade, de maneira significativa e tão conflituosa; talvez esteja para as ambiguidades assim como está para uma “política”, apesar de partir de uma ideia comunitária e agregadora que, dentro da sua descentralização semelhante a outras competências políticas, é transformada pelas paixões que alimenta.

Fica a cargo deste “primeiro momento”, os elementos que atingem as novidades e a “onda” do aparecimento de novas possibilidades. Houve de forma muito favorável

⁵² Mais à frente, a apresentação do Brad Will, jornalista, ativista do CMI.

uma quebra paradigmática, por parte da sociedade civil, em ver uma dinâmica a partir dos espaços, das identidades, das diferenças sociais e acolhe-se nos novos movimentos sociais estas dimensões antropológicas dos fluxos subsequentes destes momentos da vida social.

Tentamos dar nuances temporais à reflexão deste “primeiro ciclo”, e na tentativa de responder a esta proposta, ou pelo menos pontuar esta passagem temporal do Centro de Mídia Independente, colocaremos da seguinte maneira:

O Centro de Mídia Independente, por nascer em meio ao surgimento dos novos movimentos sociais, torna-se um meio legítimo de referência para estes meios sociais por oferecer informação diferenciada das grandes mídias tradicionais, o que o torna um meio de questionamentos e de conflitos. A mídia CMI “vive” a informação, dado o seu cunho ideológico e ativista.

O CMI se estabelece como uma ferramenta propícia a dar visibilidade às diferenças sociais, que com elas também percebem movimentos sutis para situações práticas e concretas, como os meios dos ciberespaços e sua potencialidade criativa, proporcionados pelos novos meios do virtual e pela abundância de criação, unindo instâncias da sociedade: jovens estudantes, movimentos sociais e sindicalistas, o que soa como a mudança que o mundo esperava.

O Centro de Mídia Independente ecoa nos meios intelectuais, tradicionais e alternativos como meio de mídia independente, e como meio de novas configurações de fácil instalação pelo mundo, necessitando da identificação de alguns elementos simples: um computador e a rede de internet.

Em sequência ao item anterior, espalham-se em uma velocidade imensurável os pontos de coletivos (estáticos) pelas cidades e países, o que fortalece os pontos e nós da rede pelo mundo; aqui o sentido da globalização em curso é a do “cidadão global”, ampliado na comunidade virtual.

O aspecto dos caminhos do virtual, da internet e da tecnologia, dialoga com a comunicação e com a informação e ultrapassa as análises sociais sobre a individualização pelo meio virtual. O CMI, como grupo, coletivo e comunidade virtual aproxima as nuances contemporâneas, as quais conversam com a cultura. Existe um favorecimento por parte das ciências sociais em trabalhar os aspectos tecnológicos sob a perspectiva antropológica, sociológica e política.

“O cidadão do mundo” aumenta a possibilidade de um questionamento ao insistir se uma nova interpretação da sociedade é válida? Ver as matizes culturais por outro ângulo é permitido? E possível de tal apreensão compreensiva?

Diria que o caminho que vemos dentro desta perspectiva do advento do novo: novos movimentos sociais, novas formas de se pensar o coletivo/individualismo, virtual/real, corrompe-se com as formas clássicas e tradicionais de se pensar os espaços geográficos e sua transitoriedade.

Cada um destes apontamentos está ligado a uma quebra paradigmática das ações coletivas, e a palavra que designa o envolvimento do Centro de Mídia Independente e o seu aparecimento na sociedade, está muito mais para um aparecimento da “solidariedade orgânica” e para as solidariedades⁵³.

Outro aspecto fundamental ao “primeiro ciclo” a que chegamos próximos da consideração final destas ideias, é a marca declarada do CMI junto ao seu tempo, de jeito a dizer que o sopro do “otimismo” se descobre nesta busca de *pertencer a tudo (mundo global e cidadão)* sem negar suas raízes (costumes locais, regionais); ao contrário deste pensamento de fazer parte, mesmo às diferenças reivindicadas, o fortalecimento do CMI é por deixar-se ser *parte da vida – valorizando as notícias, pessoas e suas trajetórias*, e propondo ao sistema tradicional e individualista, um sistema orgânico coletivista. O amanhã não foi pensando, pois viver o hoje afirma a negação social e aceitabilidade polissêmica.

7.2 “SEGUNDO CICLO” DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE BRASIL

Se no primeiro ciclo do Centro de Mídia Independente estava muito presente de forma física e entre os conflitos e embates sociais, no segundo ciclo, de forma comparativa, há uma ausência significativa dos coletivos (estáticos) nos locais e na participação da produção in loco das notícias centrais.

Outra diferença significativa, que pode ser colocada no segundo ciclo, se refere às dificuldades de comunicação com coletivos estáticos, estabelecidos nos pontos e locais de cidades variadas. Assim, alegamos uma lacuna na comunicação horizontal do CMI Brasil, não havendo um retorno por parte de voluntários que constroem ou, no caso, construíam os coletivos.

⁵³ Em uma breve análise do documentário – CMI - aparece muitas vezes.

Após várias tentativas de contato ao longo da pesquisa, através de e-mails, o qual se sustentaria como um procedimento padrão entre os voluntários de coletivos interessados em retirar dúvidas, e voluntários esporádicos (os que apenas publicam, mas não fazem parte de nenhum coletivo estático), o e-mail faz parte das listas de contato de muitos coletivos da lista Brasil, e a ausência de respostas nos direciona a afirmar que há uma mudança na organização do CMI, principalmente na comunicação horizontal, e esta seria a ligação do CMI com as demais formas de contato.

Os coletivos ausentes de atividade (pelo menos na ausência de notícias em suas regiões) e que identificamos como em um estado como “desativados” do CMI seriam os coletivos de Porto Alegre, Caxias do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. E por ventura da contrariedade, é a ativação de um coletivo na cidade de Tefé no Amazonas, diferentemente das listas de coletivos desativados, que há pouco tempo entrou na lista de coletivo (estático), com atividades na comunidade, e uma página em funcionamento, juntando-se aos coletivos em funcionamento da cidade de Florianópolis e São Paulo; os demais coletivos (não retornaram e-mails), o que dificulta uma posição de “ativado” ou “desativado”.

O mais importante de todo este exercício em alegar as diferenças no funcionamento da comunicação horizontal, sustenta uma das mudanças fundamentais deste “segundo ciclo”. Pois consideramos que o CMI, após 11 anos de funcionamento, encontra um estado de “esgotamento” na configuração de coletivos estáticos, alegando uma mudança significativa no interesse destes coletivos em permanecerem como referência nestas regiões.

Mas também foram nestes 12 anos que a internet deixou de ser uma novidade, e adentrou ao cotidiano das pessoas, transformando a centralização de notícias e meios de comunicação em muitos pontos de referências, os quais são procurados e acessados com frequência, dado o conteúdo de notícias muito próximas aos temas dos novos movimentos sociais, sob os mesmos traços e objetivos do Centro de Mídia Independente.

Os meios pelos quais as notícias circulam, ganham “vias velozes” pelas redes de internet, utilizando os suportes de comunicação dos blogs específicos, twitter e facebook, para informar, permitindo outra rota para as notícias, e de como acessá-las. Os conteúdos de notícias, sobre variadas fontes, podem ser lançados no facebook, e consecutivamente ser multiplicado pela rede, dado o interesse dos usuários.

Estes canais e vias de rede também se equiparam a um meio de comunicação e informação muito potente a variações de notícias, e vai desde o entretenimento aos conflitos sociais, protestos, mesmo que este exercício seja somente informar. Estamos falando nas possibilidades de *circulação da informação*, é disso que tratamos de identificar, pois a circulação coloca em interação a informação, sobre as demais localidades. Com as regionalidades constrói-se o global.

Diferente da centralização e focos do CMI, o qual incorpora um cotidiano de conflitos em seu site, de validar um aspecto *estético* (MAFFESOLI, 1997) e que desencadeia sentimentos e sensações muito particulares do olhar proposto pelo CMI, sentimentos internos do coletivo para com as sensações conflitantes da vida social.

Em pleno século XXI, a internet conseguiu marcar em pequenos espaços de tempo, a diferença com que as pessoas se comportam em relação à informação. Desencadeia marcas muito profundas e encontra outros caminhos possíveis de se chegar às pessoas, apesar de suas fontes tornarem-se um tema consequente da internet e das redes, pois é entre estas configurações que há uma maneira de compreender que “o poder deve tudo à potência subterrânea” (MAFFESOLI, p.15), e esta potência subterrânea, da qual fala Maffesoli, se encontra em profundidade nas questões agregadoras do comunitário; além dos discursos, está a ligação que surge e impulsiona estes movimentos efêmeros que assistimos nestes períodos.

O CMI assume a espontaneidade da sua organização possível de se adaptar às mudanças provenientes do tempo. E de um tempo muito particular sobre como se coloca o uso da internet, possibilitando em diversas comunidades virtuais, coletivos e pontos de rede. Por isso não há uma alternativa ou alternativas, mas muitos meios e não só opções.

O CMI não quis assumir um poder, mas exercitar um sonho coletivo e valores agregados por transformação, que se dissolve ou se contamina na sociedade, em meio aos últimos acontecimentos citados no primeiro capítulo desta dissertação. Buscamos traçar um pensamento que desemboca na fonte das manifestações contemporâneas, sem determinarmos um fim ou até mesmo uma conclusão; vemos, ao contrário das finalizações reflexivas, a marca com que se evidencia o CMI, pois favorece muito do que temos vivido, e é revigorado sem bastar somente aos seus fins.

Pois o CMI, dentro de seus princípios, se colocou à disposição de poder viver o “hoje”, e por ser dinâmico, assume a condição de um grupo pronto para se dissolver,

transformar e circular em meio à sociedade. Opondo-nos ao processo contínuo, de começo, meio e fim, muito próprios da linearidade, compreendemos, lançados à perspectiva do tempo, de medir através do progresso das coisas, o que para muitos seria o “fim” do CMI. Diríamos que as mudanças particulares apontadas sinalizam para a multiplicidade de ações coletivas através da internet e da rede.

Tornou possível, e exercita-se este meio independente que é a própria internet, cheia de conflitos, desafios e espionagens, típicas da sociedade, transportadas para o campo do ciberespaço. A informação, as notícias dos novos movimentos sociais e os acontecimentos de cunho político se dissolvem no ambiente social, permanecendo vivos.

A “boa disposição”, de voluntários não pertencentes aos coletivos, em “colaborar” com um trabalho acadêmico, deveras se mostrou surpreendente, em comparação ao quadro de tentativas estabelecidas pelas listas de contato dos coletivos regionais, em que a não obtenção de respostas no período de 2011 e 2012, alega uma mudança estrutural e de funcionamento no quadro do CMI-Brasil, tornando fundamental a introdução ao “segundo ciclo” do CMI.

Algumas pesquisas do CMI, (CAIRES, 2010), colaboram imensamente com a decisão de realizar a interpretação do “primeiro ciclo” e “segundo ciclo” do CMI, tendo aprofundamento do levantamento de dados pela área das Ciências da Comunicação, e sendo observada a disposição de voluntários do CMI: aproximadamente 44 respostas ao questionário elaborado pela pesquisadora da Universidade de São Paulo.

Dentre tantos novos movimentos da luta de cidadãos globais, e quando retornamos insistentemente a tocar em Seattle, Praga e em Gênova, estamos apresentando a face em que eclode a “política” do Indymedia, a prática e o seu lado mecânico, para introduzir o que chamamos de “estética”, do estar-junto, o que liga os nós comunitários destes coletivos, comoventes por atrair além da “luta política”. Seu aspecto quase invisível aos primeiros olhares, mas existente ao sentimento de pertencimento, há um coletivo sobre um “bem comum”.

O risco de trazermos esta outra possibilidade de ver o CMI nos coloca em risco dada a literatura muito estabilizada das “políticas de luta”, das “concepções políticas”, da “juventude voraz por política”, dos “críticos políticos”. E em hipótese alguma, estes apontamentos serão direcionados a uma desvalorização do pensamento, ao contrário,

servirão para disponibilizar a gama de interpretações que são possíveis; há espaço para ideias diversificadas e este é o direito estabelecido pelas “óticas”.

As motivações expressas neste trabalho de pesquisa possibilitam o sentido de transformação como início introdutório, onde tudo se modifica; tanto os movimentos sociais, como a própria organização são fragmentárias, efêmeras e alternantes.

Pensar no Centro de Mídia Independente, como algo finito, não seria o caso da nossa motivação, tão menos seria, dizer que ele acabou precipitado na condução do pensamento. Apenas em incentivo à leitura, diria que este grupo de mídia independente, diferente do resultado de finalizar suas atividades, chegou nestes 11 anos em seu ápice de objetivos, e como notaremos, o espaço da rede do CMI apreende o sentido da descentralização dos seus fins de informação pela rede de internet.

Atribuímos esta descentralização de pontos de notícias e constatamos inicialmente, que dada as circunstâncias sociais, vivemos especialmente em tempos retratados por fenômenos culturais específicos, em exemplos explicitados como o dos (Anonymous, Wikileaks, Occupy Wall Street, etc.), colocados nos parâmetros da sociedade da informação e os usos da rede (facebook, twitters, etc.); o processo de conhecimento aplicado às tecnologias, age e faz reagir nesta sociedade contemporânea.

As notícias, publicações e imagens circulam livremente pela mídia da internet, no facebook, rede de relações sociais, onde pode ser compartilhada e amplamente divulgada por amigos dos amigos, antes mesmo das grandes mídias, gerando comentários e compartilhamentos, e em poucos segundos, milhões de pessoas são informadas sobre uma determinada notícia.

Em alguns casos, a grande mídia já não corresponde ao papel central de informações, quem faz a rede em grau generalizado são os espectadores e leitores da grande mídia, os mesmos que, em uma maioria, utilizam das redes de internet. Neste sentido, existe uma expressão de cidadãos, mesmo que a sequência, e aspecto de conteúdo não estejam ligados à crítica. Estes são um dos meios ativos da internet, e não canais de comunicação.

Castells (2003) vê a internet como um meio de “potencial extraordinário” (p.135), e que encerra uma extraordinária tomada dos direitos cidadãos, e junto deles a comunicação e os valores humanos. Para o autor, a internet não tem como substituir a mudança social, ou a reforma política, mas nivela de forma relativa, o que ele encara como “manipulação simbólica”, pois são as fontes da comunicação que “*contribui de*

fato para a democratização”. A internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento. (op.cit.p.135)

Atribuindo esta qualificação dos meios de comunicação da internet, assim como da circulação das notícias, inclusive nas redes de relações sociais, diria que o Centro de Mídia Independente alcança o meio desejado, pois a notícia é para todos e consegue estabelecer uma corrida entre as mídias tradicionais; o conteúdo em imagens e vídeos não exclui as notícias dos novos movimentos sociais, lembrando-se da grande repercussão do caso do Pinheiro, da Marcha das Vadias, dos Guaranis e recentemente dos Zapatistas no facebook; há disponibilidade e espaço para comentários, apesar de pouco aprofundamento dos conteúdos, ainda que seja uma constatação superficial, alega-se que nem no espaço do CMI havia tanta profundidade temática e crítica, apesar deste espaço ser cedido.

Este item também não era de todo um exercício cotidiano, raramente algumas notícias tinham tamanha repercussão perdurando por dias com comentários acima de comentários, e isso pode ser alegado por qualquer visitante à rede, que constatará a ausência de comentários em muitas notícias; a internet, em um sentido geral, fornece por vários meios a circulação de notícias, ainda que haja necessidade de autenticar as fontes.

Dentre a ligação do *movimento dos movimentos* como o CMI, com o movimento cidadão global, nos serve como parâmetro das ideias, a fim de contemplar as contribuições de Bringel e Munoz (2009), em relação ao movimento antiglobalização, lugar em que surge o CMI e consecutivamente o CMI Brasil, para ajudar a identificar estes inícios e inserir um conjunto de ideias, pois as semelhanças temporais coincidem com o cenário que acabamos de sustentar.

Bringel e Muñoz:

Dez anos depois de Seattle, afirmamos que “o movimento antiglobalização morre como ator, mas goza de excelente saúde” (BRINGEL, ET AL., 2009, p.218). Com isso, queremos dizer que o movimento antiglobalização não está sustentado por aquelas características básicas que lhe identificavam no seu início: em termos organizativos houve um progressivo desmantelamento das principais convocatórias de ação global, tanto de protesto como de proposta; as identidades tornaram-se ainda mais difusas e, dificilmente, encontramos militantes que se auto definam como ativistas do movimento antiglobalização propriamente dito (ou de qualquer de suas variações terminológicas); e sua incidência é certamente muito mais limitada. Esgotou-se um modelo e um

ciclo de mobilização. É certamente muito mais limitada. Contudo, esta crise como ator internacional não pode nublar a identificação de vários de seus legados que continuam mantendo acesa a chama da contestação global (COHEN e RAI, 2000; MCDONALD, 2006), agora diluída em diversas redes contestatórias com conexão *global* e em um amplo repertório de ação coletiva transnacional. Desse modo, a dissolução por êxito do movimento antiglobalização como ator e a permanência de suas contribuições e legados se manifesta hoje em um novo ativismo transnacional que, para SMITH *ET al.* (1997) e TARROW (2005), não se diferenciam tanto por sua manifestação internacional, mas pelas conexões que estabelece entre as várias esferas de atuação, do local ao global, passando por todas as escalas intermédias. Consideramos que este novo tipo de ativismo transnacional é, em grande medida, herdeiro do movimento antiglobalização que, como qualquer outro ator ou realidade social, muda, evolui, adquire novos contornos e está submetido a dinâmicas cíclicas e a uma série de reajustes materiais e simbólicos. Uma das mais interessantes consequências dessas mudanças é analisar em que medida o deslocamento da contestação política e social global do centro do sistema-mundo (principalmente Estados Unidos e Europa), no qual o movimento antiglobalização ficou conhecido midiaticamente, a outros cenários do Sul Global como a América Latina, Ásia ou África contribuirá à descolonização do poder e do saber, dando às redes sociais globais um novo caráter menos eurocêntrico. Finalmente, no plano teórico, o aparecimento do movimento antiglobalização no cenário internacional levou a uma reconsideração e a uma ruptura com as teorias clássicas das ações coletivas e dos movimentos sociais, limitadas ao marco estatal, inaugurando uma nova era de contestação global (p.35,36).

Direta ou indiretamente, se de alguma maneira havia uma centralidade de notícias, ela chega ao seu apogeu, dada a pluralização de meios possíveis na rede, e a tendência da descentralização permite a existência destas mudanças porque remete aos elementos de acesso fornecidos pelos meios de comunicação da rede.

O CMI se apresenta, neste contexto, como fragmentado e efêmero. Esta interpretação faz parte dos períodos de mudanças, que Maffesoli (1997) sustenta como típicos do período pós-moderno. Assim, como da própria afirmação da ideia do novo e dos novos movimentos sociais, esta ruptura entre os valores propostos pelos CMI, surgidos em Seattle, de forma espontânea, ou *grassroots*. E neste seguimento, a espontaneidade permite que outras formas surjam em meio à sociedade, soando pluralista, e contraditória ao mesmo tempo em que se assume nesta sociedade contemporânea.

O CMI, por pertencer a esta sinergia dos novos movimentos, se permite não ser estático, por isso a interpretação nos leva a compreender que o CMI Brasil vive e se permite ser dinâmico, e se encontra por aí, em meio às novas e outras novas formas coletivas, para além de um único pensamento e organização, o CMI está entre as sinergias do presente desta sociedade contemporânea.

8 BRAD WILL, UM “ROSTO” DO CMI, NÃO UM MÁRTIR

Em muitos momentos a ideia de trazer a participação intensa, e a vida intensa, vivida por Brad Will, acompanhou este trabalho. Talvez por dizer tantas coisas difíceis e complexas, as quais envolvem os sonhos de uma juventude que busca um mundo melhor ou apenas vivê-lo de maneiras diferentes, e até mesmo uma maneira de aproximar quem poderia vir a ser estas pessoas que estão envolvidas nos coletivos. No tocante a isso, a figura do Brad Will coloca um “rosto” para todos aqueles que conheceram ou se envolveram com o ativismo do CMI, e no caso do Brad, em tantas reivindicações como em defesa ambiental, social, comportamental, cultural, todos estes apontamentos, talvez em todos os lugares, menos no lugar de um mártir.

Brad Will, jovem jornalista, ativista, ciberativista, morre assassinado em Oaxaca no México no dia 27 de outubro de 2006, em uma rebelião popular no México, em que de um lado mantinham paramilitares e de outro lado, o “povo”, o qual declarou autogoverno através da APPO (Assembléia Popular do Povo de Oaxaca).

No mesmo momento em que Brad Will filmava, soa um disparo; o tiro foi direcionado por parte dos paramilitares, direto ao peito do ativista. E a narração do documentário que usamos para nos inspirar, intitulado “*Uma noite a mais nas Barricadas*”, conta de que, mesmo após o tiro, a câmera de Will continuava fazendo a gravação no entorno, captando as vozes, o desespero, o chão..., pois Brad mantinha a câmera na mão enquanto era retirado da zona de conflito, e ninguém se deu conta de que a câmera ainda estava a gravar.

Esta é uma das primeiras cenas do documentário produzido pelo CMI, intitulado “*Uma noite a mais nas Barricadas*”, propiciando um olhar lúdico, e diríamos que também *estético*, do envolvimento do ativista pela vida que levava. A impressão deixada pelo documentário é altamente marcada pelos valores construídos e vivenciados pelo Brad, pela sua participação e gosto de estar em meio às pessoas, de suas viagens ao Brasil, de seu espírito jovem e coletivo, exemplos traçados nas ações diretas e muito coloridas pelas imagens contidas no documentário.

A estética em Maffesoli (1997), já trabalhada anteriormente como o estar-junto, no sentido comunitário, como nesta interpretação, se dá de maneira fluida no próprio cotidiano e pelas próprias atividades do Brad; aparentemente esta interpretação parece não condizer com o envolvimento e a identificação da política e do ativismo de Brad,

mas insistimos nesta “beleza” tomada pela própria criatividade de viver a vida destes indivíduos.

O modo de vida de Brad, relatado pelas falas dos seus amigos, resume uma estética coletiva do próprio cotidiano, consistindo na experiência de estar em moradias coletivas, doadas por outros coletivos em uma rede de solidariedade mútua, gerando a solidariedade destes moradores e dos visitantes aos coletivos.

Sobre este estilo de vida de Brad Will e o cenário cotidiano relatado por seus amigos, perpassam em suas falas momentos muito particulares que descrevem um pouco deste ativismo que está inserido no modo de vida destes indivíduos, como no relato da “caça” a uma bicicleta, a qual pode ser encontrada no lixo de Nova York, ou no seu envolvimento e nível de informação dos acontecimentos da cidade, dada a intensa relação de Brad com muitos coletivos e diversos contextos de reivindicação, o que o tornava uma pessoa informada e procurada por muitas pessoas para direcionar as atividades na cidade, seguindo para as várias participações em intervenções, de Nova York para o mundo, por assim dizer; sua vida seguia o ritmo da reciclagem de alimentos, e o uso de transportes alternativos, completa toda esta prática diária e cotidiana.

Sua inspiração, difícil de ser relatada, mas em uma breve gravação, aponta ter vindo das ações dos grupos indígenas zapatistas de Oaxaca, assim como do CMI e da resistência no Sul Global, muitas delas motivadas e documentadas pelo próprio ativista, seguidas das ações diretas, entre elas a de 1998 na cidade de Oregon. Esta ação direta consistiu em subir em árvores e até em morar em uma delas por alguns dias a fim de impedir o desmatamento daquela região. Em uma intenção de protesto e de proteção Brad foi um dos primeiros a se inspirar para tal ato, pois para ele “é preciso pensar nas gerações futuras” (“*Uma noite a mais nas Barricadas*”).

Todos estes apontamentos nos servem de modelos a destacar a estética e o viés comunitário que liga e compartilha de fato os bastidores que fazem o ativismo. Também é o que faz referência a uma mudança que talvez não estejamos atentos, à primeira passagem, porque seu assassinato rompe com esta estética do mártir, não era a morte pelos ideais, mas sim a vida pelos ideais, marcada pelas ações de técnicas não violentas e não armadas por parte dos manifestantes, uma das marcas e expressões contemporâneas, que sabem ser a quebra paradigmática dos novos movimentos sociais; também, como referência e já citado anteriormente, foi a marca de Seattle.

O debate sobre a violência é constante entre estes grupos, como o CMI, pois podem apresentar formas diferentes de táticas, marcando debates em torno destas temáticas de ação direta. Neste caso e em uma breve comparação de movimentos sociais e antigas organizações sociais, a visão da morte em torno de indivíduos ressaltava a imagem da extrema entrega de um líder a um ideal; é essa visão que abandona o mártir ou o líder que morre pelo ideal.

Nos novos movimentos sociais se abandona essa figura de representação de um grupo coletivo, e suas formas de protesto são fortemente marcadas pelo caráter festivo, intenso e comunal destes grupos, o que sinaliza outro aspecto paradigmático em torno dos novos movimentos sociais, e da visão de mundo destes mesmos grupos, ou das “redes de grupos de afinidade”⁵⁴ contemporâneos.

Porque “não queremos mártires”⁵⁵, e sim libertar estas concepções; e estes valores são expressos pelas condições que não estão no campo do futuro, do concreto, mas ligadas às histórias de cada um, porque a “vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. (...) a particularidade expressa não apenas seu ser “isolado”, mas também seu ser “individual” (HELLER, 1970, p. 20).

Deixando as marcas no presente, o motivo de tal exposição deste ativista do Centro de Mídia Independente destina-se à reflexão destes grupos de hacker ativistas da produção da informação e da sua circulação através da produção de documentários, meio de produção de informação altamente difundida pelas redes (NEVES, 2010), ajudando na capacidade de circulação na esfera pública.

Desta maneira, citamos o documentário de Brad:

Um ano depois da morte do ciberativista nova-iorquino, outro ceemista publicou no site do CMI-Brasil e em outras plataformas de vídeo-sharing o vídeo *Brad- Uma noite a mais nas barricadas*, para homenagear a memória do “solidário” assassinado. O realizador declara que a produção desse vídeo forneceu-lhe a oportunidade para que completasse um projeto iniciado seis anos antes, como o ciberdocumentário *A20: Não começo em Seattle, não vai terminar em Québec*, para narrar a diversidade dos movimentos anticapitalistas do começo deste século. O necrológico de Brad Will efetivamente desata uma autobiografia coletiva, narrando a trajetória comum de muitos ciberativistas, incluindo a do próprio realizador, de pseudônimo Videohackers (NEVES, 2010, p.139).

⁵⁴ Narrado por Miguel em “Uma noite a mais nas Barricadas”.

⁵⁵ Quando mencionado o nome de Brad Will, e em muitas pesquisas, esta referencia é sempre mantida, também comentado sobre o caso de Carlo Giuliani morto em Gênova em 2001.

Este recurso “documentário”, produzido de forma independente, colaborou de forma significativa para a construção deste trabalho, permitindo o embasamento teórico e prático dos coletivos. A produção de documentários independentes transcende as tecnologias computacionais, os novos sentidos da comunicação e da informação, e aglutinam estas informações as quais estavam dispersas na internet, além disso, leva-nos a pensar que esta leitura que acabamos de fazer nos dá muitas ideias diferenciadas sobre as rígidas formas contidas entre o ativismo, os movimentos sociais e no que concerne à vida propriamente dita das passagens compartilhadas dos indivíduos envolvidos nestes coletivos. No caso, fica como ilustração, a passagem do CMI e o rosto do Brad Will.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção deste trabalho cabe citar, nas considerações finais, os caminhos traçados para a realização do mesmo, dentre estes, a busca incessante pelo “universo do ciberativismo”, pois é dele que parte o Centro de Mídia Independente, e não dos “clássicos movimentos sociais”.

Para o aprimoramento e as vivências, as quais não caberiam pontualmente na dissertação, e por escolha de objeto, não foram citadas as passagens nos eventos das “Conexões Globais 2.0 em Porto Alegre- RS”, em 2012, e em São Paulo no mesmo ano, como forma de inserção à pesquisa do ciberativismo e das redes que envolviam o “I Simpósio em Tecnopolítica: Imbricações Sociais” na USP, tendo como resultado, o aprimoramento e apreensão da escrita do primeiro capítulo deste trabalho.

Como observamos na apresentação do próprio objeto, há um esforço dedicado na formalização do conteúdo, baseado a partir de dados ditos informais e já citado anteriormente. Foi a partir desses dados ditos informais, adquiridos e compilados nos “princípios” do CMI assim como do conteúdo na rede, dos documentários e de trabalhos anteriores, que se construiu este trabalho, porém, o consideramos apenas um “pontapé” inicial, marcando uma passagem cultural muito própria deste grupo de mídia.

Buscamos os recursos visuais e os suportes de pesquisas diretas dos documentários com conteúdos sobre mídia, sobre o CMI e as atualidades pertinentes ao que diz respeito ao grupo CMI, buscando, neste caminho, a contextualização histórica desta sociedade a qual está em mudanças visíveis no campo da comunicação e das figuras dos hackers citados anteriormente; e atentos aos casos deste aparato contemporâneo temático que traçamos como SOPA, PIPA, Wikileaks e Primavera Árabe; no tocante a isso, todos eles dizem respeito ao surgimento e às dinâmicas do Indymedia e do Centro de Mídia Independente.

Vemos a face dos ciberespaços, os quais dão o “tom” ou a harmonia às culturas e multiculturas que circulam pelo virtual, e temporalmente constroem conhecimentos para serem compartilhados, próprios das ideias da virtualização “em estar presente para os outros e para si”, (LÉVY, 1996, p.147).

Neste sentido, entre a contextualização, encontramos os “períodos” do CMI, tornando imprescindível a sua investigação de caráter antropológico-sociológico e, apesar de não haver a intenção ou a pertinência de conclusões, acompanhar esta

movimentação de alternância com que este grupo ou este “movimento dos movimentos” (CMI, 2005) se encontra no Brasil.

Dadas às características da rede CMI, assim como da “identidade” de cada Coletivo, que não teriam como ser apreendidas neste trabalho, tanto a nível local como a nível global, estas aproximações interpretativas poderiam vir a ser completamente equivocadas, concomitantemente aos cenários traçados de maneiras diversas, por isso a generalização não alcança a dimensão necessária.

Coube às atividades dos coletivos a nível nacional (estáticos), como de um funcionamento do que se diz *coletivo local*, *observar a “inatividade” ou a “desarticulação” de coletivos no Brasil, o que remete a uma maioria em comparação aos “primeiros períodos do CMI”*. Estes já não são encontrados no “segundo ciclo do CMI”, e esta cautela denota a particularidade e a multiculturalidade, que são assumidas em cada canto das sociedades destes coletivos.

Dos coletivos que permanecem ativos (Curitiba, São Paulo, Florianópolis), as publicações direcionadas desses coletivos locais já não são tão frequentes, mas permite pensar na dimensão alcançada pelo CMI, em sua disseminação como ciberespaço e a multiplicação das discussões reais partidas do virtual.

Ao mesmo tempo, o CMI cumpre com os seus “princípios” de disseminação da informação e da circulação desta informação; talvez concluir como fim ou conceituar estes momentos do CMI como não correspondentes aos primeiros períodos e como o encerramento da ausência de cumprimento de “projetos”, também seria insuficiente.

Porém, levamos em consideração que tanto as “atividades de coletivos” como a sua “não atividade” a qualquer momento pode ser modificada, pois para a ativação do coletivo basta o interesse de retorno às atividades deste grupo político de mídia. Além disso, é uma maneira de incitar novas pesquisas, o que compreendemos como criatividade para pensar nas novas formas de ação coletiva, imbricando mídias, coletivos e redes de internet; esse é o caso de muitos coletivos de arte contemporânea, os quais possibilitam todas estas menções.

Queremos agregar com esta observação que, a partir do CMI surgem muitos outros coletivos - sem nomeá-los diretamente - que buscam especificamente, através da rede de internet, a comunicação que vem aliar tanto a subjetividade quanto a objetividade em outras formas de coletivos. Observar que uma “inatividade” significa mais criações é o ponto que lançamos e dedicamos a chamar a atenção.

Observamos que as informações, dado o fluxo das realidades, continuam a ser postadas, concluindo que existem voluntários na atividade da rede, contando com os *voluntários técnicos* responsáveis pela manutenção geral da rede, porém, são os voluntários que se identificam com “a informação e a publicação” na rede CMI, que mantêm esta “vida” constante que pode ser observada de maneira simples por qualquer acesso realizado ao site.

O CMI, a partir desta concepção por nós adotada, como meio comunitário em que a política e a subjetividade, no tocante ao “olhar o outro”, através da câmera ou do espaço dedicado e da “participação como voluntário”, sustenta este “nós” que muito energiza estes “acontecimentos do mundo que não cessam de voltar a si e de recriar-se” (LÉVY, 1996, p.150). Isso somente acontece por apresentar uma estrutura não somente diferenciada como permissiva a uma criação estética, coletiva e sensível, muito mais potente no seu dinamismo e passível a mudanças, podendo retornar às criações e “pulsões juvenis” das coisas nascentes assim como da sua morte ou transformação, pois é completamente possível transformar-se em outra coisa ou em outras coisas; esta é a liberdade alcançada quando nos apropriamos do sentido da alternância daquilo que se modifica e que permite concepções variadas ao longo do tempo.

A questão é que os meios de rede de internet, assim como os meios de comunicação (facebook, twitter, etc) que se inserem massivamente na sociedade, dando sentidos diferentes à circulação da informação é algo que pode ser compartilhado e multiplicado em muitos pontos diretos das redes pessoais. E apesar do conteúdo ser diverso como sátiras, comédias e montagens, o compartilhamento de fontes independentes como revistas eletrônicas, jornais on-line e vídeos compartilhados, são os novos movimentos sociais em circulação e à disposição de uma gama muito mais extensa de indivíduos do que no início da popularização da internet.

Deve haver uma menção mais sensível quando pensamos em tecnologias e sobre a virtualização, campos comuns apresentados nos casos do coletivo do Centro de Mídia Independente. Antes mesmo da abordagem anunciada do CMI, a introdução dedicada às redes de internet (Castells, 2003) desencadeou na “cultura da internet”, tendo a sua ligação posterior como consequência às descobertas de rede que possibilitam uma introdução a este universo da cibercultura e do ciberativismo (Lévy, 1996).

Lévy (1996) propõe ao virtual um meio possível de identificar as mudanças provenientes de nosso tempo, e fala destes arranjos como uma “arte transversal”

(p.149), visualizando o sentido comunitário no qual “esculpe” o virtual e chega às instâncias políticas.

Falo de arte e de estética porque, como muitos, a consternação me invade assim que considero a instância política tradicional. Mas trata-se, no fim de contas, de fazer prevalecer uma *preocupação artística*, critérios propriamente estéticos (os que acabamos de evocar), um espírito de criação no seio mesmo da ação política, assim como na engenharia mais “puramente técnica” ou – por que não? – nas práticas econômicas. (op.cit.p.149)

Nesta relação apresentada entra a *estética* de Lévy (1996) e a *estética* de Maffesoli (1997), onde se observa a capacidade interpretativa de um retorno à capacidade de ver a comunidade e o comunitário de maneira possível dentro da perspectiva desta pesquisa desenvolvida através do virtual e da rede de internet através do coletivo do CMI.

Os ciberhackers e os ciberativistas do CMI e de outros grupos de afinidades da rede e o nomadismo virtual ocupam um lugar no ciberespaço o qual permite a criação e a criatividade que não vê barreiras entre real e virtual, colocando na prática cotidiana a desterritorialização, através do virtual, num fluxo de acontecimentos (LÉVY, 1996) reais.

A mais alta moral dos nômades deve tornar-se, neste momento de grande desterritorialização, uma nova dimensão estética, o próprio traço da criação. A arte, e, portanto a filosofia, a política e a tecnologia que ela inspira e atravessa, deve opor uma virtualização requalificante, inclusiva e hospitaleira à virtualização perversa que exclui e desqualifica. (op.cit.p.150)

Tornar-se-ia um julgamento impreciso e de difícil conclusão apontar a relevância de ser *positiva ou negativa à sociedade*. Ainda não se pode dizer de forma plausível sobre os efeitos surtidos por estes novos comportamentos adquiridos; o tempo, ainda que cedo, é sempre propício aos palpites de uma futura mudança devendo ser visto com cautela, ainda que aprofundada por muitos teóricos capazes de um palpite mais lógico.

Considerando a *não lógica* e a *criatividade* tomada pela capacidade humana, diria que há muito que se esperar das quebras paradigmáticas do comportamento humano perante as tecnologias informacionais que cada vez mais são tomadas no dia a dia, transformadas e adaptadas aos interesses e conveniências dos consumidores e, se isso é relativo, o que deveria estar em jogo é a quantidade de leitores ou a modalidade da sua leitura.

A reflexão em questão é sobre as possibilidades de meios com que as pessoas possam estar dinamizando a sociedade; os efeitos de uma mídia independente não causou alarde nas grandes mídias tradicionais, mas tornou-se um meio possível de canal de comunicação diferenciado, com outro interesse até então não repercutido no cotidiano.

As contribuições das obras de Castells (2003) e de Lévy (1996) tornou possível perceber, a partir das tecnologias de rede, internet e cultura, o lado *humano* destas trajetórias de criação que estão nas formações das comunidades virtuais, dos coletivos e dos grupos de mídia como o CMI.

Considera-se que este trabalho buscou atentar para a contextualização das temáticas relacionadas às tecnologias da rede de internet, à sua política e às formações culturais de comunidades ciberativistas e dos coletivos que emergem do virtual para o real.

A rede torna-se a rede das redes, cada vez mais surgem coletivos que fazem uso das redes de internet e adotam a informação independente, apropriando-se dos meios tecnológicos, não se limitam a pertencer ao campo político, ao contrário disso, surgem grupos de afinidades culturais ao redor do globo sobre o foco da arte, da música e da cultura, assim o eixo da informação independente se apresenta como eixo fundador desses grupos, talvez as novas formas das ações coletivas.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ANTOUN, Henrique. **As lutas da Multidão e o Futuro da democracia na Cibercultura-3a**. VII Colóquio Brasil França de Ciência da Comunicação e da Informação- INTERCOM, 1993

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006

BÉNILDE, Marie. **Internet semeia a palavra democrática**. Dossiê Le Monde Diplomatic Brasil. Ano 1, julho/agosto, 2011, p.37-39.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004

BURGER, Marcelo Wanderley. **Centro de Mídia Independente: ativismo político na Internet e ação direta nas ruas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CARRARO, Dilcene. SAMPAIO, Simone Sobral A Arte da resistência; Mídia independente e Luta Anticapitalista. Disponível em:<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/33562-43496-1-PB.pdf>

COELHO, Teixeira. **A modernidade de Baudelaire**. Tradução: Suely Cassal. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

COSTA. Antonio Luiz M. C. **Nós e o mundo: Cercas no ciberespaço**. Revista Carta Capital. Ano XVII n° 682, 1° de fevereiro, 2012, p.30-35.

CASTESLLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura** (3 volumes). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia da Internet; Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____.; CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em rede do conhecimento à ação política**. Conferência promovida pelo Presidente da República: Belém, 2005

CHAMPAGNE, Antoine. Pivacidade: **Vigilância extrema na internet**. Le Monde Diplomatic Brasil, janeiro, 2012, p.36-37.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1991

CHRISPINIANO, José. **A Guerrilha Surreal**. São Paulo: Conrad; Com-Art, 2002

GADEA, Carlos. A. **Dimensões analíticas para compreender as ações coletivas na atualidade.** *Desigualdades sociais na América Latina: outros olhares, outras perspectivas.*Org. José Luiz Bica de Mélo; José Rogério Lopes. São Leopoldo: Oikos, 2010.

GASKELL, George. BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som.** Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 2007

GILLMOR, Dan. **Nós, os media.** Lisboa: Editorial Presença, 2004.

GIOVANNI, Julia Ruiz Di. Dissertação apresentada ao programa de pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. **Seattle, Praga, Gênova: política anti-globalização pela experiência da ação de rua.** 2007.

GOODWIN, Jeff. **Democracia sim, plutocracia não! Ocupar Wall Street.** Le Monde Diplomatic Brasil, novembro 2011, p.17.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais,** Petrópolis: Vozes, 2003.

HABERMANS. Jürgen. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel. (Org). **Comunicação e Indústria Cultural:** leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1978.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1970

LÉVY, Pierre. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2000

_____. **O que é o Virtual?.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática.** Tradução: Carlos Irineu da Cotsa, Rio de Janeiro. Ed.34, 1993.

LIBERATO, Leo Vinícius maia. **Movimento anitglobalização: distinções analíticas e uma crítica a Alain touraine.** Revista eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 1 n°, agosto-dezembro/2003,p.70-86

LOJKINE, Jean. **A Revolução informacional.** Tradução José Paulo Netto. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, Murilo Bansi; SAVANOSI, Rodrigo; SILVEIRA, Sergio Amadeu. **A Luta anônima contra o poder difuso.** Le Monde Diplomatique- Brasil; março de 2012.

MARTINS, Francisco Menezes Martins; SILVA, Juremir Machado da. **Para Navegar no século 21: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura.-** 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensão do homem**, Cultrix, São Paulo, 1971.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. 4.ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz- Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A transfiguração do Político**. 1997

MARTINS, Antonio. **Stop Sopa: hipóteses sobre a luta pela internet livre**. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net>>. Acesso em: 20/01/2012

MARTIN, Sérgio. **Castells debate os dilemas da internet**. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net>>. Acesso em: 17/01/2012

NEVES, Bráulio de Britto. **Prefiguração de contrapúblicos em Brad- Uma noite mais nas barricadas**. Revista Galáxia, São Paulo, n.20,p.134-135, dez, 2010.

OLIVEIRA, Mario Henrique. **Acampa Sampa uma versão brasileira**. Revista Fórum, novembro de 2011, p.8-9.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ° ed. Brasília: Paralelo, São Paulo. Edunesp, 2000.

PELLANDA, Nize Maria, PELLANDA, Eduardo Campos. **Cyberspaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: artes e Ofícios, 2000.

RUBLESCKI, Anelise. **Metajornalismo alternativo no jornalismo líquido: estudo de caso do CMI- Brasil**. Revista eletrônica Animus. R. Interamericana de Comunicação Midiática. http://www.ufsm.br/revistas_E-INSSN2175-4977, v.11, n.21, Jan-Jun (2012). Acesso em: 21-10-2012

RIBEIRO, Mara Regina Rodrigues. **As Representações Sociais sobre Desenvolvimento em Santa Maria – RS**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ROVIRA, Jordi. Castells, sobre Internet e Rebelião: “É só o começo”. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net>>. Acesso em: 01/03/2012

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000

SEGURADO, Rosemary. **Documentário e percursos da vida contemporânea**. Revista Aurora, nº 1, 2007

TOUSSAINT, Éric. 15 de outubro: **A grande vitória dos indignados**. Revista Fórum, novembro de 2011, p.14.

VIZER, Eduardo Andrés. **A Trama (In) visível da vida social: comunicação, sentido e realidade**. Porto alegre: Sulina, 2011

WALLERSTEIN, Immanuel. **Occupy Wall Street: quatro etapas e um desafio**. Revista Fórum, novembro de 2011, p.11-13.

ZETTLER, Vanessa. **A humanização de um espaço: A Praça da Liberdade**. Revista Fórum, novembro de 2011, p.6-8.

SITES

<http://docverdade.blogspot>

<http://editoraderiva.miltiply.com>

<http://centrodemidiaindependente.org.br>

<http://www.eagora.org>

<http://www.apublica.org>

<http://www.outraspalavras.net>.

FILMOGRAFIA

“Brad” Uma noite mais na barricadas- Centro de Mídia Independente- Vidiohacher- 2006

“Quarta Guerra Mundial”. Direção: Rick Rowley, Produção: Big Noise, 2007

“Wikileaks Wikirrebels”- SVT- Direção: 2010.

“This is what Democracy” Looks Like. Independente Media Center, Produção: Big Noise, 2000

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM EX-VOLUNTÁRIO DE PORTO ALEGRE/RS

Na tentativa de contemplar ao que concerne a participação no Centro de Mídia Independente, buscamos trazer, além da inspiração da participação da pesquisadora⁴⁵, uma entrevista que se contempla esta movimentação ao dia-a-dia do CMI.

Dentro de um contexto vivido pelo CMI, e que posteriormente poderemos aprofundar no “segundo ciclo do CMI”, verificaremos as mudanças às quais se justifica neste início, dada a ausência de respostas de e-mails por parte de voluntários do CMI, assim como da imensa dificuldade de encontrá-los dispostos á falar sobre o CMI, “outros tempos”⁴⁶.

Esta entrevista só foi possível pelo contato de um amigo disposto a participar contemplando este cenário, a entrevista realizada com um ex-voluntário do CMI – Brasil, do coletivo de Porto Alegre enriquece esta gama dos primeiros ciclos de atividade do CMI, de alguma maneira se desenha um cenário de fundo da cidade de Porto Alegre-RS, e da explosão do CMI em torno do mundo.

Esta entrevista foi fundamental para uma aproximação do objeto enquanto “meio e prática social” dos indivíduos, pois trás a narrativa do indivíduo, ex-voluntário CMI, aproximando o que antes pertencia apenas a perspectiva descritiva.

A entrevista ocorreu em outubro de dois mil e doze, intitulos como B.J, participou do coletivo nos períodos de 2001 há 2003 do coletivo de Porto Alegre, o qual já não se encontra mais “ativo”, de maneira significativa foi um dos coletivos mais ativos junto a Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis.

T- Então B.J, o que é ser um jovem ex-voluntário CMI?

B.J- Dez anos atrás eu participei, estava com uns dezoito, dezenove. Foi uma das primeiras experiências que eu tive, e estava recém começando naquelas atividades políticas. Eu já tinha uma base, um interesse no anarquismo, estava começando a frequentar as festas punks hardcore de Porto Alegre. Eu já estava começando em 1999, começo de 2000.

T- É o Bumm ?

⁴⁵ Em 2005, houve a oportunidade de participar do início de um dos coletivos do CMI, o de Balneário Camboriu e Itajaí- não permanecendo mais do que um ano em atividades.

⁴⁶ Nota Minha.

B.J- É o “Bumm”, é o “Bar do João”, era outra cidade. E só para registrar teve ontem um quebra pau com os policiais, porque nos últimos anos foram se perdendo muitos espaços (na cidade de Porto Alegre). E no meio disso eu entrei em contato com o CMI, na ideia de fazer mídia independente. Eu já estava fazendo jornalismo na PUC, então eu imagino que tenha sido na faculdade que eu tenha descoberto isso, porque eu realmente não me lembro de como é que foi o primeiro contato no CMI.

T- *Então em meio ao jornalismo, e o ativismo, como foi que você conheceu o CMI? Quando você de fato disse, quero participar disso?*

B.J- Pois é eu não me lembro de quando foi a primeira vez que eu ouvi, porque era uma coisa meio louca, naquela época, não tinha internet por exemplo. Eu tive internet em 97, mas era internet discada, só mais tarde em 2003 fui ter internet de fato.

T- (...) *quando ela já estava se popularizando.*

B.J- É, quando ela já estava se popularizando, e aí eu já estava um tempo no coletivo, e aí marca o princípio do CMI de Porto Alegre.

T- *Ele (CMI), desencadeia primeiro em São Paulo na verdade, no Rio em seguida...*

B.J- Em conjunto na verdade, porque tem o vídeo A20, que foi a primeira produção, aliás, os produtores eram do Rio.

T- *Como foi a tua primeira atividade?*

B.J- Na verdade eu não fui na primeira atividade, na verdade agora eu estou me lembrando direito. Tinha rolado uma atividade de criação do CMI em Porto Alegre no Gasômetro, eu não cheguei a comparecer, mas fiquei sabendo da repercussão dessa atividade, e cheguei a comparecer em uma segunda reunião e foi uma reunião menor.

T- *Muita gente?*

B.J- Não, foi menos gente, e aí foi um pessoal que era mais envolvido com a Federação Anarquista Gaúcha, e foi daí que eu conheci uma galera. Quando eles vieram me comentar da Federação anarquista, é quem de fato queria puxar o coletivo CMI, era o pessoal da Democracia socialista do PT, que era um pessoal que já tinha uma relação institucional com a Prefeitura de Porto Alegre, da rede de juventude. E daí o pessoal acompanhando este processo, todos viram que “pô”, qual é a coerência disso?! Se a Carta de Princípio do CMI é justamente não estar envolvido com partido político, não

estar envolvido em órgãos governamentais, e como o pessoal totalmente orgânico no estado iria fazer isso né? Seria como tipo um golpe interno, para fazer um golpe dentro do CMI assim! Acho que surgiu isso, mesmo que a tendência libertária que estava tendo, sendo criada no CMI de São Paulo, era outra, era bem diferente da federação Anarquista Gaúcha, da resistência popular.

T- Acho que é importante destacar esta diferença, dos coletivos do CMI.

B.J- Sim, é importante para ver como o coletivo do CMI de São Paulo trabalhava e o CMI de Porto Alegre. Uma das coisas que eles estavam fazendo, quando eu entrei e que já estava rolando era tipo um coletivo que eu também estava entrando na UFRGS. Mas eu já fui conhecendo uma galera, que era do Largo, de Viamão, de Santa Isabel, o coletivo COLUP, coletivo de luta popular.

T- Fala um pouquinho mais, já que estamos falando de um cenário de Porto Alegre, e o qual não aparecerá em outro coletivo.

B.J- Em Porto Alegre era uma efervescência cultural, bem diferente do que a gente vive hoje, ainda no tempo do presidente Fernando Henrique Cardoso. A CUT, por exemplo, bancava que vários movimentos pudessem estar participando de várias manifestações nas ruas, dentro do sindicato. E o pessoal do COLUP, por exemplo, de um grupo de estudantes dentro da universidade, eles tinham uma ideia de ampliar o conhecimento – eu sempre me lembro de uma frase de que a ideia seria desapropriar a ideia do conhecimento da universidade. A universidade é um exemplo de concentração de conhecimento que tem que repassar para a população.

T- Você quer dizer, que o conhecimento fique só para ela, dentro dela?

B.J- É, o acesso à informação é muito mais difícil, era preciso formas mais alternativas. Por mais que a população não entre no site do CMI, mas pelo menos hoje você tem acesso à isso, antes tinha que sei lá, utilizar um fanzine.

T- No tempo dos fanzines então, como jeito de fazer circular a informação pelo meio de trazer o que de fato está acontecendo, diferente, ele casaria com um jeito que o CMI faz, ou tinha a possibilidade de colocar em circulação o que estava acontecendo com os movimentos.

B.J- É justamente por causa disso, que acabava ou fazendo com que as manifestações não tivessem repercussão, ou caso ela fosse muito grande ou virasse alguma “coisa”, era a forma de criminalizar.

T- Como a gente ainda vê.

B.J- É uma constante assim, desde que inventou a imprensa, ela foi sempre utilizada para difamar os movimentos sociais, os movimentos de contestação. E aí a ideia era de recuperar, como a ideia meio de recuperar, do século XX com os jornais anarquistas eram, por exemplo, tão fortes quanto os jornais que não eram do movimento operário, dos grupos mais patronais. Então a ideia de que se cria uma imprensa autônoma, que tem uma perspectiva de quem está sendo explorado mesmo, de quem está sendo oprimido, e que siga estes interesses também, que não tenha o “rabo preso” com empresas, com o dinheiro, e que se pense de forma horizontal.

T- Gostaria de “circular bem” a ideia deste “horizontal”, que ela diferencia tudo, pela proposta que ela tem.

B.J- Sim, a ideia de coletivo justamente se coloca como implicada neste conceito de coletivo que é a horizontalidade, que não se tenha chefes né, editores. E aí a gente abre muito também podemos pensar que está (não horizontalidade), está sujeito à mutação, com instrumentos que vão contra a proposta do Indymedia.

T- fala um pouco das atividades, e que tipo de atividade você chegou a participar? Para ter um panorama, que momento você entrou e em que momento você saiu? Quando você deixou de participar do coletivo. Foi de 2001 há...?

B.J- Foi de 2001 a 2003.

T- Onde foram realizadas as atividades? A Sede? Tinha-se um local específico para os computadores ficarem, o que de fato era feito, toda esta rotina.

B.J- Havia as oficinas de comunicação comunitária, nós trabalhamos muito com esta ideia de estar também fortalecendo uns grupos que estivessem, o pessoal trabalhou muito mais no trabalho de base na Restinga (bairro de Porto Alegre), e começaram a ocupar a rádio comunitária da Restinga, e começaram a publicar as notícias, o CMI acabava sendo repercutido na rádio comunitária. E tinha gente mais ativa do que eu.

T- E pessoas de uma faixa etária, muito jovens?

B.J- Uma galera mais na idade universitária, de 18 a 24 anos. Mas dentro deste processo também fui encontrando pessoas com mais experiência. As duas oficinas mais legais foi de uma oficina interna, que era de “formação de formadores de comunicação”, de comunicação comunitária. Tinha o “Senhor Prudêncio”, um quilombola formado em publicidade, um senhor muito conhecedor, trabalhou muitos anos na publicidade, em movimento social e aí ele nos deu várias dicas, de como produzir uma notícia, que quebre com a lógica dos meios de comunicação. Os meios de comunicação vão trabalhar com a ideia de que a notícia é descartável, ela só para aquele dia, então muitas vezes a ideia de que tem que fazer uma notícia que tenha a durabilidade, que ela continue sendo novidade por mais que ela demore a chegar às pessoas. Acho que esta é a ideia da temporalidade da notícia.

Isso pra mim descrito de que a gente recebeu a proposta do coletivo nacional nos chamavam mais focados na galera de São Paulo que gerenciava, mas também começaram a se criar outros coletivos, procedimento de inclusão dos coletivos. Nós éramos um dos primeiros coletivos.

T- Então estas foram uma das experiências, você chegou de fato a colocar alguma notícia no sítio do CMI, alguma notícia?

B.J- Da coluna da direita.

T- A coluna central ela ainda não...

B.J- Então, a coluna central ela se coloca na da direita, mas se avisa para o coletivo editorial pela lista de e-mails nacional, que vai lá analisar a notícia e vê se vale a pena colocar, se está de acordo com a política.

T- e computadores, lembra-se da época do cybercafé, acho que era o de São Paulo o único que tinha, não era?

B.J- Então, o que é isso?

T- Quando você deixou de participar? Quando houve o desinteresse?

B.J-Foi mais de ordem pessoal, estava de saco cheio, então não é relevante para isso. Mas pode ser a falta de experiência. Além disso, era uma época complicada, PUNK.

T- As questões pessoais não estão distantes deste envolvimento, isso faz parte.

B.J- É, faz parte. E também as questões das reuniões, eram marcadas, e depois

demarcadas e ninguém avisava. Também rolou alguns problemas, em que um pessoal conseguiu um contato com um a produtora de vídeo, que estava acompanhando as manifestações do MST, e dois caras que pareciam ser super gente boa, e acompanham o CMI, e depois veio a se descobrir que eles eram do exército. E O CMI junto ao MST seria a proposta de ser uma parceria, o no final estava ficando perigoso.

T- Vários insights, cenários diferentes.

B.J- Porto Alegre vivia outra época, o Fórum Social Mundial também, jornadas anarquistas, teve também o encontro nacional do CMI, alugaram um prédio e chamaram muitas pessoas daqui.

T. E você tem muito contato com estas pessoas da “rede”?

B.J- Sim (Não citando nomes).

T. O Centro de Mídia Independente vai para a vertente de uma filosofia anarquista, ou de uma prática anarquista?

B.J- De uma filosofia não, de uma prática, porque a ideia é de que tenha abertura para outras expressões também.

T. E hoje? E hoje, como você vê o CMI? Para dividir, eu escrevi alguns e-mails, colocando em prática a questão da comunicação horizontal, e acabei não recebendo nenhuma resposta, ao contrário do que aconteceriam alguns anos atrás. Eu já não estou dentro, mas eu fazia parte. Então eu sinto essa mudança, pelo próprio retorno. Como é que tu opinas assim?

B.J- O CMI ele se desmanchou, mais ou menos por essa época de 2004, o CMI de Porto Alegre, porque o do Brasil também é bem estranho assim, existe uma relação meio complicada de dizer CMI Brasil, nós fomos a umas reuniões, conhecíamos algumas pessoas, e aí também têm uma divisão assim dentro do CMI, que a gente problematizou, na reunião mais ampla, a gente não chegou a problematizar, dentro da reunião, mas enquanto coletivo de Porto Alegre, que era justamente a divisão entre coletivo técnico e o de produção de mídia. A produção de mídia, passa pela produção técnica também, principalmente quando passa pela discussão de ter uma câmara cara, uma discussão pela edição de vídeo, era para poucos, era só para o cara que tinha grana para viajar para a Europa, e comprar o “troço”, então a gente viu, que existe uma

hierarquia do coletivo técnico, e do coletivo que seria mais “orgânico”. E isso era problemático. Dentro do coletivo técnico se tem a ética muito hacker também, porque o hacker tem toda esta preocupação com a segurança com o anonimato, da internet. Também uma coisa que vale a pena é a discussão sobre o copyright e o copyleft, e fazer essa discussão. O CMI sempre foi baseado no copyleft

T. Que é a livre reprodução...?

B.J- Que é a Livre reprodução, só que para o uso não comercial.

T. Livros, camisetas, documentários...

B.J. Certo. O do uso comercial, era só para quem estivesse dentro do coletivo, então eles tinham o direito comercial, tipo camisetas, adesivos. Para participar do coletivo, a ideia é não ver a camiseta do CMI nas lojas Renner, por exemplo, ou por Bolivianos em São Paulo, como trabalho escravo, não dá para dar abertura para coisas sem coerência.

T- (O B.J- Comenta sobre um hacherativista, que produziu na linha de pesquisa do softwarlivre, era do CMI, entrou em contato com o CMI Global.)

B. J -A meritocracia, eu não sei se eu falei mas este é que é o lance, você tem que ter uma dedicação para este dentro disso, é a rede colaborativa, asa vezes o pessoal não estava instruído para estar colaborando. Eu antes não entendia nada de informática.

T- Internet, Informática, Rede, têm tudo haver, casa o CMI.

B. J- O Zapatismo também.

B.J- Eu acabei usando mais o CMI depois que saí, estava postando no CMI direto, como as Cotas na UFRGS.

T- Sobre as mudanças, eu tento amarrar as concepções de redes, internet com o CMI, e as mudanças que a própria internet proporciona como você vê o CMI nisso?

B.J – Por isso que não dá para dizer que o CMI está desarticulado, mas que se transformou na verdade, eu estou fazendo uma cadeira de “Sociologia de movimentos Sociais”, e cita Seattle 1999, mas não cita o CMI. Mas quem estava em Seattle, quem vive o CMI.

(...)

Valeria muito à pena continuar a dividir a narrativa de B.J, porque de alguma maneira, tem haver com um olhar mais crítico, e explica a tentativa de esclarecer o CMI, e a sua importância nas histórias, e o seu significado dentro do contexto das ciências sociais, ressaltando a sua relevância social para o contexto contemporâneo.

A abordagem metodológica adotada nesta etapa do trabalho, contou com a técnica de pesquisa de vídeo, para a gravação da entrevista, sobre o método qualitativo, estabelecendo através da conversa informal o conteúdo necessário, sobre a construção das perguntas abertas. Em muitos momentos, deixou-se adentrar a observação participante, em que a pesquisadora participou de um dos coletivos no ano de 2005, porém, não adentra esta narrativa como escolha metodológica, e também não é trabalhada nesta perspectiva da dissertação por não achar suficiente o conteúdo para o campo de pesquisa.

APÊNDICE B – QUADRO DE PONTOS DE COLETIVOS DO CMI

América do Norte	América Latina	Ásia	Europa	Oceania
Hamilton Maritimes Montreal Ontário Ottawa Quebec Thunder bay Vancouver Victoria Windsor Winnipeg	Argentina Bolívia Brasil Chiapas (mex) Chile Chile, sul Colômbia Equador México Peru Porto rico Gollasuyu (bol) Rosário (arg) Santiago (chi) Tijuana (mex) Uruguai Valparaíso (chi)	Burma Índia Jacarta (ins) Japão Manila (fil) Mumbai (ind) Quezon (fil)	Alemanha Alicante (esp) Andorra Antuérpia (bel) Armênia Atenas (gre) Áustria Barcelona (esp) Bélgica Belgrado (scg) Bielorrússia	Adelaide (aus) Aotearoa/nova Zelândia Brisbane (aus) Burma Darwin (aus) Iacarta (ins) Manila (fil) Melbourne (aus) Oceania Perth (aus) Quezon (fil) Sydney (aus)
Estados Unidos	Oriente Médio	Brasil	Europa	
Arizona Arkansas Atlanta Austin Baía de são Francisco Baía de tampa Baltimore Binghamton Boston Búfalo Carolina do norte	Armênia Beirute (lin) Israel Palestina	Belo Horizonte- São Paulo-SP Curitiba-PR Joinville-SC Florianopolis-SC Porto Alegre-RS Santa Maria-RS Tefê- AM	Bristol (ing) Bulgária Chipre Croácia Escócia Estreito de Gibraltar Euskal herria/país BascoFlandres ocidental (bel) Flandres oriental (bel) Galiza	

Charlottesville Chicago Cleveland Colorado Columbo Danbury, ct Estados Unidos Filadélfia Hampton Roads, Va Havai Houston Hudson Mohawk Idaho Illinois, sul Ítaca Kansas City Los Angeles Madison Maine Massachusetts, Oeste Miami Michigan Milwaukee Mineápolis/st. Paul Nova Hampshire Nova Iorque			Grenoble (fra) Holanda Hungria Irlanda Istambul (tur) Itália La Plana (esp) Liege (bel) Lille (fra) Madri (esp) Malta Marselha (fra) Nantes (fra) Nice (fra) Noruega Paris/ilha-de-frança (fra) Polônia Portugal Reino unido Romênia Rússia Suécia Suíça Tessalônica (gre) Toulouse (fra) Ucrânia Valência	
--	--	--	--	--

*Quadro criado pela autora.

Fonte: WWW.centrodemidiaindependente.org.br

Este quadro representa os pontos de coletivos estáticos nas cidades referentes aos respectivos países. Porém, depois de tantos anos de CMI, seria complexo confirmar a atividade de todos estes pontos de coletivos, nos cabe perceber tamanha repercussão do CMI em um determinado período.

ANEXO A – IMAGENS E SLOGANS DO CMI



Símbolo do Indymedia
Fonte e acesso: CMI data: 08-10-2012



Símbolo na página CMI
Fonte e acesso: CMI data: 08-10-2012